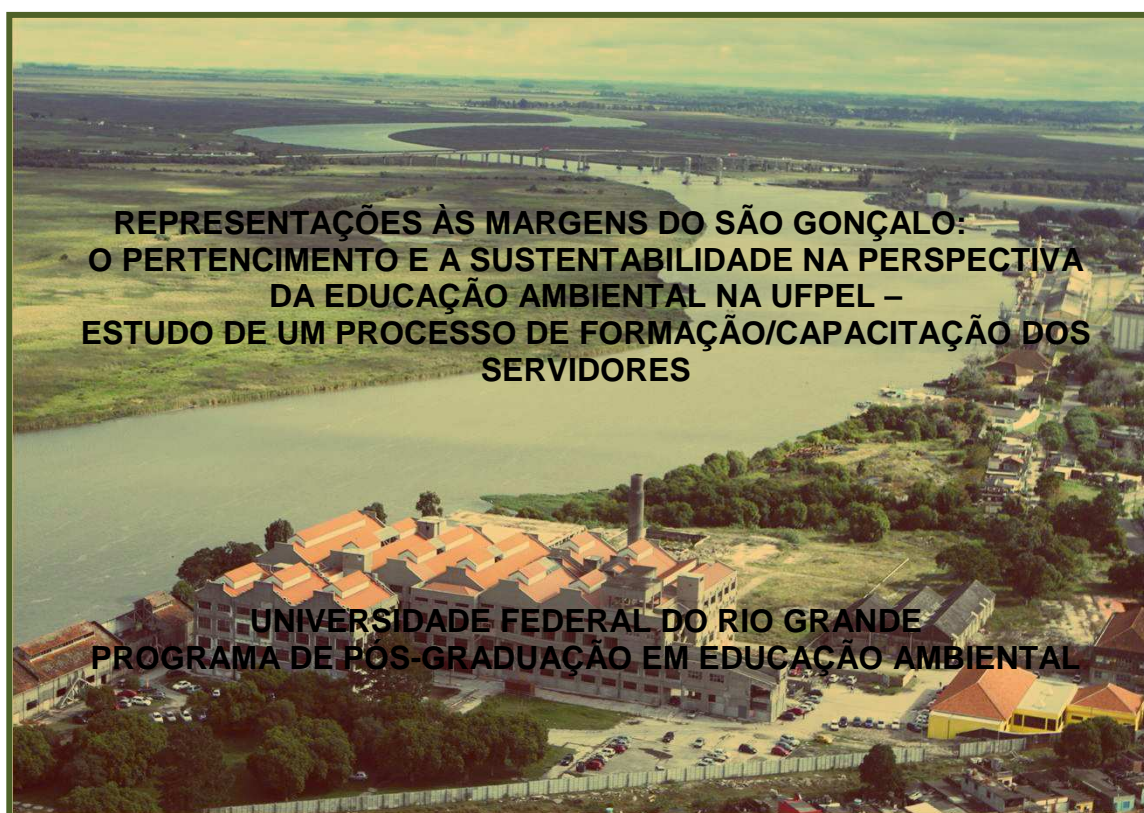


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

DANIELA DA SILVA PIEPER



**REPRESENTAÇÕES ÀS MARGENS DO SÃO GONÇALO:
O PERTENCIMENTO E A SUSTENTABILIDADE NA PERSPECTIVA
DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA UFPEL –
ESTUDO DE UM PROCESSO DE FORMAÇÃO/CAPACITAÇÃO DOS
SERVIDORES**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

RIO GRANDE

2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

DANIELA DA SILVA PIEPER

**REPRESENTAÇÕES ÀS MARGENS DO SÃO GONÇALO:
O PERTENCIMENTO E A SUSTENTABILIDADE
NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA UFPEL –
ESTUDO DE UM PROCESSO DE FORMAÇÃO/CAPACITAÇÃO
DOS SERVIDORES**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental, com a orientação do Prof. Dr. Daniel Porciuncula Prado e Coorientação da Prof^a. Dr^a. Luciara Bilhalva Corrêa.

**Rio Grande
2012**

DANIELA DA SILVA PIEPER

REPRESENTAÇÕES ÀS MARGENS DO SÃO GONÇALO:
O PERTENCIMENTO E SUSTENTABILIDADE
NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA UFPEL –
ESTUDO DE UM PROCESSO DE FORMAÇÃO/CAPACITAÇÃO DOS
SERVIDORES

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental, com a orientação do Prof. Dr. Daniel Porciuncula Prado e Coorientação da Prof^a. Dr^a. Luciara Bilhalva Corrêa.

Prof^o. Dr. Daniel Porciuncula Prado – Orientador – FURG

Profa. Dra. Ivalina Porto – FURG

Profa. Dra. Denise Marcos Bussoletti – UFPel

AGRADECIMENTOS

À força e a luz do mundo espiritual que me acompanha e me sustenta;

À UFPel, instituição que me constituiu profissional e cidadã e cujas relações socioambientais em seu meio ambiente inquietaram e instigaram essa investigação;

À cidade de Rio Grande, a FURG, e ao PPGEA que me acolheram durante o processo de formação no Mestrado em Educação Ambiental;

Aos inesquecíveis Mestres, sempre presentes nas minhas representações como Educadora Ambiental, Alfredo, Beth, Humberto, Sírio, Vanessa, Minasi, Cleusa Peralta, Victor Hugo, Quintanilha, Carlos Machado, Virgínia e Suzana;

Aos meus estimados e competentes orientadores Daniel e Luciara;

As Professoras Denise e Ivalina, da banca examinadora, pela disponibilidade e pelas pertinentes contribuições neste estudo;

Ao Colega Gilmar, servidor técnico administrativo, secretário do PPGEA, aos bolsistas Rita Terra e Wendel de Noble;

A todos os colegas que acalentaram os sonhos, devaneios e as reflexões que conduziram este processo, aqui representados por Tiago Santos, Rafael Dias, Saionara Figueiredo, Claudio Moraes e Lidiane Dutra;

Aos meus colegas da Gestão Ambiental/UFPel, pelo apoio incondicional, Pablo, Marisa, Renel, Silvio e Tatiana, bem como, aos colegas Greice e Franco, pelo espaço concedido como colaboradora no Curso de Capacitação por eles coordenado e cujas atividades serviram de base a este estudo;

À Prof^a Maria Regina Amaral e às colegas servidoras Tanizia Bender e Marlene Cravo Castillo pelo apoio e disponibilidade;

À Roberta Pinto Geremia cuja competência profissional e parceria foram fundamentais em todas as etapas desse processo;

Aos meus irmãos e familiares;

As minhas companheiras pelud@s Mariana, Leona, Cega, Branca, e Nicole.

Dedicatória

Ao meio natural, aqui representado pelo vento papareia, os plátanos da Praça
Dídio Duá, o brilho do sol e da lua na imensidão da praia do Cassino;

Aos meus avós, ao meu pai e à minha mãe, primeiros educadores ambientais;

À minha filha Gabriella;

Aos meus padrinhos Renato e Noely, pela inspiração;

Ao meu querido companheiro José Antonio, pelo incentivo;

Aos Servidores Técnicos Administrativos em Educação da UFPel.

“Acredito que um dia teremos uma reitoria que tenha interesse pela qualidade nas relações de servidor e instituição [...].”

Sujeito Pró Reitoria de Infra Estrutura/PRIE

“Sem ambiente, não existe saúde, sem hábitos saudáveis o ambiente, passa a ser mero coadjuvante.”

Sujeito Técnico em Enfermagem /HE.

“ **U**niversidade querida,
Fico muito feliz
Por estar junto a ti
Espero te ver todos os dias
Linda e sorrindo pra mim.”

“Que seria das estrelas se não fosse a noite escura, que seria de mim sem a “Universidade.”

Sujeito Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação/PRPPG

“Transforme o mundo, procure vê-lo por novos ângulos. Cada olhar altera o mundo. Cada ato muda o fato.”

Autor desconhecido

RESUMO

Esta pesquisa apresenta um estudo acerca das representações socioambientais do servidor técnico administrativo (STA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). De natureza qualitativa, baseou-se na Teoria das Representações Sociais (TRS), como referencial teórico, e no Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), como metodologia para análise dos dados. Teve como objetivos desvelar e compreender a visão, os sentidos, valores e conceitos que embasam os modos de saber/fazer nas relações entre servidor/meio ambiente de trabalho, quanto às questões ambientais que se estabelecem durante suas práticas laborais. O contexto em que se desenvolveu esta abordagem investigativa compreende um espaço/tempo no qual se vivenciam, no âmbito da administração pública, ações na área de gestão de pessoas visando à sensibilização dos gestores públicos para questões ambientais, bem como ao incentivo à qualificação e capacitação do quadro administrativo das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Nesse sentido, a partir de 2005, a implantação da Gestão Ambiental na UFPel, em consonância com a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) e Agenda Ambiental na Administração Pública (A3P) vem construindo e implementando ações e metas com o enfoque sustentável nas atividades administrativas, de ensino, pesquisa, extensão e de prestação de serviços. Como instrumentos, para coleta de dados, foram utilizadas seis (6) questões submetidas aos sujeitos nas aulas presenciais durante curso de capacitação em Educação Ambiental, realizado de agosto a novembro de 2010. As questões centrais que permearam o universo investigativo deste estudo transitam pelas noções de pertencimento à Instituição e de sustentabilidade do servidor público em suas práticas diárias. O conhecimento das representações que influenciam as atividades-fim da UFPel permite estabelecer parâmetros e articulações entre aquelas e as práticas cotidianas. Desse modo, oportuniza estratégias e ações mais efetivas dentro do processo permanente de Gestão Ambiental em andamento na Instituição. Como resultado, concluímos, ao longo desse estudo, que as representações de sustentabilidade do coletivo analisado estão permeadas do sentido de pertencimento ao meio ambiente institucional onde convivem e desenvolvem relações socioambientais no desempenho de suas funções. Da mesma forma, está presente a vontade de aprimorar conhecimentos para saber como agir corretamente, ao mesmo tempo que demonstram frustração pela falta de infraestrutura adequada ou a parceria de seus pares e/ou superiores para o desenvolvimento das ações sustentáveis. Desse modo, entende-se como fundamental para a consolidação de uma comunidade universitária cidadã, consciente e comprometida socioambientalmente na construção da sustentabilidade como um todo, uma dimensão educativa que possibilite o fortalecimento dos laços de interação entre os segmentos que compõem o meio ambiente universitário, começando pelo reconhecimento do potencial dos servidores TA em educação das IFES.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental, Representações Socioambientais, Sustentabilidade, Pertencimento, Servidor Público.

ABSTRACT

This research presents a study of the environmental representations server administrative technician (STA), Federal University of Pelotas (UFPel). Qualitative in nature, based on the Social Representations Theory (SRT), as theoretical reference, and the Collective Subject Discourse (CSD), as a methodology for data analysis. Had as objectives uncover and understand the vision, direction, values and concepts that underlie the ways of knowing / doing in relations between server / work environment, as environmental issues that are established during their working practices. The context in which it developed this investigative approach comprises a space / time in which we experience within the public administration actions in the area of people management aimed at raising awareness of environmental issues for public managers, as well as to encourage the training and qualification the administrative framework of Federal Institutions of Higher Education (IFES). Accordingly, from 2005, implementation of Environmental Management in UFPel, in line with the National Policy on Environmental Education (PNEA) and Environmental Agenda in Public Administration (A3P) has been building and implementing actions and goals with a focus on sustainable activities administrative, teaching, research, extension and service. As tools for data collection, we used six (6) questions submitted to the subjects in the classroom during training course in Environmental Education, conducted from August to November 2010. The central issues that permeated the universe investigative study transiting through the notions of belonging to the institution and sustainability of public servants in their daily practices. The knowledge representations that influence activities-end UFPel allows establishing parameters and connections between those and everyday practices. Thus, provides an opportunity more effective actions and strategies within the permanent process of Environmental Management in the Institution. As a result, we conclude, throughout this study, that the representation of sustainability are analyzed permeated the collective sense of belonging to the environment where they live and develop institutional relationships in the environmental performance of their duties. The same manner, this is the desire to enhance knowledge on how to act properly while showing frustration at the lack of adequate infrastructure or partnership of peers and / or superiors to the development of sustainable actions. Thus, it is understood as fundamental to the consolidation of a university community citizen, socially and environmentally conscious and committed to sustainability in construction as a whole, an educational dimension that enables the strengthening of the ties of interaction between the segments that make up the university environment, starting with the recognition of the potential of the servers administrative technician in education of IFES.

KEYWORDS: Environmental Education, Socioenvironmental Representations, Sustainability, Belonging, Public Servant.

ABREVIATURAS E SIGLAS

A3P - Programa Agenda Ambiental na Administração Pública
ASUFPEL – Associação dos Servidores da Universidade Federal de Pelotas
CGA – Coordenadoria de Gestão Ambiental
COCEPE – Conselho Coordenador do Ensino Pesquisa e Extensão
CTGs – Centro de Tradições Gaúchas
EIA – RIMA – Estudo de Impacto Ambiental/ Relatório de Impacto Ambiental
IAD – Instrumento de Análise de Discurso
IFES – Instituições Federais de Ensino Superior
IFSUL – Instituto Federal de Educação Ciência e tecnologia Sul-Rio-Grandense
FAURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
FURG – Universidade Federal de Rio Grande
MMA – Ministério do Meio Ambiente
NURFS – Núcleo de Reabilitação da Fauna Silvestre
PBQP - Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade no Serviço Público Federal
PCCTAE – Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação
PNEA – Política Nacional de Educação Ambiental
PNRS - Política Nacional de Resíduos Sólidos
PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
PPGEA – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
PQSP – Programa Nacional de Gestão Pública e Desburocratização – GESPÚBLICA
PRA – Pró-Reitoria Administrativa
PRE – Pró-Reitoria de Extensão
PREC – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
PRGRH – Pró-Reitoria de Gestão de Recursos Humanos
PUCRCE – Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos
RC – Representações Coletivas
RI – Representações Individuais
RS – Representações Sociais
RSSS – Resíduos Sólidos de Serviços de Saúde
REUNI – Programa de Apoio a Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SGAs – Sistemas de Gestão Ambiental
STA – Servidores Técnicos Administrativos
UFPeI – Universidade Federal de Pelotas
UICN – União Internacional para a Conservação da Natureza
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura
WWF – Fundo Mundial Pela Natureza

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1	Antigo Lixão do Campus Capão do Leão/ UFPel.....	68
IMAGEM 2	Antigo Lixão do Campus Capão do Leão/ UFPel.....	68
IMAGEM 3	Lixão do Campus Capão do Leão/ UFPel em recuperação.....	69
IMAGEM 4	Central de Resíduos Campus Capão do Leão/UFPel.....	69
IMAGEM 5	Central de Resíduos Campus Capão do Leão/UFPel.....	70
IMAGEM 6	NURFS/Horto Botânico Campus Capão do Leão/UFPel.....	77
IMAGEM 7	NURFS/Horto Botânico/UFPel.....	78
IMAGEM 8	NURFS/Horto Botânico/UFPel.....	78
IMAGEM 9	Galpão de reciclagem FRAGET.....	79
IMAGEM 10	Galpão de reciclagem FRAGET.....	79
IMAGEM 11	Galpão de reciclagem FRAGET.....	80
IMAGEM 12	Templo das Águas.....	80
IMAGEM 13	Templo das Águas.....	81
IMAGEM 14	Templo das Águas.....	81

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 Ideias Centrais do Instrumento de Análise de Discurso 1.....	88
QUADRO 2 Expressões Chaves 1/Discurso do Sujeito Coletivo 1	88
QUADRO 3 Expressões Chaves 2/Discurso do Sujeito Coletivo 2.....	89
QUADRO 4 Expressões Chaves 3/Discurso do Sujeito Coletivo 3.....	89
QUADRO 5 Ideia Central do Instrumento de Análise de Discurso 2	91
QUADRO 6 Expressões Chaves 1/Discurso do Sujeito Coletivo 1.....	92
QUADRO 7 Ideias Centrais do Instrumento de Análise de Discurso 3.....	95
QUADRO 8 Expressões Chaves 1/Discurso do Sujeito Coletivo 1.....	95
QUADRO 9 Expressões Chaves 2/Discurso do Sujeito Coletivo 2.....	95
QUADRO 10 Expressões Chaves 3/Discurso do Sujeito Coletivo 3.....	96
QUADRO 11 Ideias Centrais do Instrumento de Análise de Discurso 4.....	98
QUADRO 12 Expressões Chaves 1/Discurso do Sujeito Coletivo 1	98
QUADRO 13 Expressões Chaves 2/Discurso do Sujeito Coletivo 2	98
QUADRO 14 Expressões Chaves 4/Discurso do Sujeito Coletivo 3.....	98
QUADRO 15 Ideias Centrais do Instrumento de Análise de Discurso 5.....	100
QUADRO 16 Expressões Chaves 1/Discurso do Sujeito Coletivo 1.....	100
QUADRO 17 Expressões Chaves 2/Discurso do Sujeito Coletivo 2.....	101
QUADRO 18 Expressões Chaves 3/Discurso do Sujeito Coletivo 3.....	101
QUADRO 19 Ideias Centrais do Instrumento de Análise de Discurso 6.....	104
QUADRO 20 Expressões Chaves 1/Discurso do Sujeito Coletivo 1.....	104
QUADRO 21 Expressões Chaves 2/Discurso do Sujeito Coletivo 2.....	104
QUADRO 22 Expressões Chaves 3/Discurso do Sujeito Coletivo 3.....	105
QUADRO 23 Expressões Chaves 4/Discurso do Sujeito Coletivo 4.....	105

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	16
INTRODUZINDO O TEMA	18
1.1 Breve trajetória de uma educadora ambiental	18
1.2 Justificativas	23
1.3 Problemática.....	26
1.4 Questões Centrais que Objetivam o Estudo	30
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	31
2.1 A (re) invenção da Gestão de Pessoas na perspectiva da Educação Ambiental para a Sustentabilidade	33
2.1.1 Política de Gestão de Pessoal na Instituição de Ensino Superior Ambiente do Estudo.....	35
2.1.2 A Perspectiva Ambiental	35
2.2 As Representações – O Coletivo e o Social em sua Evolução.....	38
2.2.1 A Abordagem das Representações Sociais no Brasil e na Perspectiva das Questões Ambientais.....	42
2.2.2 O Socioambiental adjetivando as Representações neste estudo ...	45
2.3 Noções sobre o Pertencimento e a Sustentabilidade com perspectivas ao estudo das Representações Socioambientais	47
2.3.1 O Sentido do Pertencer.....	48
2.3.2 O paradigma da Sustentabilidade: Desenvolvimento Sustentável ou Comunidades e Sociedades Sustentáveis	53
3 O CAMINHO METODOLÓGICO	62
3.1. O Ambiente do Estudo: A Instituição Federal de Ensino Superior	62
3.1.1 Uma abordagem da Gestão Ambiental no Ambiente da Pesquisa ..	64
3.1.2 Considerações Pertinentes aos Limites e Dificuldades na Prática da Gestão nas IFES.....	73
3.1.2 Os Sujeitos da Pesquisa	75
3.1.2 - O Curso de Educação Ambiental para servidores	766
3.2 O Método: O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).....	82

3.2.1 Os Instrumentos da Investigação.....	85
3.2.2 Análise dos Dados	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
ANEXOS:	
ANEXO 1- Sujeitos da Investigação.....	123
ANEXO 2- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	124
ANEXO 3 - Atividade base da qual foram extraídas 5 IADs.....	125
APÊNDICES:	
APÊNDICE 1: Atividade "Eu e a UFPel".....	127
APÊNDICE 2: IAD1 "Como você conceituaria meio ambiente?".....	128
APÊNDICE 3: IAD2 "Você acha que é possível colocar em prática o que acha que vai aprender no curso? Como?".....	130
APÊNDICE 4: IAD3 "Acha que pode atuar como multiplicador e cobrar de seus colegas outra postura com relação ao meio ambiente? De que forma?".....	132
APÊNDICE 5: IAD4 "O que de prático existe em seu setor que pode ser relacionado à questão ambiental".....	134
APÊNDICE 6: IAD5 "Diante dos paradigmas da crise ambiental atual, como a postura do servidor público poderá fazer a diferença?".....	136
APÊNDICE 6: IAD6 "Eu e a UFPel".....	139

APRESENTAÇÃO

O título de um trabalho científico deve descrever a sua essência de forma clara, objetiva e sucinta. Nesse sentido, ao situar geograficamente as Representações investigadas às *margens do São Gonçalo*, pretendemos dimensionar o contexto em que se desenvolve o estudo em questão.

Esta via fluvial é assim considerada como um *Canal*, porque suas águas não correm naturalmente em uma mesma direção, o que depende do volume de cada uma das lagoas que serve como ligação: se o maior volume de água for da Lagoa Mirim, as águas correm em direção à Lagoa dos Patos e vice-versa. Parte dos seus 62km de extensão encontra-se costeando a cidade de Pelotas, e, portanto, importante ente natural no imaginário da região desde sempre na sua história econômica, social e política. Neste cenário insere-se, também a Universidade Federal de Pelotas cujos campi situam-se literalmente às suas margens, meio ambiente no qual desenvolvem-se as relações representacionais que objetivam este trabalho.

Desse modo, o presente estudo versa sobre as Representações Socioambientais dos Servidores Técnicos Administrativos de uma Instituição de Ensino Superior e se desenvolve a partir de quatro capítulos os quais descrevemos brevemente a seguir:

Primeiramente, apresenta um breve relato sobre fatos pontuais na trajetória pessoal, profissional e acadêmica da pesquisadora que motivaram as inquietações que conduziram à temática relacionando servidores públicos e questões socioambientais em seu meio ambiente de trabalho. Tais conexões emergem de um contexto no qual, em âmbito planetário, nacional e local, desencadeiam-se processos de Gestão e Educação Ambiental estabelecendo as bases que constituem sua justificativa, problemática, delineiam as questões centrais e os objetivos dessa investigação.

O segundo capítulo se propõe a discutir o referencial teórico que embasa o estudo, abordando três segmentos: a) A dimensão contemporânea da Gestão de Pessoas nas instituições públicas e privadas e as novas tendências voltadas à valorização do indivíduo em busca de um novo perfil de

servidores/colaboradores, aliadas a estratégias com enfoque socioambiental e sustentável; b) Num segundo momento, se volta à exposição da Teoria das Representações em sua evolução, na busca de estabelecer sua pertinente relação com o estudo em questão, dirigida ao desvelamento e compreensão sobre como os sujeitos analisados constroem e mantêm suas relações com as questões ambientais em seu meio ambiente profissional. Insere-se neste segmento uma justificativa para a adjetivação “socioambiental” da investigação proposta, dado o intuito de ratificar a inter-relação indivíduo/sociedade/meio natural, tão necessária ao estabelecimento de novas formas de (con) viver para que a vida humana permaneça; c) Um terceiro segmento apresenta reflexões de autores referenciados na busca de significados para as noções de Pertencimento e Sustentabilidade, uma vez que se constituem como questões centrais a partir das quais direcionamos a investigação das Representações Socioambientais dos sujeitos deste estudo.

O último capítulo apresenta o caminho metodológico a partir de breve descrição do contexto do ambiente de estudo: a Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), o Curso de Capacitação e os sujeitos cujas atividades serviram como campo de investigação e coleta de dados. Descreve também a metodologia escolhida, o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) que tem seus fundamentos e pressupostos sociológicos na Teoria das Representações Sociais. Permitindo, com significativa eficiência, o desvelamento e a compreensão de conhecimentos partilhados com o objetivo prático de colaborar para a constituição de realidades comuns dos grupos sociais. Para facilitar o entendimento da metodologia utilizada, a seguir estão transcritas cada uma das questões, denominadas de Instrumento de Análise de Discurso (IAD), acompanhada das fases do estudo a que foi submetido, bem como da respectiva análise e discussão dos dados encontrados.

Por fim apresenta as Considerações Finais da investigação nas quais se inserem algumas sugestões que pretendem contribuir para a continuidade do processo de gestão/educação ambiental desenvolvido na instituição.

INTRODUZINDO O TEMA

1.1 Breve Trajetória de uma Educadora Ambiental

Ao escolher a temática das Representações Sociais¹ para fundamentar teoricamente os estudos e reflexões da pesquisa embasadora da dissertação de conclusão do mestrado acadêmico, jamais pensei em qualquer relação com questões de cunho pessoal. Entretanto, já nesse começo de escrita, sinto a necessidade de investigar intimamente quais os sentidos e vivências que despertaram inquietações que, nesse momento, se cristalizam na investigação acerca da problemática socioambiental estabelecida na Instituição onde há 26 anos desenvolvo atividades profissionais. Como servidora pública em educação², na busca de capacitação e qualificação, a área da educação sempre esteve no meu foco. Transitei pela história da educação, pela educação patrimonial, temáticas que foram atravessando a minha caminhada profissional. Entretanto, foi já no primeiro contato com algumas disciplinas cursadas como aluna especial no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental na Universidade Federal de Rio Grande (PPGEA/FURG) que defini as práticas do servidor técnico administrativo em seu meio ambiente de trabalho, como tópico norteador dessas inquietações.

Nesse sentido, permito-me retroceder a um tempo que parece justificar essa caminhada numa relação sempre muito íntima e prazerosa com o belo, o espontâneo e o despojado conviver com a natureza. Esse tempo fala da história de um homem e sua família, neto de imigrantes pomeranos e estabelecido nas “Três Vendas”³, bairro da cidade de Pelotas. De nome Albino Gustavo, almejava para sua vida algo mais que seu pai – que ganhava a vida como comerciante de frutas, legumes, leite e lenha para as famílias abastadas. Para tanto, estudara no Colégio Gonzaga e se formara em Contabilidade. Aos 20 anos, saiu de casa e foi morar no Hotel Ness, no Largo Verneti⁴. Começou a trabalhar em sociedade com um amigo como comerciante de produtos coloniais e, anos mais tarde, com transportes de carga. Ser caminhoneiro, naquela época, era um bom negócio. Em suas andanças pela cidade, quando frequentava o Cine Avenida, conheceu a Dona Nely, a bela filha

¹ Sobre a Teoria da Representações Sociais dedicaremos maiores detalhes em capítulo específico.

² Denominação da classe de acordo com a lei nº 11.091, de 12 de janeiro de 2005.

³ No bairro das “Três Vendas” na cidade de Pelotas se estabeleceram principalmente os colonos imigrantes alemães e pomeranos.

⁴ Rua localizada na cidade de Pelotas.

de um comerciante, proprietário do armazém “Ao Arco-íris”, que ficava na esquina do cinema. Namoraram, noivaram e casaram. Dessa união, nasceram três filhos dos quais eu sou a terceira.

Fomos criados entre a casa conjugada ao armazém do Vô Nelinho e da Vó Percília⁵ e o pequeno Rancho do Vô Germano e da Vó Rosa⁶ nas “Três Vendas”. Passávamos a semana nas atividades normais entre casa, escola e a “Venda”. Nos fins de semana, o domingo era reservado pra casa do Vô e da Vó do Mú, nas “Três Vendas”.

O atrativo armazém do Vô Nelinho era na esquina e nós morávamos no meio da quadra. Antes da escola e suas tarefas, durante a semana, a diversão era frequentar a “Venda”, com seu baleiro recheado de balas de goma, de mel, tijolinhos de banana, puxa-puxa, etc. Sacos e caixas de mantimentos, balanças com pesinhos e uma gaiola aberta com dois papagaios. A tal gaiola ficava presa numa extremidade da porta e lá ficavam os “louros” chamando a atenção dos fregueses, xingando e também repetindo tudo que lhes ensinavam. Um deles viera de Santa Catarina e outro da Bahia, trazidos pelo meu pai que sempre fora afeiçoado a animais de “estimação”. Assim que, durante a infância, convivíamos pelos pátios, com quero-queros, saguis, tartarugas, provenientes de vários Estados do Brasil. Normalmente, encontrados pelo caminho, órfãos ou comprados. Sem falar no viveiro de passarinhos, galinheiro, cães e gatos. Ainda das vivências no armazém, lembro-me das “distraídas” do meu avô, nas quais eu aproveitava pra abrir o baleiro e encher as mãos de tudo quanto elas comportassem, assim como de ajudar a fazer os sacos colados com “grude”⁷, onde os fregueses levavam as porções de arroz, farinha, feijão, etc.

Nos finais de semana, a “festa” era passar o domingo na casa dos avós do “Mú” onde nos recebiam com pães, chmias⁸, leite, manteiga fresca, etc. Lá, eu convivia com vacas leiteiras, cavalos, galinhas, patos, gansos, respirando o cheiro da horta, do farelo que alimentava os animais, das frutas do pomar e das rosas do jardim da minha avó.

⁵ Meus avós maternos.

⁶ Meus avós paternos.

⁷ Mistura de farinha e água que era usada como cola para fazer os sacos utilizados para colocar os mantimentos que eram vendidos a granel.

⁸ Nome derivado da palavra alemã Schmier. Um doce de forma pastosa muito similar à geleia. Pode ser feito com vários sabores, usando cascas, frutos ou outras combinações. Comum no Sul do Brasil.

Quando fiquei “maiorzinha”, mais ou menos com onze anos de idade, viajei com meu pai para São Paulo, por duas vezes. A viagem seguia pela BR 116, subindo a serra. Ele conhecia cada pedaço do caminho, cada nome de morro, das serras, dos rios e das pontes, das divisas entre os Estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. E tudo isso eu ouvia do melhor motorista do mundo, que também representava um professor de história, geografia e guia turístico durante o todo o caminho. Algumas imagens ficaram gravadas, como uma aranha enorme e preta que avistamos no meio da estrada na divisa entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, antes da ponte, e as paradas para os almoços que contarei logo a seguir.

Como naquela época não havia perigo, parávamos à beira da estrada, em determinados pontos onde existissem clareiras possíveis de se estacionar. Normalmente, nesses lugares havia uma bica (vertente de água). A rede era pendurada em uns ganchos na carroceria, e, dos lugares apropriados surgiam um fogareiro “primo”⁹ e uma caixa com mantimentos. Tudo isso acontecia no meio de muita conversa e muita história que me eram contadas. Enquanto ele cozinhava, eu me balançava na rede. Também havia um binóculo potente para observar tudo à volta. Antes de levantar acampamento, tudo era muito limpo e organizado novamente. Nada de lixo na estrada. À noite sempre dormíamos dentro do caminhão, aquecidos pelo motor e cobertores de penas de ganso. No outro dia, quando eu acordava, a viagem já estava em andamento desde muito cedo. Meu irmão, como era mais velho e menino, viajou mais vezes e por mais lugares nas suas férias escolares. Anos mais tarde, essas viagens passaram a acontecer transportando arroz para granjas aqui da região sul. Daqui, as lembranças vêm desde o elegante cumprimento dos quero-queros, até a ajuda para atravessar tartarugas à beira da estrada. Esse costume permanece até hoje e sempre me emociona muito. Quando o negócio com o transporte de cargas não podia mais sustentar nossa família, surgiu o comércio de pilhas Rai-o-Vac. Desta feita, as viagens pela colônia e cidades vizinhas começaram a fazer parte do nosso dia a dia, sempre no encantamento que o contato com os caminhos e os destinos de estreita afinidade com a natureza podiam oferecer-nos.

Tais passagens, brevemente relatadas, que traduzem o “dia a dia” de um caminhoneiro pelas estradas brasileiras, me ensinaram, certamente, o amor e o

⁹ Espécie de fogareiro, usado para cozinhar alimentos.

respeito que construíram as bases de um pensar, sentir e fazer a minha relação com o meio ambiente natural.

Acredito que tais vivências apreendidas durante as atividades profissionais do meu primeiro educador, aguçaram as percepções e expectativas que desde sempre me acompanharam, tanto na vida pessoal como na profissional. Meu pai, por gostar da profissão que escolhera, sentia-se feliz pelas estradas, apesar do ônus que este trabalho lhe impunha: a distância dos familiares. Da mesma forma, tenho os mesmos sentimentos de pertencimento¹⁰ à Instituição que me formou Bacharel em Direito em 1984 e onde desempenho atividades profissionais há 26 anos como descreverei logo a seguir, complementando esta breve apresentação que pretende introduzir os senhores leitores no cenário onde se constituiu a formação da autora.

Em 1985, ao ingressar como técnica em Assuntos Culturais da Pró-Reitoria de Extensão, da Universidade Federal de Pelotas (PRE/UFPel)¹¹, para esta pesquisadora, assim como para todo o segmento dos servidores técnico – administrativos (STA), o clima sócio-político-econômico da época fomentava o desenvolvimento de luta pelos ideais de comprometimento, com o crescimento pessoal e institucional do servidor. O país vivenciava um momento pleno de abertura política e os brasileiros reaprendiam a ocupar espaços no cenário político nacional após obscuro período que a todos amordaçara, a ditadura militar.

A Associação dos Servidores da Universidade Federal de Pelotas (ASUFPEL), vivia um período considerado marco na história da entidade, com a primeira greve dos Servidores, vinculado ao movimento nacional que resultou na conquista e implementação do primeiro Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos (PUCRCE)¹² dos servidores e sobre o qual faremos referência no capítulo a seguir.

A ASUFPEl¹³, fundada em 31 de julho de 1979, inicialmente com caráter associativo, a partir de meados de 1980, seguindo a ascensão da abertura política nacional, engaja-se a movimentos com propósitos de interferir diretamente no destino político brasileiro e, particularmente dos servidores públicos federais. Em 1988, a nova Constituição possibilitou à Associação dos Servidores transformar-se

¹⁰ Em item específico fazemos uma breve discussão sobre o Pertencimento.

¹¹ Nomenclatura da época, em 1990, foi acrescentada a palavra “Cultura” e ficou Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC).

¹² Lei nº 11.091, de 12 de janeiro de 2005.

¹³ <http://www.asufpel.blogspot.com/> acessado em 11 janeiro de 2011.

em sindicato. Assim, o movimento dos técnico–administrativos começa a emergir e se configurar, pelo papel relevante ao constituir-se uma “locomotiva”, quase sempre tomando a frente – relativamente - às outras entidades representativas em nível nacional) nas decisões de enfrentamento com a Administração Federal em defesa da melhoria da qualidade de trabalho da categoria.

As questões ambientais, entretanto, neste período ainda não eram prioridade nas discussões da luta da categoria do servidor, apesar da efervescência vivenciada pelas principais vertentes ecologistas da época, a partir dos anos 60, com os movimentos contra-culturais, a formação do Clube de Roma¹⁴ dentre outras facetas do ambientalismo no pós-guerra. Na América do Sul e no Brasil, a ecologia nas suas diversas tendências era entendida como prática dos países desenvolvidos do Norte, pelo menos até o final dos anos 80. Nas palavras de Reigota (2002, p.37):

Salvo a reputação de um ou outro ecologista famoso ou de grupos, minúsculos, mas bem constituídos e com razoável penetração na mídia, a ecologia era vista como interesse de “seres exóticos”, com “ideias fora do lugar”, enfim... de verdes! No Brasil, no melhor dos casos, o pensamento ecologista era utilizado como uma contribuição a mais ao processo de consolidação democrática pós-ditadura militar.

O servidor público, por sua vez, luta por autonomia e emancipação em relação à ordem dominante através da sua capacitação e qualificação profissional, inserido no processo de redemocratização e abertura política nacional, em que os movimentos sociais entram em cena com as características contestatórias e libertárias da *contracultura*¹⁵, seguindo a corrente europeia e norte americana. O Plano de Carreira do servidor público já contemplava algumas possibilidades de capacitação, mas a implantação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-

¹⁴ O Clube de Roma: fundado em 1968, pelo industrial italiano Aurélio Peccei e pelo cientista Alexander King. Era composto por especialistas em diversas áreas (economistas, industriais, pedagogos, humanistas, etc.) que se reuniam para debater assuntos relacionados a política, economia internacional, meio ambiente. Tornou-se muito conhecido a partir de 1972, quando da publicação do relatório “Os Limites do Crescimento”, encomendado para o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), que tratava de problemas cruciais para o futuro desenvolvimento da humanidade, tais como energia, poluição, saneamento, saúde, ambiente, tecnologia e crescimento populacional, tendo sido publicado em vários idiomas, vendeu milhões de exemplares (DIAS, 2004:33, 35).

¹⁵ Movimento historicamente ligado aos valores e comportamentos da geração jovem americana dos anos 60/70 contra as instituições culturais dominantes de uma sociedade afluenta, otimista e confiante que viveu um *boom* econômico pós Guerra. A luta contra a Guerra no Vietnã, os festivais de rock, a valorização do oriente, as novas espiritualidades e o auto aperfeiçoamento são parte de uma luta antielitista e antiautoritária de uma minoria profética desencantada com os valores materialistas da América branca (NEWFIELD, 1967, apud CARVALHO, 2004).

Administrativos em Educação¹⁶(PCCTAE) assegura melhores perspectivas de qualificação (ensino formal) e de capacitação (educação não formal) dos servidores.

É nesse contexto histórico-institucional, fortemente marcado por manifestações políticas pelo reconhecimento dos direitos do servidor como trabalhador/cidadão, que foi se construindo a minha trajetória dentro da Universidade. Tais vivências (pessoal, acadêmica e profissional), portanto, propiciaram a constituição de um olhar questionador e crítico com as questões atinentes a comunidade universitária e sobre a participação consciente do servidor na construção da sustentabilidade do ambiente, no qual se insere como sujeito ativo e passivo em todas as relações ali desenvolvidas.

O encontro com a Educação Ambiental, e o desenvolvimento desta pesquisa, se materializa com a recente oportunidade de desenvolver atividade como produtora cultural, junto a Coordenadoria de Gestão Ambiental (CGA), e participar ativamente do novo movimento que se instaura local e globalmente em busca de um relacionamento mais sustentável de (re) integração humano/natureza.

1.2 Justificativas

A partir da publicação de “Primavera Silenciosa” pela bióloga Rachel Carson (1962), livro que reuniu narrativas que traçavam um quadro de devastação sem precedentes na existência da espécie humana, a temática ambiental não passaria mais despercebida das inquietações políticas internacionais, impulsionando o movimento ambientalista e uma série de eventos que desdobrariam a sua história. Vários encontros foram promovidos pela ONU e dentre eles a Conferência de Estocolmo em 1972 que atribuiu importância estratégica a Educação Ambiental. Naquele encontro ficou definida a necessidade de profundas modificações nos modelos de desenvolvimento, hábitos e comportamentos dos indivíduos e da sociedade e que isso só poderia ser atingido por meio da Educação. Reconheceu-se, entretanto, que deveria surgir um “novo” processo educacional capaz de executar essa tarefa (DIAS, 2004, p.74).

A Educação Ambiental, por esta via, constitui-se por uma prática educativa estratégica que viabilize uma sociedade mais equilibrada, onde as relações

¹⁶ Lei nº. 11.091/2005

natureza/homem não sejam sinônimo de autodestruição. Diferindo-se da educação na forma como conhecemos, nas palavras de Reigota (2009, p.10), ela deve atuar como uma “política pedagógica formadora de cidadãos e cidadãs conscientes com capacidade crítica para as discussões e decisões sobre as questões ambientais”. Esse autor enfatiza que a educação ambiental não se constitui por mera transmissão de conhecimentos sobre ecologia ou visando basicamente a utilização racional dos recursos naturais. Como uma educação política, ela prepara os cidadãos (ãs) para exigir e construir uma sociedade com justiça social, cidadania (planetária), autogestão e ética nas relações sociais com a natureza (REIGOTA, 2007).

Quando nos referimos a uma educação formadora de sujeitos críticos capazes de contribuir para a construção de uma sociedade sustentável, necessário se faz também referenciar quais instrumentos são oferecidos para subsidiar a efetiva participação das comunidades. No que tange a políticas públicas¹⁷, no Brasil, segundo Dias (2004, p.383), “temos uma legislação ambiental considerada muito avançada que possibilita às comunidades importantes mecanismos de participação, em busca da proteção e melhoria da sua qualidade ambiental”. Exemplificando: a Lei da Política Nacional do Meio Ambiente¹⁸ estabelece definições legais sobre: meio ambiente e recursos ambientais, degradação da qualidade ambiental, poluição e poluidor. Da mesma forma, institui o estudo prévio de impacto ambiental e seu respectivo relatório (EIA – RIMA), importante mecanismo de proteção ambiental; a Lei nº. 7.347/85 de Ação Civil Pública tutelou os valores ambientais; nossa Constituição Federal em 1988 dedicou importante espaço à problemática ambiental definindo meio ambiente como bem de uso comum do povo¹⁹; a lei dos crimes ambientais em 1998²⁰ é considerada importante dispositivo de proteção efetiva do meio ambiente. Por sua vez, a Rio-92²¹ sacramentou em termos mundiais a preocupação com as questões ambientais. No Fórum Global (evento paralelo à

¹⁷ Souza (2006:26) resume a definição de política pública como o campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, “colocar o governo em ação” e/ou analisar tal ação e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações. A formulação de políticas públicas constitui-se no estágio em que os governos democráticos traduzem seus propósitos e plataformas eleitorais em programas e ações que produzirão resultados ou mudanças no mundo real.

¹⁸ Lei n. 6.938/81, considerada um marco histórico no desenvolvimento do direito ambiental.

¹⁹ Título VIII, capítulo VI, art 225.

²⁰ Lei nº 9.605/98 e Dec nº 3.179/99.

²¹ Cfe. Dias (2004), a ECO-92, Rio-92, Cúpula ou Cimeira da Terra são nomes pelos quais é mais conhecida a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), realizada entre 3 e 14 de junho/92 no Rio de Janeiro. Seu objetivo principal: buscar meios de conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a conservação e proteção dos ecossistemas do planeta. Consagrou o conceito de desenvolvimento sustentável e contribuiu para a mais ampla conscientização de que os danos ao meio ambiente eram majoritariamente de responsabilidade dos países desenvolvidos.

Conferência da ONU sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente), ONGs e os movimentos sociais de todo o mundo elaboraram o Tratado de Educação Ambiental para as sociedades sustentáveis, que definiu o marco político para o projeto pedagógico da EA. Este tratado está na base da formação da Rede Brasileira de Educação Ambiental, bem como das redes estaduais que formam grande articulação de entidades não governamentais, escolas, universidades e pessoas que querem fortalecer as diferentes ações, atividade, programas e políticas de EA.

Na mesma linha de pensamento e acompanhando as tendências globais e nacionais de defesa do meio ambiente, em 2001 o Ministério do Meio Ambiente (MMA) lançou o Programa Agenda Ambiental na Administração Pública (A3P), que visa à sensibilização dos gestores públicos para as questões ambientais. Dentre os eixos temáticos do programa, estão: licitações sustentáveis, uso racional de recursos e combate a todas as formas de desperdício, gestão ambiental de resíduos e a capacitação continuada de gestores públicos. A Educação Ambiental, dentro da A3P, atua como ferramenta estratégica com relação aos aspectos socioambientais e de melhoria da qualidade do ambiente de trabalho (BRASIL/MMA, 2007).

Por sua vez, na UFPel, a partir de 2005, foi criado o Núcleo de Gestão Ambiental, transformado em Coordenadoria de Gestão Ambiental (CGA) em 2009 e que vem, de forma coletiva e gradativamente, construindo e implementando ações e metas com o enfoque sustentável nas atividades administrativas, ensino, pesquisa, extensão e prestação de serviços.

Cabe ressaltar também, fato relevante direcionado para a valorização do servidor das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), a criação, em 2007, da Pró-Reitoria de Gestão de Recursos Humanos (PRGRH/UFPel), absorvendo as demandas do antigo Departamento de Pessoal da Pró-Reitoria Administrativa. Tal divisão resultou de uma proposta constituída pelos próprios servidores, alinhada à visão de gestão de pessoas da administração superior da UFPel que tem como diretriz que a fundamenta, de conformidade com o prescrito no sítio da PRGRH:

um conjunto de políticas e práticas que busca a conciliação entre as expectativas da Instituição e das pessoas que a compõem, para que ambos possam realizá-las ao longo de sua história, pensando o desenvolvimento integral do servidor, o espírito de cooperação, de compromisso e responsabilidade ética como os valores que norteiam uma gestão voltada à excelência²².

²² <http://www.ufpel.edu.br/prgrh/> acessado em 08 de março de 2011.

Ao considerarmos no contexto acima descrito, eventos que vêm se desenvolvendo em sequência temporal, podemos dizer que a Universidade busca acompanhar as novas tendências de gestão ambiental da administração pública, engajando-se à proposta do MMA na construção de um amplo programa que prevê a implantação de políticas de gestão e educação ambiental nos órgãos públicos.

Dessa forma, a propósito das condições contextuais propiciadoras aqui expostas, a investigação acerca das representações socioambientais do servidor técnico – administrativo, pretende contribuir para o processo que ora se desenvolve na Instituição, posto concebê-lo como força viabilizadora e, portanto, propulsora das atividades de ensino, pesquisa, extensão que são desenvolvidas na comunidade universitária.

Finalizando, salientamos, além dos aspectos supracitados, a consonância do presente estudo com a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA)²³ em seus princípios, diretrizes, objetivos e justificativas, tais como: o incentivo à educação ambiental em todos os níveis para capacitar o cidadão(ã) à participação ativa na defesa do meio ambiente; ao desenvolvimento de pesquisas e tecnologias nacionais orientadas para o uso racional de recursos ambientais; à difusão de tecnologias de manejo do meio ambiente, à divulgação de dados e informações ambientais e à formação de uma consciência pública sobre a necessidade de preservação da qualidade ambiental e do equilíbrio ecológico, entre outras determinações que encontramos no texto da referida legislação.

1.3 Problemática

Consideramos que a vigência das políticas públicas brasileiras referenciadas torna viável e estimula todas as formas de combate ao desperdício dos bens públicos e recursos naturais como a gestão ambiental de resíduos²⁴; a inclusão de critérios socioambientais nos investimentos, compras e recursos naturais e a formação continuada dos servidores públicos. Devemos relevar, entretanto, as dificuldades que cercam o processo de (re) educação quanto a valores arraigados

²³ Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.

²⁴ Onde se inclui a parceria com cooperativas de catadores de lixo para gestão de trabalho e renda.

pela cultura da irresponsabilidade do ser humano no manejo sustentável dos recursos que têm ao seu dispor.

O uso correto de bens e serviços da administração pública pode viabilizar a melhoria da qualidade do ambiente de trabalho quanto aos seus aspectos socioambientais, no que tange à ética e à autoestima com relação ao atendimento de seus interesses coletivos. Mas, para que sua eficácia seja garantida, novos valores devem ser internalizados tanto por seus agentes quanto pelos usuários.

Sem querer ampliar daqui para a esfera global da problemática, voltamos nosso olhar para o setor educacional, principalmente nas instituições universitárias onde a dimensão ambiental ainda não foi incorporada de modo sistêmico. Além de não existir uma política ambiental clara e satisfatória, a prática preponderante, quer nas suas atividades acadêmicas, quer nas administrativas, assenta-se sob uma visão fragmentada e utilitarista dos recursos ambientais, perdendo-se perigosamente a visão global. Esta situação revela uma necessidade de preocupação crescente de adaptação das universidades às novas práticas de funcionamento ambientalmente corretas. As instituições de ensino, pesquisa e extensão, pela própria característica de suas atividades, precisam estar preparadas para responder pelas questões acerca da sua política ambiental e como ela será conduzida. Esta questão, inexoravelmente deverá ser encaminhada e as IFES terão que se estruturar para responder a esse desafio.

De acordo com Dias (2004, p.356), “a temática ambiental há muito extrapolou o ambiente acadêmico ou poético, catastrófico ou apocalíptico, para assumir lugares estratégicos nas mesas de negociação social, política e econômica”. O desenvolvimento da consciência ecológica em diferentes camadas e setores da sociedade acaba por envolver a gestão ambiental como um espaço crescente no meio empresarial, assim como no setor da educação, a exemplo das IFES. No entanto, ainda são poucas as práticas observadas nas universidades, as quais têm o papel de qualificar e conscientizar os cidadãos formadores de opinião de amanhã.

Nas palavras de Tauchen e Brandli (2006, p.504), existem duas correntes principais de pensamento, referentes ao papel dessas Instituições, quanto ao desenvolvimento sustentável:

A primeira destaca a questão educacional como uma prática fundamental para que as IES, pela formação, possam contribuir na

qualificação de seus egressos, futuros tomadores de decisão, incluindo em suas práticas profissionais a preocupação com as questões ambientais. A segunda corrente destaca a postura de algumas IES na implementação de Sistemas de Gestão Ambiental (SGAs) em seus *Campi* universitários, como modelos e exemplos práticos de gestão sustentável para a sociedade.

Da mesma forma, entendemos que as IFES constituem agentes viabilizadores, quando proporcionam todo um contexto especialmente equipado para favorecer a aprendizagem no processo de desenvolvimento tecnológico, de uma sociedade sustentável e justa. Essas instituições possuem experiência na *investigação interdisciplinar* e, como promotora do conhecimento, têm como missão o ensino e a formação de cidadãos (ãs) capacitados para as *tomadas de decisões*. Acabam, dessa forma, assumindo um papel essencial na construção de um projeto de sustentabilidade (TAUCHEN, 2005).

As faculdades e universidades em seu pleno funcionamento representam pequenos núcleos urbanos, posto que, além das atividades de ensino, pesquisa e extensão, ainda envolvem aquelas referentes à sua operação por meio de fornecimento de alimentação e moradia universitária, centros de convivência, além da infraestrutura básica, redes de abastecimento de água e energia, redes de saneamento e coleta de águas pluviais e vias de acesso.

Como consequência, tais atividades geram resíduos sólidos e efluentes líquidos, consumo de recursos naturais, o que torna indispensável a adoção de procedimentos bem definidos e adequadamente aplicados com fins de reduzir e controlar tais impactos sobre o meio ambiente. Nesse contexto, a Gestão e a Educação Ambiental constituem instrumentos para que as organizações comecem a incorporar os princípios e práticas da sustentabilidade, seja para tomar decisões fundamentais sobre planejamento, treinamento, operações ou atividades comuns em suas áreas físicas, seja para iniciar um processo de conscientização em todos os seus níveis, atingindo professores, funcionários e alunos.

A Conferência de Tbilisi, realizada pela UNESCO²⁵ em 1977 na ex-URSS, considerada marco conceitual da Educação Ambiental, apresenta uma realidade crítica das origens da atual crise ambiental rompendo frontalmente com a visão ainda cristalizada por muitos educadores de que tais causas sejam, entre outros

²⁵ Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura.

fatores, a explosão demográfica, a agricultura moderna e a crescente urbanização e industrialização (DIAS, 2004). Por essa ótica, como refere Layrargues (2008), tais fatos estariam dissociados da realidade cotidiana das comunidades onde a ação local representa a melhor oportunidade para o enfrentamento dos problemas ambientais e para a compreensão da complexa interação entre os aspectos ecológicos, político-econômicos e socioculturais da questão ambiental. A referida Conferência lançou, entre outras, recomendação de grande relevância quanto a estratégias metodológicas como elemento aglutinador para a construção de uma sociedade sustentável, *a resolução de problemas ambientais locais*:

A característica mais importante da educação ambiental é provavelmente, a que aponta para a resolução de problemas concretos. Trata-se de que os indivíduos, qualquer que seja o grupo da população a que pertençam e o nível em que se situem, percebem claramente os problemas que restringem o bem estar individual e coletivo, elucidem as suas causas e determinem os modos de resolvê-los. Desse modo, os indivíduos estarão em condições de participar na definição coletiva de estratégias e atividades encaminhadas para eliminar os problemas que repercutem na qualidade do meio ambiente (UNESCO, 1980, apud LAYRARGUES, 2008).

No contexto da recomendação referenciada em Tbilisi, consideramos a relevância da implementação de Sistemas de Gestão Ambiental (SGAs) em *Campi* universitários, como modelos e exemplos práticos de gestão sustentável para a sociedade. No caso mais específico deste estudo, consideramos como estratégica a criação da CGA na UFPel, a partir de 2005, e a implantação de políticas de gestão e educação ambiental. Engajando-se à proposta do Ministério do Meio Ambiente (MMA), a Instituição demonstra que também está inserida nas novas tendências de gestão da administração pública.

A problemática acima descrita, por apresentar questões inerentes ao processo de implantação da gestão/educação ambiental na UFPel, nos inquieta e nos conduz à investigação das representações sociais dos servidores técnico-administrativos, pelo fato de fazerem parte como sujeitos ativos no referido processo.

1.4 Questões Centrais que Objetivam o Estudo

No contexto da trajetória da pesquisadora e a propósito da problemática apresentada, salientamos as dificuldades inerentes ao referido processo de estruturação institucional para a implantação da gestão ambiental na IFES, concomitantemente à formação de uma consciência ecológica nos diferentes segmentos da comunidade universitária. Pode-se dizer, também, que a mesma situação é uma realidade na sociedade como um todo.

Durante o processo de investigação, inúmeros questionamentos se revezam compondo o cenário que servirá de base para o desdobramento da pesquisa até os seus resultados, por vezes imprevisíveis com relação à proposta almejada.

Em nosso estudo específico sobre as Representações em uma IFES, as questões centrais, que permeiam nosso universo investigativo, transitam pelas noções de pertencimento à Instituição e de sustentabilidade do servidor público em seu saber/fazer profissional.

Ao responder tais questões, temos como objetivos DESVELAR E COMPREENDER as Representações Socioambientais que determinam as relações dos servidores técnico-administrativos (STA) em suas práticas profissionais, no sentido do pertencimento e da sustentabilidade na Instituição.

Necessário se faz ressaltar, também, que os resultados da presente investigação poderão contribuir para o processo de construção de políticas de gestão e educação ambiental permanente, já em desenvolvimento na Universidade. Entende-se, assim como Reigota (2007), que na medida em que se desvenda o universo das representações sociais de seus agentes, podem-se vislumbrar as possíveis articulações entre elas e a prática cotidiana na IFES e conseqüentemente planejar e empreender ações mais efetivas dentro do processo de gestão/educação ambiental em andamento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A (re) invenção da Gestão de Pessoas na perspectiva da Educação Ambiental para a Sustentabilidade

A formação de recursos humanos tem merecido dimensão significativa pelo reconhecimento da sua importância em qualquer ramo das atividades profissionais, posto o entendimento de que o sucesso das organizações modernas está diretamente ligado ao investimento nas pessoas, com a identificação, aproveitamento e desenvolvimento da sua intelectualidade.

Surge, nesse sentido, uma nova visão em gestão de pessoas dentro das instituições, que tem despendido esforços importantes na busca de alternativas à sua ação educativa, refletindo no plano do ensino, na produção do conhecimento e também na ação política dos quadros técnicos, políticos e dirigentes. Tal movimento tem proporcionado a formulação de programas de formação que influenciam e são influenciados pela própria história da construção de cada setor. Espelhadas pelas práticas de seus agentes, definem referências e saberes fundamentais para os processos de capacitação e desenvolvimento de seus quadros.

Nas Instituições Públicas, em geral, observa-se grande esforço no sentido de mudar do antigo modelo burocrático para novos modelos de gestão, surgidos na metade do século XX, fruto da expansão do papel do Estado no desenvolvimento econômico e social, do desenvolvimento tecnológico e conseqüente globalização da economia mundial. Esses eventos trouxeram à tona as deficiências do modelo anterior (SIQUEIRA, 2008).

Na busca de novos paradigmas de gestão de suas organizações, a Administração Federal passa a investir, também, na definição de um novo perfil para os servidores. As novas tendências de gestão se caracterizam pelo desenvolvimento de uma cultura onde a eficiência torna-se, então, essencial, tendo o cidadão como beneficiário e portanto a necessidade de qualificação aos serviços oferecidos.

Surge, para tanto, a partir de 1991, dentro do Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade no Serviço Público Federal (PBQP), o Programa Nacional

de Gestão Pública e Desburocratização – GESPÚBLICA (PQSP)²⁶, com o propósito de melhorar a gestão das organizações públicas, tornando-as mais eficientes na administração dos recursos públicos, mais voltadas para o atendimento às demandas da sociedade do que para os seus processos burocráticos internos.

No que se refere às IFES, a política de gestão de pessoas é fundamentada na Lei nº 11.091/05, que institui o Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação e o Decreto nº 5.825/06, que estabelece as diretrizes para elaboração do Plano de Desenvolvimento dos Integrantes do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação. Apesar de alguns avanços, tal política ainda não atende às necessidades das IFES. Mesmo com a ampliação das contratações surgidas, principalmente com o advento do Programa de Apoio a Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), ainda não são suficientes, posto o longo período sem reposição de pessoal no serviço público. Ainda assim, o REUNI constitui o principal evento para a educação superior brasileira depois da reforma universitária de 1968 e poderá significar mudanças profundas, caso não esbarre nas disfunções da administração pública brasileira (SOUZA, 2009, p.47).

Instituído pelo decreto nº 6096 de 24/04/07, o REUNI tem seu objetivo especificado no artigo 1º do decreto como consta:

[...] Criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, para o aumento da qualidade dos cursos e pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais. (BRASILIA, 2010).

Cabe às IFES, por essa determinação, a elaboração de seu plano estratégico com ações voltadas para a implementação de mudanças na sua forma de administrar e gerir seus recursos materiais e potenciais humanos, conforme sua especificidade e características próprias.

Em especial no ambiente universitário, onde formas inovadoras de pensar, bem como novas linhas de pesquisa e extensão são desenvolvidas e aprimoradas, é fundamental o estabelecimento de uma política de gestão de pessoas para o seu meio acadêmico e administrativo. Considerando que a gestão universitária se faz

²⁶ Informações disponíveis em: <http://www.gespublica.gov.br/>. Acessado em: janeiro de 2012.

com pessoas, ou seja, com o desenvolvimento de servidores docentes e técnicos administrativos, o ensino, pesquisa e extensão deve estar aliado a uma administração qualificada, que identifique as peculiaridades das relações humanas existentes nas instituições, na busca da valorização de seus agentes.

Nesse sentido, a capacitação dos servidores oxigena o ambiente de trabalho, trazendo novas ideias e novas perspectivas de ação, valorizando o conhecimento adquirido dos servidores no seu dia a dia e qualificando-o com técnicas mais atualizadas pelo saber científico.

A grande dificuldade das IFES ainda são as questões ligadas à remuneração, motivação, desenvolvimento e reconhecimento das pessoas, que passa por uma política consistente de pessoal. Como o desempenho profissional ainda não é avaliado verifica-se, também, acomodação por parte de alguns servidores, o que faz com que busquem formação muito mais por interesses individuais, do que institucionais (SOUZA, 2009). O mesmo autor observa também que a aprendizagem e o compartilhamento do conhecimento organizacional ainda não se constituem uma cultura na gestão universitária. A informação ainda está muito centrada em poucas pessoas que deveriam ser mais estimuladas a socializar seus conhecimentos. A falta dessa atitude resulta em perdas de relevantes informações institucionais, posto que o conhecimento se centre nas pessoas, quando deveria permanecer nas estruturas administrativas, através de manuais, de arquivos de processos, relatórios de documentos que fazem a rotina das atividades administrativas.

Devido à falta da prática de aprendizagem e compartilhamento do conhecimento, quando os servidores ingressam na universidade, ou trocam de setor, informações básicas lhes são passadas informalmente pelo colega de trabalho, dificultando-se a compreensão da real finalidade do setor e da instituição. Concluindo, afirma que uma maior consciência sobre a importância do compartilhamento do conhecimento, por parte dos gestores universitários, minimizaria custos e maximizaria a eficiência, a eficácia e a efetividade da instituição.

2.1.1 Política de Gestão de Pessoal na Instituição de Ensino Superior Ambiente do Estudo

O Departamento de Pessoal da Pró-Reitoria Administrativa foi responsável pela gestão dos servidores docentes e técnico-administrativos da UFPel até 2007. Dentro da estrutura, existia uma Seção de Treinamento de Pessoal que se responsabilizava por algumas ações de treinamento de pessoal.

A Pró-Reitoria de Gestão de Recursos Humanos (PRGRH) foi criada pela Portaria nº 819/2007, a partir de uma proposta construída por seus próprios servidores, fundamentada em um conjunto de políticas e práticas que busca a conciliação entre as expectativas da Instituição e das pessoas que a compõem. A política da PRGRH, de acordo com as palavras da atual Pró-Reitora, publicadas pelo site²⁷ oficial da Universidade, “busca o desenvolvimento integral do servidor, o espírito de cooperação, compromisso e responsabilidade ética, valores que devem nortear uma administração voltada para a excelência”.

Assim, na UFPel, as novas tendências relacionadas à gestão de pessoas vêm se materializando, com a implementação do programa de capacitação e avaliação de desempenho pelo setor de desenvolvimento de pessoal²⁸, assim como em ações e metas direcionadas à (re) configuração do enfoque sustentável em todas as atividades da Instituição, através da Coordenadoria de Gestão Ambiental (CGA).

O Programa de Capacitação dos Servidores teve início em 2007 com duas (2) turmas e em 2008 uma (1) turma. Em 2009, oito (8); 2010, vinte e quatro (24) e em 2011, vinte e seis (26) turmas. Cabe salientar que os cursos oferecidos abrangem as áreas de: saúde, gestão, gerenciamento, planejamento estratégico, línguas, linguagem brasileira de sinais, serviços de alimentação, informática, regime jurídico único, plano de carreira dos servidores. Destes, destacamos três na área ambiental: em 2009 - Aperfeiçoamento sobre Gestão de Resíduos Sólidos de Serviços da Saúde, com 26 participantes e que gerou o entendimento da necessidade, em 2010, do Curso de Educação Ambiental: Potencializando a Formação de Sujeitos Críticos e Comprometidos com a Sustentabilidade e Qualidade de Vida, com 41 participantes. Em 2011 - Política Nacional de Resíduos

²⁷ <http://wp.ufpel.edu.br/prgrh> acessado em 12 de janeiro de 2011.

²⁸ Política de Desenvolvimento de Pessoal, estabelecida pelo Decreto nº. 5.707/2006 e Plano de Desenvolvimento dos Integrantes da Carreira dos Cargos Técnico Administrativos em Educação da UFPel, Resolução nº. 03/2006, do Conselho Universitário, estruturado nos Programas de Capacitação, Avaliação de Desempenho e Dimensionamento das Necessidades Institucionais de Pessoal.

Sólidos (PNRS): conceitos e práticas para formação de agentes capazes de promover a adequação da UFPel a PNRS, com 21 participantes (turma em andamento).

2.1.2 A Perspectiva Ambiental

No contexto da nova visão de gestão das organizações, a dimensão ambiental configura-se como uma questão que diz respeito ao conjunto de atores do universo educativo. Também, na gestão ambiental, deve ser potencializado o envolvimento dos diversos sistemas de conhecimento, a capacitação de profissionais e a comunidade universitária numa perspectiva interdisciplinar. Como nos ensina Jacobi:

Nesse sentido, a produção de conhecimento deve necessariamente contemplar as inter-relações do meio natural com o social, incluindo a análise dos determinantes do processo, o papel dos diversos atores envolvidos e as formas de organização social que aumentam o poder das ações alternativas de um novo desenvolvimento, numa perspectiva que priorize novo perfil de desenvolvimento, com ênfase na sustentabilidade socioambiental (JACOBI, 2003, p.2).

A Educação Ambiental surge nesse cenário como um desafio para a formação de uma consciência ecológica nas diferentes camadas e setores da sociedade mundial, envolvendo, por conseguinte, também o setor educacional, a exemplo das IFES. Assim, ela deve ser crítica, inovadora e acima de tudo um ato político voltado para a transformação social numa perspectiva de ação holística que relacione o homem, a natureza e o universo, tendo como referência a possibilidade de esgotamento dos recursos naturais e a ação do ser humano como principal agente dessa degradação.

Entendida como um dos suportes para o desenvolvimento de uma sociedade sustentável, a Educação Ambiental deve contribuir para a formação de sujeitos conscientes de sua realidade socioambiental, despertando o sentido de participar da construção de sua cidadania pela internalização dos fundamentos da interação ser humano/meio ambiente. Por esse caminho, as relações socioambientais devem se traduzir por uma ética ambiental pública no sentido de reverter as atuais consequências da questão ambiental a respeito do equilíbrio ecológico e da qualidade de vida.

A gestão ambiental nas organizações vem sendo desenvolvida como forma de administrar e minimizar os impactos ambientais, diante da compreensão gradativa da amplitude da crise ambiental global e de que as possíveis soluções ultrapassam o alcance do poder público, dependendo da mudança de pensamento/comportamento de cada um e de todos.

A Eco - 92, Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, veio reforçar os princípios e as regras para o combate à degradação ambiental, elaborando a Agenda 21, instrumento diretriz do desenvolvimento sustentável. Assim, fundamentada nas recomendações do Capítulo IV da Agenda 21, que indica aos países o “estabelecimento de programas voltados ao exame dos padrões insustentáveis de produção e consumo e o desenvolvimento de políticas e estratégias nacionais de estímulo a mudanças nos padrões insustentáveis de consumo”; no Princípio 8 da Declaração do Rio/92, que afirma que “os Estados devem reduzir e eliminar padrões insustentáveis de produção e consumo e promover políticas demográficas adequadas”; e ainda, na Declaração de Johannesburgo, que institui a "adoção do consumo sustentável como princípio basilar do desenvolvimento sustentável"²⁹, em 2001 o MMA lançou a A3P, visando à sensibilização dos gestores públicos para as questões ambientais.

A Agenda A3P é um convite ao engajamento individual e coletivo, ao desenvolvimento de ações que levem à formação de novas formas de pensamento e consequente mudança de comportamento nas Instituições Públicas pela compreensão do papel referencial que o poder público possui na revisão dos padrões de produção e consumo, bem como na adoção de novas perspectivas em busca da sustentabilidade socioambiental.

A partir da adesão formal, os órgãos públicos são estimulados a incorporar princípios e critérios de gestão ambiental em suas atividades administrativas, promovendo o uso racional dos recursos naturais e dos bens públicos; o manejo adequado e a diminuição do volume de resíduos gerados; licitações sustentáveis, compras verdes e ainda ao processo de formação continuada de servidores públicos.

²⁹ www.mma.gov.br/sitio/index.php acessado em 12 de janeiro de 2011.

Na perspectiva da A3P, a Educação Ambiental atua como ferramenta estratégica com relação aos aspectos socioambientais e de melhoria da qualidade do ambiente de trabalho (BRASIL/ MMA, 2007).

Nas universidades, assim como nos demais órgãos públicos, a implantação dos sistemas de gestão ambiental também se fundamenta na Agenda 21 Brasileira³⁰ (implementada a partir de 2003), a qual estabelece que as instituições de ensino universitário tenham responsabilidades diversas no que se refere à formação de uma sociedade sustentável. Da mesma forma que, em qualquer outra instituição ou empresa, a construção de um sistema de gestão ambiental em uma universidade deve levar em conta a peculiaridade e complexidade de cada organização, de acordo com a diversificação de suas atividades, ao meio social heterogêneo que incorpora e ao modelo estrutural que utiliza. Entretanto, embora demonstrem preocupação com as questões da sustentabilidade, tanto no que diz respeito ao ensino dos alunos quanto às práticas ambientais, percebe-se que ainda são muito restritas as atividades das IFES em relação ao seu gerenciamento ambiental. E assim o são pela falta de consciência socioambiental de seus gestores e de todos os que ali desenvolvem atividades, sejam profissionais, sejam educativas. Todas as medidas nesse sentido ainda não ocorrem de forma natural, culturalmente absorvida, apenas por força da exigência legal de controle e proteção ambiental que aos poucos começa a ser implementada nas Instituições como um todo.

Entre os benefícios que a gestão ambiental traz para uma instituição, destacam-se a melhoria na qualidade de vida da comunidade institucional pela redução no consumo de energia, água e materiais de expediente; o estabelecimento das conformidades com a legislação ambiental; além da geração de oportunidades de pesquisa. Para tanto, vários instrumentos de gestão ambiental vêm sendo pensados e desenvolvidos ao longo dos anos, com o intuito de conciliar o desenvolvimento econômico com a proteção ambiental, em conformidade com o

³⁰A elaboração da Agenda 21 Brasileira se deu de 1996 a 2002, coordenado pela Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional (CPDS) e teve o envolvimento de cerca de 40 mil pessoas de todo o Brasil. O documento Agenda 21 Brasileira foi concluído em 2002 entrando em fase de implementação a partir de 2003, assistida pela CPDS. Foi elevada à condição de Programa do Plano Plurianual, (PPA 2004-2007), pelo atual governo, dessa forma adquirindo mais força política e institucional, passando a ser instrumento fundamental para a construção do Brasil Sustentável, estando coadunada com as diretrizes da política ambiental do Governo, transversalidade, desenvolvimento sustentável, fortalecimento do Sisnama (Sistema Nacional de Meio Ambiente) da participação social e adotando referenciais importantes como a Carta da Terra (site AGENDA 21 , 2011).

contexto social e o grau de degradação ambiental, desenvolvimento tecnológico e nível de sensibilização ambiental dos indivíduos.

O investimento em um sistema de ensino que envolva uma visão sistêmica por meio de uma ênfase na educação ambiental transdisciplinar é fundamental para um processo de gestão ambiental eficiente, permitindo assim a materialização de uma visão sustentável (SEIFERT, 2007).

2.2 As Representações – O Coletivo e o Social em sua Evolução

A Teoria das Representações Sociais (TRS) possui caráter interdisciplinar e raízes em diferentes áreas, particularmente nas Ciências Humanas e Sociais, destacando-se a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia. Mais especificamente no âmbito da Psicologia Social, as Representações Sociais ganharam uma teorização que aborda as representações no que tange à relação indivíduo-sociedade, propondo-se a estudar e compreender:

como os indivíduos, grupos, sujeitos sociais constroem seu conhecimento a partir da sua inscrição social, cultural etc, por um lado, e por outro, como a sociedade se dá a conhecer e constrói esse conhecimento com os indivíduos. Em suma, como interagem os sujeitos e a sociedade para construir a realidade, como terminam por construí-la numa estreita parceria - que, sem dúvida, passa pela comunicação (ARRUDA, 2002, p.128).

Para situar historicamente a TRS, suas referências remontam ao século XIX, com Émile Durkheim, considerado um dos precursores da Sociologia, idealizador da Teoria das Representações Coletivas (TRC), segundo a qual a sociedade tem poder coercitivo sobre as consciências dos sujeitos, expressando a prevalência do social sobre o individual. Nesse sentido, em seus estudos sobre a sociologia, Durkheim, procurou discutir a importância das representações dentro de uma coletividade e como elas influem nas decisões que os seres humanos tomam individualmente (REIGOTA, 2007, p.65). Para o sociólogo, “nada, ou quase nada escapa das configurações sociais que agem sobre os indivíduos independentemente da vontade destes” (idem, p. 66).

Na essência do conceito de representações coletivas, proposto por Durkheim, em 1898, o estudo das Representações Individuais (RI) é domínio da Psicologia, enquanto que o estudo das Representações Coletivas (RC) pertence à Sociologia,

demarcando uma separação entre os dois conceitos. Durkheim e Moscovici concordam que as RC referem-se a categorias de pensamento através das quais os grupos elaboram e expressam a sua realidade.

Assim, nas palavras de Durkheim:

O conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem sua vida própria; poderemos chamá-lo: consciência coletiva ou comum. Sem dúvida, ela não tem por substrato um órgão único; é, por definição, difusa em toda extensão da sociedade; mas não deixa de ter caracteres específicos que fazem dela uma realidade distinta. Com efeito, é independente das condições particulares em que os indivíduos estão colocados; eles passam, ela permanece. (...) Da mesma forma, não muda a cada geração, mas, ao contrário, liga umas às outras as gerações sucessivas. Portanto, é completamente diversa das consciências particulares, se bem que se realize somente entre indivíduos. Ela é o tipo psíquico da sociedade, tipo que tem suas propriedades, suas condições de existência, seu modo de desenvolvimento, tudo como os tipos individuais, embora de outra maneira (DURKHEIM, 1978, p.40).

Como diferenças básicas entre os conceitos de RI e RC, Durkheim indica que, no primeiro caso, tem-se como substrato a consciência própria de cada um, sendo subjetiva e flutuante, portanto perigosa à ordem social; no segundo caso, o que se tem é a sociedade em sua totalidade, de forma impessoal, permanente, o que garante a ligação necessária entre os indivíduos, com vistas a uma *harmonia da sociedade* (PAULINO, 2007). Ainda, com relação às RC, se observa que elas contêm, como as instituições e as estruturas, duas características do fato social: a exterioridade em relação às consciências individuais; a coerção ou a suscetibilidade de exercê-la sobre essas consciências (MINAYO, 2011).

Assim, as representações coletivas são fenômenos sociais e psíquicos que formam uma espécie de consciência coletiva. Podendo-se percebê-las, desse modo, em seu caráter mais estático e homogêneo, compartilhada por todos os membros de um grupo, tendo como função promover o vínculo entre eles, para que ajam e pensem uniformemente.

Contemporaneamente, Serge Moscovici, autor referencial da TRS, começou a estudar a constituição e a função das representações sociais, não mais as adjetivando como coletivas. Esse conceito foi amplamente difundido, quando, em

1961, publicou um trabalho sobre as Representações Sociais³¹ da Psicanálise a partir de uma perspectiva que buscava compreender o processo de construção de teorias do senso comum.

Desse modo a TRS, refere-se ao estudo das relações entre indivíduos e seu grupo social, destacando o papel da comunicação ao permitir aos indivíduos, com seus pensamentos e sentimentos, convergirem de forma que, num processo dinâmico, qualquer elemento individual possa se tornar social e vice-versa. Ao perceber uma lacuna no foco do simbólico, Moscovici *remodelou* este conceito, trazendo-o às condições atuais das sociedades contemporâneas. Salientamos, entretanto, que a noção de representações sociais não pretende revogar a de representações coletivas, mas acrescenta outros fenômenos ao seu campo de estudos, ampliando-o.

As Representações Sociais constituem um campo de conhecimento específico, que tem por função a construção de condutas comportamentais, estabelecendo a comunicação entre sujeitos em um grupo social produtor de interações interpessoais. Tais formas de conhecimento são elaboradas e compartilhadas socialmente e favorecem a produção de uma realidade comum, viabilizando a compreensão e a comunicação dos indivíduos com o mundo (MOSCOVICI, 1978). Sendo assim, nas palavras desse autor:

O caráter social das representações transparece na função específica que elas desempenham na sociedade, ao contribuir para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais. Elas equivalem a um conjunto de princípios construídos interativamente e compartilhados por diferentes grupos que através delas compreendem e transformam a realidade (MOSCOVICI apud REIGOTA, 2007, p.69).

Moscovici, ao estudar as RS, pretendia entender a dinâmica da relação sujeito-meio social, no que se refere ao sentido de como o social interfere na elaboração das representações sociais dos indivíduos e como estes interferem na elaboração das representações sociais do grupo a que pertencem. Visava, assim, compreender e discutir os processos que levam os sujeitos sociais a construir

³¹*La Psychanalyse: Son image et son publique.1961.France.* Publicado no Brasil em 1978, com o título A representação social da psicanálise. Ed Zahar.

teorias sobre determinados objetos, que tornam possíveis a comunicação e a organização dos comportamentos.

Em nossa sociedade, as representações podem ser equiparadas aos mitos e sistemas de crença das sociedades tradicionais podendo ser vistas como a versão contemporânea do senso comum. Segundo Moscovici (2009, p.37), “as RS são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso de tempo e são o resultado de sucessivas gerações”.

Jodelet, principal representante do pensamento de Moscovici nesse campo de estudo, nos ensina que as representações sociais devem ser estudadas “articulando elementos afetivos, mentais e sociais; integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais e à relação material, social e ideativa sobre as quais elas intervêm” (JODELET, 1989, p.41, apud, SPINK, 2011).

As representações sociais reúnem dois debates importantes: no primeiro, as representações são formas de conhecimento prático, voltadas para o cotidiano e para a comunicação; no segundo, são elaborações de sujeitos sociais sobre objetos socialmente valorizados. O primeiro eixo nos remete ao senso comum, tecido de significados que originam a realidade social. O segundo eixo nos lembra que as representações são interpretações da realidade, portanto uma construção social, na qual a relação com o real nunca é direta; é sempre mediada por categorias histórica e subjetivamente constituídas. (idem, 2011).

Na medida em que se amplia a apropriação do estudo das representações como base para se compreender os discursos firmados na construção do senso comum, da mesma forma que na transformação do discurso científico em conhecimento geral, avoluma-se a produção de literatura que torna essa teoria instrumento para o desvelamento dos pensamentos construídos socialmente.

Como veremos brevemente na próxima seção, em sua evolução, de acordo com Salles et al, (2007), trazer as RS como pressuposto teórico para o exame de fenômenos educacionais (de gênero, de comunicação, de profissionalização, da esfera pública, apresentados pelos autores Gilly, Arruda, Guareschi, Palmonari, Zani, Jovchelovitch entre outros), tem ocupado os interesses de pesquisadores que buscam compreender as diferentes formas e expressões de interação na sociedade.

2.2.1 A Abordagem das Representações Sociais no Brasil e na Perspectiva das Questões Ambientais

O estudo das RS no Brasil foi introduzido por brasileiros que haviam frequentado a École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris, durante os anos 1970, sob orientação de Serge Moscovici e Denise Jodelet (ALMEIDA, 2009). Na EHESS, os pesquisadores latino-americanos da época encontravam um espaço para refletir sobre os problemas emergentes da vida cotidiana que afligiam seus países e o estudo das RS se insinuava como uma resposta a estas questões.

A expansão da Teoria das Representações Sociais (TRS) nos meios acadêmicos, entretanto, também passou por um longo período de latência, de forma semelhante ao que ocorreu na Europa com a obra Moscovici, em 1961. Por múltiplas razões, segundo Almeida (2009, p. 714), “a inserção da TRS no Brasil se deu pela via de universidades situadas fora do eixo Rio-São Paulo”, localizadas no Nordeste e Centro-Oeste que na época eram centros considerados periféricos do ponto de vista da produção científica nacional.

O desenvolvimento das pesquisas na área, entretanto, caminhou na direção da evolução do conceito, assim como de uma teoria amplamente investigada. Atualmente, o estudo das RS encontra-se em plena expansão no Brasil no qual se incluem as áreas da Educação, Saúde e Serviço Social, História, Sociologia, Antropologia, Geografia, Comunicação e Meio Ambiente.

Com relação às questões ambientais, além de Reigota (2007), em “Meio Ambiente e Representação Social”; podemos citar Arruda (1995), em “Ecologia e desenvolvimento: representações de especialista em formação” e Tomanik (2002), com o Grupo de Estudos Socioambientais (GESA-UEM/PR). Estes estudiosos descrevem as RS do meio ambiente em segmentos da população para intervenção nos locais estudados.

Assim, pode-se dizer que a investigação sobre as RS na área da Educação Ambiental emergiu como forma de investigar as representações de diferentes grupos sociais, por exemplo, com relação ao termo “meio ambiente”, quando, com o surgimento da crise ambiental, no debate da relação homem/natureza, várias acepções teriam aparecido. O termo “meio ambiente” não designa um “objeto” específico e, assim, temos “natureza”, “espaços naturais”, “paisagens”,

“assentamentos”, designando atividade e pensamento no campo ambiental (VIEIRA,1998). Essas diferentes definições indicam um conjunto de relações envolvendo um objeto de referência e seu contorno, conduzindo ao entendimento de que nas representações sociais de meio ambiente, podemos encontrar os conceitos científicos da forma como foram aprendidos e internalizados pelas pessoas (REIGOTA, 2007).

Os estudos feitos por este autor, com professores de diferentes áreas (ecólogos, geógrafos, psicólogos), indicaram Representações Sociais sobre o meio ambiente com caráter difuso e variado. Não havendo um consenso entre os grupos, ficou demonstrada a coexistência de uma multiplicidade de significados, que foram elaborados segundo o meio social em que as representações são apreendidas e interpretadas. A investigação de Reigota (2007), portanto, também demonstrou que o objeto “meio ambiente” muda de acordo com a representação que a comunidade faz deste objeto. Sobre a importância da pesquisa com as RS no campo ambiental, alguns pesquisadores afirmam que a compreensão das várias representações de meio ambiente nos leva a um dos objetivos básicos da Educação Ambiental: o de criar situações para que indivíduos se sintam estimulados a rever seu modo de conceber e se relacionar ecologicamente com seu entorno (TREVISOL & SOCOLOVSKI, 2000). Complementando esse pensamento, há um consenso entre os educadores ambientais, técnicos e pesquisadores em meio ambiente de que qualquer programa de educação ambiental precisa conhecer as Representações Sociais do grupo social ou a comunidade com a qual vamos trabalhar. A identificação dessas Representações Sociais possibilita a intervenção, reforçando os aspectos positivos e transformando os negativos das representações (TREVISOL, 2004). Por sua vez, Reigota, em seus estudos defende que: “A compreensão das diferentes representações deve servir como base de negociação e solução dos problemas ambientais”, importando saber “qualitativamente melhor sobre as questões que um determinado grupo pretende estudar e onde pretende atuar” (REIGOTA, 2007, p.20).

Oportuno citar outra experiência que nos incentiva o estudo das Representações dentro da problemática socioambiental: Nas palavras de Prado (2008, p.20), “o modelo capitalista, instaurado na atualidade, cria e recria representações que se alastram e se legitimam, como exemplo, as que versam

sobre os mitos de progresso para uma sociedade”. Entretanto, esse autor também afirma, ao investigar sobre as crônicas do ambientalista Roessler³², que apesar da tendência a se integrar por meio de crenças e pensamentos comuns a determinados grupos,

as representações oriundas do mesmo modelo de sociedade, porém questionadoras de aspectos do capitalismo, também disputam por espaços e ganham adeptos, como as diversas representações ambientais presentes nos escritos de Roessler, que viriam a servir de base para o futuro movimento ambiental dos anos 70 e para a estruturação da educação ambiental orgânica e crítica aos modelos de produção e consumo (idem, p.20).

Ao buscar o aporte teórico nas representações de natureza das crônicas de Roessler, Prado (idem p.15) descobre que, ao revelar problemas ambientais locais, mas comuns ao que ocorria em nível mundial, desencadearam um engajamento político coletivo que influenciou nas tomadas de decisões por parte de alguns setores sociais do período pesquisado.

Da mesma forma, em nossa investigação buscamos as representações de um grupo acerca das questões ambientais comuns, por entender como os autores em suas reflexões e experiências supracitadas, que a compreensão dos modos de pensar e fazer e suas relações em seu meio ambiente de trabalho poderão contribuir para o processo de modificação da realidade entre as pessoas envolvidas. Nesse momento, em que se implementam programas de gestão ambiental na Instituição, estimulando-se a formação e capacitação dos seus servidores, entendemos como oportuna a inserção de um processo pedagógico que, de forma criativa, democrática e fundamentada no diálogo (REIGOTA, 2007), possibilite as mudanças de valores e conseqüentemente novos comportamentos nas relações indivíduos/sociedade/natureza.

³² Henrique Luiz Roessler, Porto Alegrense, nascido em 1896, tornou-se fiscal voluntário contra a caça, a pesca e o desmatamento predatório que durante os anos 40, 50 e 60 se desenvolviam descontroladamente no Rio Grande do Sul. Entre o período 1957 – 1953, escreveu semanalmente crônicas no suplemento rural do jornal *Correio do Povo (POA/RS)*, nas quais denunciava, de forma categórica, as agressões contra o ambiente natural, abordando questões relativas às reservas florestais, matas ribeirinhas, sementes, derrubada de árvores, questão indígena, poluição dos rios, piscicultura, construção de barragens, etc. (PRADO, 2008).

2.2.2 O Socioambiental adjetivando as Representações neste estudo

Já consideramos no início dessa abordagem o potencial das representações sociais como conhecimento genuíno capaz de levar a cabo mudanças no comportamento em nossa sociedade. Da mesma forma, podendo criar e transformar a realidade social em que estão inseridas como estratégias desenvolvidas por seus atores para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transforma cada um individualmente. É, portanto, como afirma Jovchelovitch (2011, p.57), “na experiência da pluralidade e da diversidade entre perspectivas diferentes – que, porém, podem levar ao entendimento e ao consenso – que o significado primeiro da esfera pública pode ser encontrado”.

A degradação permanente do meio ambiente e de seus ecossistemas nos remete a necessária reflexão sobre o desafio que se constitui a transformação nas formas de pensar e agir em torno da questão ambiental numa perspectiva contemporânea. A dimensão ambiental, por sua vez, demanda crescentemente a articulação entre os diversos sistemas de conhecimento, a capacitação de profissionais e a comunidade universitária numa perspectiva interdisciplinar, posto envolver o universo educativo. Esse caráter “interdisciplinar” do conhecimento e sua articulação ao ensino, entretanto, por ser pouco compreendido, também trazem dificuldades para sua aplicação.

Capra (1982) salienta que o estudo dos principais problemas contemporâneos nos leva a perceber o quanto eles são interdependentes e se desenvolvem ligados sistemicamente. A partir disso, “a compreensão da inseparabilidade entre a teoria e a prática certamente nos ajudará a construir uma nova visão de mundo e de conhecimento que possa se aproximar de uma abordagem interdisciplinar” (BRÜGGER, 2004, p.96). Entretanto, devemos considerar, segundo a mesma autora, que os complexos processos, que envolvem as relações natureza/sociedade, são também influenciados por decisões políticas. Tal assertiva nos remete à questão sobre qual “interdisciplinaridade” queremos: “Um instrumento para a construção de um mundo melhor ou apenas mais um modismo acadêmico, sem maiores comprometimentos éticos?”

Para tanto, a construção dessa nova forma de conhecimento deverá necessariamente contemplar as inter-relações do meio natural com o social, incluindo o papel dos diversos atores envolvidos e suas formas de organização

social, numa perspectiva que priorize novo perfil de desenvolvimento, com ênfase na sustentabilidade socioambiental. Leff (2001) considera sobre a impossibilidade de resolver os crescentes e complexos problemas ambientais e reverter suas causas sem que ocorra uma mudança radical nos sistemas de conhecimento, dos valores e dos comportamentos gerados pela dinâmica de racionalidade existente, fundada no aspecto econômico do desenvolvimento. Nesse sentido, a preocupação com o desenvolvimento sustentável deve representar a possibilidade de garantir mudanças sociopolíticas que não comprometam os sistemas ecológicos e sociais que sustentam as comunidades.

Relevamos, nesse contexto, as reflexões de Gonçalves no que concerne ao entendimento sobre o natural, o cultural e a constituição do movimento ecológico em nossa sociedade:

Toda a sociedade, toda a cultura cria, inventa, institui uma determinada ideia do que seja a natureza. Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos homens e constitui um dos pilares através do qual os homens erguem as suas relações sociais, sua produção material e espiritual, enfim, a sua cultura (GONÇALVES, 2006, p.24).

Assim, o autor assinala a importância da reflexão e análise sobre como a natureza é concebida em nossa sociedade, para o entendimento do âmago das questões socioambientais e que deram causa a constituição do movimento ecológico, posto os problemas gerados pelas relações reduzidas e utilitárias sociedade/natureza. A forma como pensamos o natural e nossa inserção no meio ambiente dá suporte ao modo como produzimos e vivemos nossa relação com a natureza.

Em nosso estudo, buscamos o desvelamento das relações entre as pessoas, o grupo e o meio ambiente no qual se desenvolvem atividades laborais em uma Instituição de Ensino Superior. Tais relações geram questões ambientais que demandam o entendimento do pensamento do coletivo como referência para a interpretação da realidade da Instituição, da mesma forma que as possíveis soluções para as problemáticas socioambientais por eles vividas em seu meio ambiente de trabalho.

É nesse sentido que nos apropriamos e propomos a expressão "socioambiental", para qualificar metodologicamente as representações em nosso estudo acerca dos modos de pensar e agir do servidor técnico administrativo.

Cada vez mais utilizada em diversos setores, a expressão "socioambiental" remete a um verdadeiro movimento político, que discute o social e o ambiental em uma só palavra para manifestar o surgimento de uma nova relação entre natureza e cultura, na qual, nas palavras de Leff (2008, p.102), "a consciência ambiental se manifesta por uma angústia de separação e uma necessidade de reintegração entre o homem e a natureza".

Para o estabelecimento dessa nova relação que transcenda a crise ambiental, é imprescindível, portanto, "a adoção de novas posturas diante da natureza e das relações humanas, de novos comportamentos e valores", como afirma Brügger (2004, p.91). A autora complementa que a Educação Ambiental crítica é necessária para a formação dessa nova consciência, e que aborde, para além do contexto da história natural, as possíveis relações natureza/homem entre si.

A formação do mundo moderno e a tradição das ciências sociais, da filosofia e da economia tiveram, como uma de suas marcantes características, a oposição entre a natureza e a cultura. Dentro da visão contemporânea da ciência, já se entende que não é possível estabelecer separação absoluta entre as ciências da vida, da natureza e da cultura. Nesse sentido, o "socioambiental" vem indicar a tendência para o reencontro dessas noções que foram separadas artificialmente tecendo um caminho de (re) conciliação em busca da (re) construção de um meio ambiente mais sadio que perpetue a reprodução da vida e a permanência das espécies.

2.3 Noções sobre o Pertencimento e a Sustentabilidade com perspectivas ao estudo das Representações Socioambientais

Ao definir a busca pelas noções de pertencimento e sustentabilidade, como questões centrais em nosso universo investigativo, consideramos que elas atuam como representações socioambientais dos sujeitos e que possivelmente sejam determinantes das suas relações e práticas em seu meio ambiente profissional.

Entendemos que o almejado desenvolvimento de uma consciência ecológica nos diferentes segmentos, que compõem nosso meio ambiente de estudo, deva ser

fundamentada pela formação de novos sentimentos e valores em seus agentes acerca dos significados representacionais sobre a esfera pública, o que, conseqüentemente refletirá em novas posturas e comportamentos e no surgimento de uma relação de alteridade entre a natureza e os humanos.

A seguir, buscando direcionar nosso estudo, dialogamos com diversos autores que em suas reflexões, conjecturas e afirmativas, discutem os possíveis significados através do tempo e do espaço que permeiam o subjetivo sentido de pertencimento nos indivíduos e as perspectivas para uma sociedade sustentável.

2.3.1 O Sentido do Pertencer

Dentre os vários significados para o verbo pertencer, encontramos o *ato de pertencer*, do qual deriva o substantivo masculino “pertencimento”³³.

Começamos por considerar que pertencer e se identificar com um grupo é tão necessário ao ser humano quanto para a maioria dos animais. Por essa sensação inconsciente e subjetiva, nos reunimos e formamos tribos, comunidades, famílias, torcidas e até gangues.

Como bem nos ensina Brandão:

Houve um momento em que eu nasci (...) em que você, eu e todas e todos nós nascemos e começamos a viver a *aventura da vida* em algum lugar do Planeta Terra. E a Terra é a casa de todas e de todos nós. Ela é o nosso lar. Nascemos em um dia, em um lugar. E, a partir de então, nós existimos. Somos alguém. Somos uma pessoa no mundo em que nascemos e onde vivemos (BRANDÃO, 2005, p.12).

Por essa sensação de nascer, viver em algum lugar que nos permite existir, ser alguém no Planeta Terra, desde os primeiros tempos da história humana, vivemos e transformamos sem cessar o meio natural em espaços e lugares para socializá-lo. Pela necessidade quase inconsciente de sentir-se parte, sentir-se pertencente, o ser humano se organiza para conviver em sociedade, compartilhando uma cultura tecida pelas visões de mundo, regras de convivência, em suas preces, cantos, danças, culinária, com uma maneira singular de viver no ‘seu mundo’.

E vivemos cada momento de nossas vidas dentro, na *natureza*, no interior de *ambientes naturais*. Mas, desde uma pequena tribo de indígenas do Mato Grosso até um grande bairro da Zona Leste da

³³ Do dicionário Candido de Figueiredo, 1913. <http://www.dicio.com.br/pertencimento/> acessado em 30/10/2011.

cidade de São Paulo, vivemos em lugares “conquistados” da natureza pelo trabalho humano, e transformados em quartos e casas, em ruas e em bairros, em cidades e em municípios (idem, 2005, p.35).

Assim, cada vez que precisamos nos identificar ou situar, utilizamos diferentes expressões, em dimensões, para definir a nós mesmos e aos outros, quem somos; de onde somos ou vivemos. E vamos dando aos lugares, de onde somos e onde vivemos, sentidos, saberes, significados e valores ora semelhantes, ora diferentes, de acordo com a maneira como os vivenciamos com os nossos sentidos, a nossa mente e as nossas sensibilidades. Dessa forma, desde a antiguidade, os povos tradicionais referenciam fenômenos da natureza, animais, plantas, rios para situar-se no meio em que vivem. Ao socializar a natureza para sua sobrevivência, a cada instante e de muitos modos, os humanos podem agir como aliados, assim como podem ser seus potenciais inimigos.

Brandão (2005, p. 38)³⁴ nos fala sobre o significado de “O meu e o deles, o nosso e o de todos nós”. Na beleza de um texto, que mais parece um poema de reflexões ao pertencimento, surge a questão: “onde é que começa e onde é que acaba o que é “meu”? E o autor conclui que esta pergunta guarda pelo menos dois sentidos: “o *meu* pode ser: aquilo que é meu; aquilo que é minha propriedade, minha posse; aquilo que eu achei, ganhei, herdei, produzi, criei, comprei, e assim por diante: É meu, porque não é dos outros” (...) “Mas aquilo que é meu pode ser também: aquilo que eu compartilho com os outros” (...) “aquilo que é meu e deles”. E, “sendo meu e deles é então: nosso”. O autor chama atenção e pede carinho pela importância da palavra: “nosso”. Por que será decisiva dependendo da dimensão atribuída a ela. Nesse sentido, “algo pode ser *meu* não só e nem tanto porque é minha propriedade e serve aos meus usos, mas porque é alguma coisa que tem a ver comigo” e pela qual eu me sinto... e sou de fato responsável. No seu exemplo, ao adquirir uma propriedade com lago, árvores, pedras, flores e onde dela desfrutem também pássaros e animais silvestres e seus ninhos, que naturalmente habitam aquela biodiversidade, tudo será meu, incluindo o que está no seu subsolo, posto que a comprei e dela tenho escritura.

³⁴ Em todo esse parágrafo estarei me referindo às palavras de Carlos Brandão, entre as páginas 38-56. É meu objetivo fazer uma releitura do texto do autor adaptada a minha temática, sem, entretanto, tomar a autoria de suas palavras. Penso que se for incluir na escrita, as devidas normas técnicas quando fizer as suas citações, o texto perderá a beleza e ficarão prejudicados quanto aos seus objetivos de tentar definir o subjetivo sentido do pertencer.

Apesar das leis de proteção ambiental, aquilo que eu fizer com o que lá estiver (e for ilegal) somente me acarretará punição por denúncia, até porque será difícil alguém me ver fazendo “aquilo”. Assim, vários motivos podem nos levar a agir em favor da natureza que “me pertence” por força do meu direito de propriedade: a sua valorização no sentido estético e vida produtiva, ou o temor das pesadas multas que recaem pela transgressão da lei. Mas pode ser, entretanto, “que eu os proteja porque reconheço neles a presença do milagre da Vida que existe nas árvores, nos passarinhos, no ninho e em mim também”.

Pela releitura e conseqüente reflexão das inspiradoras palavras de Brandão, por certo ainda podemos nos sentir responsáveis pelo que de fato faz parte do meio natural onde nos inserimos, a partir do cuidado que observamos pelo que nos cerca. E esse sentimento se manifesta quando inconscientemente assentimos que tudo o que é material ou cultural e que adquirimos será “nosso” por algum tempo e sempre haverá de ser apenas pelo tempo de nossa existência terrena. Posto que um dia a vida se extinga em nosso corpo de matéria, o tempo de nossa passagem por aqui nos torna bem mais um *responsável* do que apenas *proprietário* daquilo que se situa geograficamente no âmbito de nossa propriedade. Por esse entendimento, devemos nos considerar gestores da parte da natureza que nos cabe como beneficiários e usuários.

Sá (2005, p.249), em suas reflexões, registra que, desde o início do século passado, autores como Tonnies e Weber já teorizavam sobre o que faz com que as pessoas se sintam parte de território comum, de uma mesma origem: “Participantes de uma comunidade em laços pessoais de reconhecimento mútuo e no sentimento de adesão a princípios e mesma visão de mundo”. Considera que a noção de “pessoa humana” é uma das mais relevantes para o entendimento da crise socioambiental que vivemos hoje, e apresenta sua crítica ao individualismo ideologizado da cultura industrial capitalista moderna que:

construiu uma representação de pessoa humana como um ser mecânico, desenraizado e desligado do seu contexto, que desconhece as relações que o tornam humano e ignora tudo o que não esteja direta e imediatamente vinculado ao seu próprio interesse e bem estar (idem, 2005, p.247).

Pelo pertencimento, os indivíduos se reconhecem unidos por uma crença subjetiva de origem comum, numa coletividade cujos símbolos compartilhados expressam valores, medos e aspirações, que acabam por configurar-se em características sociais, culturais ou raciais.

Através de uma identificação étnica, nossos antepassados se reuniram em diferentes clubes sociais (formados por imigrantes: clubes de italianos, alemães, portugueses, etc.). Da mesma forma, também encontramos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) marcando a presença Rio-grandense pelo mundo afora. Não obstante, empresas, governos, partidos e impérios correm o risco de desestruturação quando o senso de pertença que une seus participantes deixa de existir.

O sentir-se como pertencente a tal grupo, comunidade ou lugar e, ao mesmo tempo, que estes nos pertencem, nos permite agir de forma a intervir nos fatos e acontecimentos que direcionam os seus rumos. Ele nos dá a sensação de participarmos de "alguma coisa maior do que nós mesmos". Nesse sentido, o sentimento de pertencimento se relaciona com a noção de participação: à medida que o grupo se sinta sujeito ativo e passivo das atividades do cotidiano daquele meio, desenvolverá a corresponsabilidade pelo que for sendo construído de forma participativa. Os resultados, sejam quais forem, são pertencentes a todos os seus integrantes.

Na perspectiva do sentido de pertencer, a noção de participação se refere à Educação Ambiental, situada em contexto mais amplo, o da educação para a cidadania, configurando-a como elemento determinante para a consolidação de sujeitos cidadãos.

Considerando que o exercício da cidadania tem a ver com a identidade e o pertencimento a uma coletividade, Jacobi ratifica:

O desafio do fortalecimento da cidadania para a população como um todo, e não para um grupo restrito, concretiza-se pela possibilidade de cada pessoa ser portadora de direitos e deveres, e de se converter, portanto, em ator corresponsável na defesa da qualidade de vida (JACOBI, 2003, p.9).

A ação das comunidades tradicionais, detentoras de saberes, transmitidos oralmente de geração a geração, nos dá um exemplo do que ocorre quando há

manifestação do pertencimento e de cidadania. Nos processos pela manutenção de Unidades de Conservação³⁵, encontramos testemunhos desse sentimento, haja vista que os saberes dos seus integrantes e modo de vida foram obtidos e desenvolvidos naquele lugar. Dessa forma, conseguem formar o consenso de que, para ajudar na conservação da comunidade, precisam sentir-se e ser reconhecidos como parte integrante do todo, como “pertencendo” aquela região, cujas condições e peculiaridades conhecem e aprenderam a respeitar e assim permitir a continuidade da vida local.

Os lugares perderam a sua autenticidade ao serem absorvidos pelo espaço neutro e homogêneo da ciência moderna, o que dificultou ao ser humano sua noção e percepção, aprofundando a crise ecológica. Para termos práticas mais ecologicamente orientadas, precisaríamos nos “sentir em algum lugar” sendo que esse sentimento ou noção de lugar como um modo de pertencer ao mundo é de suma importância para nossa percepção primária e as interconexões com o mundo não-humano. A visão individualista e fragmentada do ser humano na sua relação natureza/homem, portanto, aliada a sua desconexão com o pertencer a algum lugar, além de constituir-se como uma das causas, também se transforma no principal obstáculo para a superação da capacidade política de reverter os riscos ambientais e a exclusão social.

Dessa forma, Grün (2008) entende a reapropriação social dos lugares como uma das tarefas da Educação Ambiental. Podemos nos reportar nesse momento à noção de patrimônio apoiados em Santos (2012) para quem ela não se delimita apenas pelo conjunto de bens materiais de uma comunidade, abarcando tudo o que é cultural e historicamente significativo e compartilhado pelos seus integrantes. Ratifica assim o expresso pela UNESCO, acerca da definição de patrimônio cultural imaterial:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação

³⁵ Reguladas pela Lei no. 9.985, de 2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Estão divididas em dois grupos: as de **proteção integral** e as de **uso sustentável**. Mais informações ver legislação indicada.

com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003).

É, portanto, de forma intersubjetiva e de perfeita intimidade com o ambiente, que devemos entender o verdadeiro sentido do pertencimento que deve tramar e tecer nossas relações com o meio natural. Este ambiente do qual fazemos parte assim como tudo aquilo que partilhamos e compartilhamos; que temos e vivemos individualmente e/ou em comum com todas as pessoas.

Nas palavras do Cacique Seattle em resposta ao governo Estadunidense a uma proposta de compra de suas terras em 1854: “Tudo que acontecer à Terra acontecerá aos filhos da Terra (...) a Terra não pertence ao homem; o homem pertence a Terra (...) todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo. (...) O homem não teceu o tecido da vida. Ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido fará a si mesmo” (DIAS, 2004, p.516). Devemos, portanto, respeitar e cuidar a Terra, como um legado para nosso conviver e o das gerações futuras. O mesmo cuidar e preservar que se entrelaça, tecendo as relações e ações sustentáveis dentro de uma visão socioambiental.

2.3.2 O paradigma da Sustentabilidade: Desenvolvimento Sustentável ou Comunidades e Sociedades Sustentáveis

Ao apresentar conceitos e perspectivas sobre a *sustentabilidade* visando conhecer diferentes noções que possibilitem criar uma base para reflexão e discussão das representações em nosso estudo, ensejamos também ampliar o debate sobre a temática sem, entretanto, pretender esgotá-lo. Nesta caminhada confrontamos teorias, vivências e direcionamentos que proporcionassem encontrar mecanismos de interação na relação harmoniosa entre os seres humanos e a natureza, assim como entre os grupos humanos entre si.

Recorrendo ao exemplo das sociedades primitivas, estudos antropológicos dão conta de um critério básico de sustentabilidade que é a não interferência humana acima dos limites de capacidade de suporte da natureza, podendo assim restituí-la em sua composição original. Estas sociedades têm suas normas de conduta guiadas pela tradição e pelo costume e, como entidades pertencentes ao

meio natural, desenvolvem suas vidas buscando acompanhar os ritmos de seus ciclos, ao contrário da relação de exterioridade que ocorre na sociedade moderna.

Em um texto crítico sobre a temática, Diegues (2003) traz importante contribuição para nossas reflexões que passamos a referenciar a seguir. Para o autor, “o desenvolvimento sustentável acabou se transformando, no Brasil, numa dessas poções mágicas destinadas a curar todas as enfermidades crônicas de que sofrem as sociedades modernas” (idem, p.1), definido segundo as perspectivas próprias de cada grupo de interesse ou classe social. Nesse sentido,

muitos empresários e financistas pensam no desenvolvimento sustentável como um meio de alcançarem “lucros sustentáveis”, certos governos rotulam suas políticas públicas de sustentáveis, frequentemente como estratégia para conseguir apoio financeiro de instituições financeiras internacionais; determinados grupos ambientalistas definem sustentabilidade como princípio inerente à natureza, independentemente de sua relação com a sociedade (DIEGUES, 2008, p.1).

Na perspectiva acima citada, o autor define sustentabilidade como um conceito plurifacetado que envolve as dimensões sociais, econômicas e políticas, posto que abarque muitas propostas de desenvolvimento sustentável formulado pelas elites, tendo sido inicialmente formulada a partir da noção de ecossistemas e seus processos como prescrito no documento a “Estratégia Mundial para a Conservação” (UICN/PNUMA/WWF³⁶, 1980). Fundamentando sua crítica, o referido autor também afirma a necessidade de resgate do conceito de sustentabilidade ligado ao bem-estar e qualidade de vida das comunidades e do meio ambiente que se fundamenta no desenvolvimento de relações que considerem os seus elementos históricos e culturais, as solidariedades e a (re) integração homem-natureza.

A expressão “Desenvolvimento Sustentável”, nas décadas de 70/80, foi adotada em importantes documentos, como a *Estratégia Mundial para a Conservação* (1980), o informe *Nosso Futuro Comum* (1987), da Comissão Brundtland (ONU, 1987), “Cuidar de Terra” (UINC, WWF e PNUMA, 1991) e o informe da Comissão de Desenvolvimento e Meio Ambiente da América Latina e Caribe (1991). A definição mais conhecida é a adotada pela Comissão Brundtland (*Nosso Futuro Comum*, 1987): “O desenvolvimento sustentável é aquele que satisfaz

³⁶ União Internacional para a Conservação da Natureza (UINC); Fundo Mundial Pela Natureza (WWF); Programa da Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA).

às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras satisfazerem às suas”. Como aspecto positivo, salienta as diretrizes-chaves do desenvolvimento sustentável prescritas no artigo dois do referido relatório: “a prioridade na satisfação das necessidades das camadas mais pobres da população, e as limitações que o estado atual da tecnologia e da organização social impõe sobre o meio ambiente” (DIEGUES, 2003, p.2). Nesse mesmo sentido, assinala que o documento também reconhece o desenvolvimento como processo que implica em transformações nas relações econômicas e sociais, propondo uma nova concepção de economia que leva em conta as variáveis ambientais e enfatiza a importância da participação política na busca da democratização e do equilíbrio entre o uso de recursos e o crescimento demográfico.

Na mesma linha de pensamento, Alonso, et.al. (2007) ratifica a importância da definição do documento “Nosso Futuro Comum” ao afirmar que a agenda da ONU para a Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Brasil em 1992, foi sistematizada no Relatório Brundtland e propugnava uma nova maneira de definir a questão ambiental: apresentava a noção de desenvolvimento sustentável como forma de conciliar desenvolvimento e preservação ambiental, propondo novas tecnologias para manejo racional dos recursos naturais, conciliadas à ideia de biodiversidade com enfoque na manutenção do patrimônio genético de todas as formas de vida, inclusive das populações humanas habitando áreas de preservação. Nesse sentido, a noção de desenvolvimento sustentável do documento que sistematizou a Rio-92, abarcava as searas conservacionistas e socioambientalistas que compunham o movimento ambientalista brasileiro³⁷ na época em suas tônicas exclusivas e limitadas: defesa simultânea de proteção ambiental e de desenvolvimento socioeconômico, visando à redistribuição de recursos. E foi além, ao incluir como objetos de preservação ambiental as populações tradicionais e seu patrimônio genético e cultural. Ao focar o equilíbrio entre o desenvolvimento econômico, o bem-estar social e a proteção ambiental, pilares independentes da sustentabilidade, refletiram um avanço no conceito de desenvolvimento sustentável.

³⁷Durante os preparativos para a Rio-92, as coalizões formadas na Constituinte tentaram nova articulação nacional do movimento. A Frente Nacional de Ação Ecológica, liderada pela SOS Mata Atlântica, rearticulou grupos conservacionistas, enquanto o PV formou o movimento Pró-Rio 92, de feições socioambientalistas, incluindo membros do PT, grupos comunitários locais, movimentos sociais populares e, mesmo, setores do empresariado.

Na sequência, em 2002, a Cúpula Mundial para o Desenvolvimento Sustentável, realizada em Joanesburgo, na África do Sul, também conhecida como Rio+10 ou Cúpula da Terra II, teve, como ponto principal, discutir os avanços alcançados pela Agenda 21 e outros acordos da Cúpula de 1992. Dessa Conferência, surgiram, então, dois documentos, a Declaração de Joanesburgo e o Plano de Implementação, nos quais as oportunidades e dificuldades de implementação das decisões da Rio-92 foram identificadas e refletidas. Em seus 37 parágrafos, a Declaração relembra os compromissos firmados entre os países, elenca os desafios que foram e estão sendo enfrentados pelas diversas nações ali representadas, reafirmam seu compromisso com o desenvolvimento sustentável e frisam a importância do multilateralismo responsável assumindo o compromisso de agir em conjunto para a concretização do objetivo de garantir às futuras gerações um mundo melhor.

Considera-se que a noção de meio ambiente sofreu considerável mudança entre as conferências de Estocolmo (1972) e Rio de Janeiro (1992), posto que, na primeira, se pensava basicamente na relação do ser humano com a natureza e, na segunda, o enfoque é pautado pela ideia de desenvolvimento econômico, dito sustentável, ideia que se consolida na conferência de Joanesburgo/África do Sul em 2002.

Recentemente, de 20 a 22 de junho de 2012, realizou-se a Rio+20³⁸, na cidade do Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (UNCSD). Paralelamente, aconteceu a Cúpula dos Povos, evento organizado pela sociedade civil global entre os dias 15 e 23 de junho no Aterro do Flamengo³⁹.

O documento final da Rio+20, aprovado sem alterações pelos chefes de Estado e Governo, será oficialmente adotado por mais de 190 países⁴⁰. Entretanto, "O Futuro que Queremos", de 53 páginas, deixou a desejar para os países negociantes. Como resultado prático, fixa o ano de 2015 como data mágica da sustentabilidade global. Os objetivos do Desenvolvimento Sustentável constituem o principal resultado do processo internacional lançado pela Conferência e devem ganhar definições somente a partir de 2013. Outras decisões esperadas, como um

³⁸ Site oficial do evento, <http://www.rio20.gov.br/>. Acessado em 10 de maio 2012.

³⁹ <http://cupuladospovos.org.br/>. Acessado em 10 de maio de 2012.

⁴⁰ Fonte: <http://www.jornaldaciencia.org.br/index2>. e-mail 4525, de 25 de Junho de 2012.

mecanismo de financiamento ao desenvolvimento sustentável e um acordo global sobre a proteção do alto-mar, foram adiadas. Além disso, a futura adesão será voluntária: países que não cumprirem as metas não serão punidos e o cumprimento dos objetivos levará em conta as realidades nacionais.

Em defesa, o secretário-geral da Rio+20, Sha Zukang, afirmou que parte do legado da Rio+20 são os compromissos voluntários firmados entre setor privado, governos e sociedade civil. Segundo ele, foram registrados 705 acordos, que irão direcionar R\$ 1,6 trilhão ao desenvolvimento sustentável nos próximos dez anos. As críticas feitas ao caráter voluntário dos compromissos firmados foram rebatidas pelo secretário geral da Conferência que lançou uma nota de cautela, lembrando que os compromissos feitos em Copenhague, em 2009, não foram cumpridos até hoje.

A economia verde, tão festejada na Rio+20 por líderes mundiais e empresários, foi desqualificada pelos participantes da cúpula como sendo uma das expressões da atual fase financeira do capitalismo que se utiliza de velhos e novos mecanismos, tais como o aprofundamento do endividamento público-privado, o superestímulo ao consumo, a apropriação e concentração de novas tecnologias.

O Riocentro, sede da conferência da ONU, recebeu aproximadamente 45 mil pessoas e mais de um milhão estiveram presentes em eventos paralelos, com destaque para a Cúpula dos Povos, no Parque do Flamengo, e o Espaço Humanidade 2012, no Forte de Copacabana.

Parece-nos que de saldo positivo da “Rio+20” ficam as milhares pessoas que participaram das suas atividades oficiais e paralelas, cidadãos (ãs) de todas as idades e culturas no Brasil e no mundo que aprofundaram seu compromisso com a construção de uma sociedade sustentável. Soma-se a isto, o impacto provocado através da mídia e de muitos eventos simultâneos realizados em todos os continentes, reforçando a esperança de futuras consequências, duráveis e transformadoras da Conferência, como sementes plantadas em solo fértil.

As questões, discussões e polêmicas geradas por mais este evento global promovido pela ONU, mobilizaram considerável segmento da população em torno da temática proposta e continuam sem definir os direcionamentos para o paradigma da sustentabilidade planetária, ratificando o grande desafio que jaz estabelecido para a garantia da qualidade de vida do meio natural, das presentes e futuras gerações.

Para Brügger (2004), o desvelamento da expressão “desenvolvimento sustentável” é de vital importância porque está associado a uma suposta nova visão de mundo, a partir de uma nova ética ambiental que considere garantir um desenvolvimento que satisfaça às necessidades da maioria da população e não apenas de uma elite socioeconômica como nos moldes atuais.

Cabe ainda ressaltar a contribuição de Leff⁴¹ (2010), que a partir de um diálogo entre a economia ecológica e a economia ambiental, apresenta uma visão crítica da racionalidade econômica dominante. Nesse sentido, o autor entende que “primeiramente deveria ser pensada a origem, a gênese e as causas da problematização que a ecologia impinge à economia através das diversas situações socioambientais emergentes” e que até meados do século XX não haviam provocado questionamentos acerca do equilíbrio *ecológico, a preservação da biodiversidade e a qualidade de vida dos seres humanos*. Denominadas de “externalidades” do sistema econômico pelos economistas (DIEGUES, 2003) e (LEFF, 2010), constituem-se como *problemas fora do alcance da compreensão teórica de um processo* que codifica objetos e valores em termos de capital, para submetê-los à lógica do mercado posto que não foram internalizadas em suas complexas relações com o mundo natural. O “internalizar suas externalidades”, impõe-se como um grande desafio ao sistema econômico dando surgimento à economia ecológica, pautada em seus primórdios⁴² pelo entendimento de uma economia adaptada às condições impostas pelo sistema ecológico mais amplo e complexo que a contém. As propostas surgidas naquele momento, visando ajustar a economia às condições de sustentabilidade, embora tão sinceras quanto bem-intencionadas, mostraram-se em desacordo com os princípios imanentes da racionalidade econômica que ajusta os comportamentos e desejos do homem aos desígnios da lei abstrata e totalitária do mercado.

Impondo-se como uma forma única de viver a vida, de inimaginável desconstrução e redimensionamento, até os economistas e intelectuais mais críticos afirmam que a globalização é um fato irreversível. Por esse desempenho, o mercado impede que se atinja um equilíbrio estacionário de uma economia sustentável,

⁴¹ Texto de uma conferência apresentada no V Encontro Latino-americano de Estudos prospectivos sobre a segurança global e o Papel da A.L. na Construção de uma Agenda de Futuro para 2025. Organizado pelo Centro de Estudos Estratégicos para o Desenvolvimento pela Rede Latino-americanana de Estudos Prospectivos e pela World Future Society – Capítulo México, na Universidade de Guadalajara, em 2002.

⁴² Citado por Leff (2010 :22), o livro René Passet *L'économique et Le vivant*, Paris, Payot, 1979.

mesmo diante das evidências de seus efeitos na degradação socioambiental. “As propostas mais avançadas vislumbram apenas certa flexibilidade do mercado para incorporar políticas compensatórias de desenvolvimento social e proteção ambiental que evitem o avanço da pobreza extrema e a catástrofe ecológica” (LEFF, 2010, p.23). Ainda, segundo os ensinamentos deste autor, “a ciência econômica é o instrumento mais poderoso que molda nossas vidas”, e não tem, como todas as outras, uma epistemologia elaborada a partir de hipóteses teóricas que são verificadas ou refutadas com os dados da realidade. Constituída como “uma estratégia de poder”, aparece como o paradigma mais resistente a internalizar, em suas estruturas teóricas e em seus instrumentos de gestão, princípios de sustentabilidade ecológica e ambiental, pela incapacidade de perceber que o processo de produção de entropia está minando as bases da sustentabilidade do planeta.

Assim, diante da crise ambiental, surge o desafio de pensar e construir *outra economia*, tal qual o comportamento de outras ciências, que, diante de seus próprios limites, dotaram-se de novas bases. Segundo este autor, a “internalização de externalidades” (LEFF, 2010, p.24) não se resolve “economicizando” a vida e a natureza, atribuindo valores de mercado aos bens e serviços ambientais, aos valores intrínsecos da natureza, aos valores culturais. Na proposta de construção de uma *outra economia*, se objetiva a (re) significação dos vínculos cultura-natureza que se romperam em função da atual lógica do mercado.

Assim, essa *outra economia* se baseia, portanto, na capacidade criativa do ser humano de forjar um devir que recrie um novo sentido para as atuais condições de vida no planeta, orientada por princípios que valorizem a diversidade e a diferença. Tais pensamentos, segundo ele, convertem o princípio abstrato de equidade, que, ao afirmar que somos todos iguais, apenas aumenta a desigualdade entre as pessoas. Assim, a equidade deveria ser entendida e praticada através de uma política de convivência na diversidade, de respeito à autoridade e de responsabilidade com a natureza e as condições ecológicas de sustentabilidade.

Na perspectiva das reflexões, análises e críticas acima descritas, pode-se dizer que pensar na *construção de sociedades e comunidades sustentáveis* é mais adequado do que a aposta num *milagre do desenvolvimento sustentável*, na medida em que a primeira opção possibilita, aos agrupamentos societários, definir seus

padrões de produção e consumo, bem como o de bem-estar a partir de sua cultura, de seu desenvolvimento histórico e de seu ambiente natural.

Nesse contexto, concordamos com Diegues (2003, p.5) *sobre a construção de sociedades e comunidades sustentáveis*, que afirma a “possibilidade da existência de uma diversidade de sociedades sustentáveis, desde que pautadas pelos princípios básicos da sustentabilidade ecológica, econômica, social e política”. O autor entende que a conceituação de *sociedades e comunidades sustentáveis* ainda está num *canteiro de obras*, exigindo a elaboração de novos paradigmas baseados na necessidade de se manter a diversidade ecológica, social e cultural dos povos, das culturas e modos de vida. Esta visão nos parece não somente mais substantiva, mas portadora de grandes desafios.

O desenvolvimento sustentado deve ser apropriado à cultura, história e sistemas sociais do local onde ele ocorre. Deve ser equitativo, agradável, centrado no meio ambiente e naqueles que o compõem e não nos recursos para a produção de bens de consumo. Compatíveis, interdependentes e necessários, alta produtividade, tecnologia moderna e desenvolvimento econômico podem e devem coexistir com um meio ambiente saudável (DIAS, 2004).

Dialogando em suas reflexões, os autores citados nos levam à perspectiva da necessidade de se criarem novas utopias para o século XXI. Ambos trilham o repensar a sustentabilidade de acordo com a diversidade com opções econômicas e tecnológicas diferenciadas, voltadas principalmente para o *desenvolvimento harmonioso das pessoas* e de suas relações inseridas no mundo natural.

Dentro dessa visão, o sentimento de pertencimento se relaciona com a noção de participação que é a chave para o desenvolvimento, a organização, a educação e o fortalecimento do indivíduo como cidadão. As sociedades não se mantêm por um longo período quando a distribuição dos seus benefícios e dos custos é extremamente injusta, especialmente quando parte da população está submetida a um debilitante e crônico estado de pobreza. Uma nova forma de pensar o desenvolvimento econômico e sustentado, portanto, é o desafio do século XXI.

As pesquisas na área ambiental que utilizam a compreensão do campo representacional já nos indicam um caminho através do qual podem ser alcançadas estratégias pedagógicas nas quais os indivíduos se sintam potencializados e estimulados a rever seu modo de conceber e se relacionar ecologicamente com seu

entorno. E, assim como Corrêa (2009, p.191), afirmamos: “A tomada de consciência de nossa responsabilidade diante da vida nos faz assumir a responsabilidade de defendê-la, protegê-la e salvá-la”.

Acreditamos, pois, que uma Educação Ambiental crítica embasada no potencial criativo do ser humano, inovadora nos níveis formal e informal, direcionada como um ato político voltado para a transformação da sociedade, sua sensibilidade, disposição para alteridade e valorização da diversidade, seja o principal instrumento para o enfrentamento do desafio da sustentabilidade diante dos limites impostos pela crise ambiental.

Ao finalizar estas reflexões acerca do latente debate em torno da sustentabilidade, queremos assinalar que atualmente não é mais uma questão de idealismo e sim de responsabilidade e maturidade a urgente modificação nos padrões do atual modelo econômico que rege as relações homem/sociedade/natureza, direcionado ao crescimento sustentável com base na qualidade de vida do meio ambiente.

3 O CAMINHO METODOLÓGICO

3.1. O Ambiente do Estudo: A Instituição Federal de Ensino Superior

A Universidade Federal de Pelotas (UFPel), criada em 08 de agosto de 1969, é uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), localizada no Município de Pelotas, na Região Sul do Brasil. Sua missão é cumprida mediante o desenvolvimento simultâneo e associado das atividades de ensino, pesquisa e extensão, que atualmente é traduzida em: “Promover a formação integral e permanente do cidadão, construindo o conhecimento e a cultura, comprometidos com os valores da vida e com a construção da sociedade” (CORRÊA, 2009).

Para sua formação, foram reunidas unidades de ensino que já funcionavam em Pelotas, mas pertenciam a outras instituições: Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Faculdade de Ciências Domésticas e Faculdade de Veterinária (Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul) e Faculdade de Direito, Faculdade de Odontologia e Instituto de Sociologia e Política (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Pelotas). No mesmo ano, foram criadas as seguintes unidades acadêmicas: Instituto de Biologia, Instituto de Ciências Humanas, Instituto de Química e Geociências, Instituto de Física e Matemática e Instituto de Artes. Foram, também, agregadas à Universidade as seguintes instituições: Escola de Belas Artes “Dona Carmen Trápaga Simões”; a Faculdade de Medicina da Instituição Pró-Ensino Superior do Sul do Estado e o Conservatório de Música de Pelotas. Integraram-se à Universidade, como órgãos suplementares, a Estação Experimental de Piratini; o Centro de Treinamento e Informação do Sul; a Imprensa Universitária; a Biblioteca Central; o Museu e a Casa para Estudante e, como órgãos complementares, o Colégio Agrícola Visconde da Graça e o Colégio de Economia Doméstica Rural.

Nesses quarenta e dois anos de funcionamento da Universidade, modificações significativas vêm ocorrendo quanto à estrutura administrativa, acadêmica e geográfica. Novos cursos foram criados, extintos, incorporados ou transformados em Unidades. Atualmente, a UFPel é formada por Unidades

Acadêmicas, divididas em Centros, Faculdades e Institutos⁴³, que desenvolvem atividades de extensão universitária, pesquisa científica e ensino (graduação e de pós-graduação), abrangendo cinco áreas fundamentais: I - Ciências Agrárias; II - Ciências Biológicas III - Ciências Exatas e Tecnologia; IV - Ciências Humanas e V - Letras e Artes.

A Administração da Universidade, responsável pelo apoio às atividades acadêmicas, é composta pela Reitoria, compreendendo o Gabinete, o Biotério Central, os Centros Agropecuário da Palma e de Informática, a Coordenadoria de Convênios, Coordenadoria de Comunicação Social, Procuradoria Jurídica, Assessoria Especial, Coordenadoria de Gestão Ambiental, Agência para o Desenvolvimento da Lagoa Mirim, Centro de Integração do MERCOSUL e Centro Especializado em Seleção; e pelas Pró-Reitorias: Administrativa, de Extensão e Cultura, de Graduação, de Pesquisa e Pós-Graduação, de Planejamento e Desenvolvimento, de Gestão de Recursos Humanos, de Infraestrutura e de Assuntos Estudantis. O Conselho Universitário é o órgão com funções normativas, consultivas e deliberativas⁴⁴. As deliberações sobre as atividades de ensino, pesquisa e extensão são da competência do Conselho Coordenador do Ensino Pesquisa e Extensão (COCEPE), que possui funções consultiva, normativa e deliberativa⁴⁵. O órgão angariador de recursos e fiscalizador da gestão econômico-financeira é o Conselho Diretor da Fundação, responsável principal pelas relações entre a Universidade e a Comunidade⁴⁶.

A instituição atualmente oferece em torno de 94 cursos de graduação, treze de programas de residência médica (oito em Medicina e cinco em Medicina Veterinária), 24 cursos de especialização, 14 cursos de mestrado e 13 cursos de doutorado dos programas de pós-graduação. A comunidade Universitária compreende 1.119 docentes; 2.035 servidores técnicos administrativos (incluindo os

⁴³ <http://wp.ufpel.edu.br/prg/cursos>;

⁴⁴ Composto pelo Reitor, Vice-Reitor, Pró-Reitores, Diretores de Unidade de Ensino, Representantes dos Corpos Docente, Discente e Técnico – Administrativo; Representantes do Conselho Diretor da Fundação, do Conselho Coordenador do Ensino Pesquisa e Extensão - COCEPE e da Comunidade.

⁴⁵ Composto pelo Vice - Reitor, Pró-Reitores das respectivas atividades-fim, representantes das áreas *fundamentais*, representante do Conselho Universitário e representantes do Corpo Discente.

⁴⁶ Composto pelo Reitor, Vice-Reitor, Representantes do MEC, Governo do Estado, Governo do Município, da Rede Bancária, da Associação Comercial de Pelotas, do Centro de Indústrias de Pelotas, da Associação Rural e Representantes Docentes e Discentes.

terceirizados); e 20.000 discentes⁴⁷. Com os alunos do ensino a distância, entretanto, a Universidade beira os 22 mil alunos.

Geograficamente a UFPel está distribuída em campus: o Campus Porto; da Ciências da Saúde; das Ciências humanas, das Ciências Agrárias. A sede administrativa da Universidade, que se situava no Campus Capão do Leão, desde 1969, instalou-se recentemente, em 2008, na zona do porto de Pelotas, em prédio reformado do antigo Frigorífico Anglo. Neste local, além da Reitoria e setor administrativo, estão sendo instalados diversos cursos de graduação. A Instituição encontra-se em intenso processo de crescimento e melhorias em sua área física e em infraestrutura com a aquisição e conseqüente restauração e reforma de prédios na zona central e do porto da cidade, adquiridos com recursos do MEC/PRO-REUNI (Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades, do Ministério da Educação). Tais recursos permitiram a triplicação de seu patrimônio físico o que está revitalizando uma área urbana da cidade que estava praticamente abandonada. Correlatamente, tais avanços ensejam a ampliação de sua atuação acadêmica através da criação de vários cursos, passando de 49, no ano de 2008, para 94, em 2012, conforme citado acima e de acordo com o disponível na página eletrônica da Instituição⁴⁸.

3.1.1 Uma abordagem da Gestão Ambiental no Ambiente da Pesquisa

Na UFPel, a Gestão Ambiental começou a ser discutida efetivamente a partir de um estudo que culminou na tese de doutorado cujos estudos investigativos iniciaram no ano de 2006: “Construção de Políticas Gestão dos Resíduos na Perspectiva da Educação Ambiental” (CORRÊA, 2009). A pesquisadora Luciana Bilhalva Corrêa, graduada em Ciências Domésticas pela UFPel, já atuava na área desde 2003, como técnica do Instituto de Saneamento Ambiental da Universidade de Caxias do Sul, experiência profissional que oportunizou o despertar de suas inquietações em relação ao fenômeno gestão ambiental dos resíduos na perspectiva técnica e legal, referente aos procedimentos de manejo e suas implicações nas IFES. Nesse sentido, foi impulsionada a buscar aperfeiçoamento na área de

⁴⁷ Fonte Jornal da UFPel. edição de março.2012. Estes números tendem a se ampliar no segundo semestre, por conta da criação de outros cursos até o final do ano.

⁴⁸ <http://www.ufpel.edu.br/academica.php>. Acesso em março, 30, 2012.

educação ambiental por entender que o fenômeno da geração de resíduos requer o envolvimento ético e responsável da sociedade em sua gestão, desde sua produção até o destino final de maneira adequada, especialmente os resíduos sólidos de serviços de saúde (idem, p.15). Assim, no mestrado e no doutorado, na Universidade Federal de Rio Grande (FURG), aprofundou seus estudos na linha de pesquisa da gestão, educação, resíduos sólidos de serviços de saúde, sempre voltada para as atividades da Instituição da qual era egressa. Em suas palavras, percebe-se o sentimento de comprometimento e pertencimento, inerentes aos princípios da Educação Ambiental, que entende como primordial à participação dos indivíduos que fazem parte do processo na caminhada da construção, implementação e de soluções para os problemas ambientais:

A escolha pela instituição, para a realização dos estudos tanto da pesquisa de mestrado quanto do doutorado, fez com que me aproximasse mais uma vez do ambiente da UFPEL, especialmente por essa instituição de ensino superior representar um espaço de grande significado, pelos vínculos criados com sua comunidade durante meu processo de formação, bem como pelas dificuldades e limites percebidos em relação aos resíduos produzidos no âmbito universitário (CORRÊA, 2009, p.15).

Para realização de tal estudo, foi constituído um Grupo de Estudos para Tratamento de Resíduos⁴⁹ com apoio e participação da administração superior da Universidade. Formada por representantes dos docentes e técnicos da comunidade universitária e coordenada pelo Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional. A Comissão tinha por objetivos a implementação de metas e ações com enfoque sustentável, que fossem gradativamente avançando, especialmente em propostas para o gerenciamento (minimização, reaproveitamento, reciclagem, segregação, identificação, acondicionamento, coleta, armazenamento, transporte, tratamento e destino final) dos resíduos de serviços de saúde em todas as unidades geradoras da Instituição.

Apesar do apoio institucional ao projeto, não foi fácil adentrar com novas ideias comportamentais em meio a atitudes e hábitos tradicionais e insustentáveis, que, entretanto, já estavam sacramentados dentro da academia.

⁴⁹ Portarias 1.306/2005; 502/2007; 289/2008.UFPe.

A trajetória da pesquisadora foi marcada pela atuação junto a essa Comissão que lhe dava respaldo institucional e subsídios para conhecimento da demanda gerada pelas unidades da Universidade, bem como pelo engajamento voluntário ao grupo dos servidores técnico-administrativos, Pablo Machado Mendes⁵⁰ e Marisa Helena Gonsalves de Moura⁵¹, ambos com formação acadêmica na área de saneamento e gestão ambiental.

A seguir, segue-se um breve histórico da atuação desses servidores e da pesquisadora até a implantação efetiva da Coordenadoria de Gestão Ambiental (CGA/UFPel). A descrição foi baseada em informações obtidas através daqueles atores, que foram solícitos em participar, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, colaborando, dessa forma, em nosso estudo, para o registro da história da Gestão Ambiental na UFPel. Descrição importante, principalmente no que tange à atuação dos servidores técnico – administrativos, uma vez que fazem parte do segmento escolhido para campo de análise da presente pesquisa. Salientamos, portanto, que tais informações vêm expressas no sentido de alicerçar o contexto histórico da investigação, neste capítulo, posto constar da justificativa deste estudo a importância da capacitação e conseqüente valorização da atuação do servidor técnico no processo de implantação da gestão ambiental da Instituição.

Os servidores em questão, ambos egressos do IFSUL⁵², já se conheciam daquela Instituição. Quando Pablo ingressou na UFPel, em 2005, como Técnico de laboratório no departamento de química orgânica do Instituto de Química Orgânica (IQG), Marisa já era servidora desde 1997, com o cargo de copeira da categoria Auxiliar Operacional (AO). O fato de terem formação na área os instigava a buscar um envolvimento mais direto com a gestão ambiental na Universidade. Nesse sentido, buscavam, na UFPel, um setor no qual pudessem aplicar efetivamente seus conhecimentos acadêmicos. Oportunamente, em 2007, Marisa descobre que existe um Grupo de Estudos para Tratamento de Resíduos, da qual faziam parte docentes

⁵⁰Técnico em Química e Graduação em Tecnologia em Controle Ambiental pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas (CEFET/RS) em 2003 e Mestre em Biotecnologia pela Universidade Federal de Pelotas (2011).

⁵¹Tecnóloga em Gestão Ambiental (IFSUL) seu trabalho de conclusão de curso (TCC) foi na área de Cooperativismo com os grupos de catadores de lixo, a partir da lei 5940 que institui e regulariza a coleta nas Instituições Públicas e seu encaminhamento aos grupos organizados de catadores. Em 2009, concluiu especialização em Gestão Ambiental para Municípios na Universidade de Rio Grande (FURG).

⁵² Antiga Escola Técnica Federal de Pelotas (ETP), inaugurada em 1943, transformada em autarquia federal em 1959 e nomeada Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL), em Centro Federal (CEFET) em 1999 e finalmente em 2008 em Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense Campus Pelotas.

e técnicos da UFPel, sob a coordenação geral do Pró-Reitor de Planejamento da época.

Em contato com a pesquisadora já citada oportunamente e que também compunha o grupo para desenvolvimento de sua investigação, ficaram a par das atividades da Comissão de Resíduos, manifestando interesse em fazer parte do grupo, colocando à disposição seus conhecimentos para contribuir qualitativamente nesse processo. Solicitada e aprovada pelo Coordenador a inclusão dos dois servidores voluntários na Comissão, começa efetivamente a ser traçado um plano de metas, objetivos e direcionamentos sobre “o que fazer” e “por onde começar”. A Comissão de Estudos ganhava, a partir daquele momento, um suporte técnico minimamente necessário, haja vista a competência e o conhecimento dos novos integrantes da pesquisa e sua pré-disposição para dedicação, praticamente exclusiva, como requeria a demanda do passivo ambiental existente.

A primeira ação efetiva, considerada prioritária pelos técnicos, foi o gerenciamento da destinação dos resíduos de serviços de saúde em suas unidades geradoras. Surgiu, assim, o projeto para desativar o lixão⁵³ do Campus Capão do Leão (IMAGENS 1 e 2) - local para onde era levado todo o lixo do Campus até então. O projeto contemplava algumas frentes de trabalho:

- ✓ implantação de coleta de resíduo de serviço de saúde (mapeamento, diagnóstico, licitação para contratação de empresa de coleta e destinação final);
- ✓ construção de uma central de resíduos (IMAGENS 3 e 4) com objetivo de receber todo o resíduo comum e após promover a separação do que era possível separar;
- ✓ elaboração de convênio com a prefeitura municipal do Capão do Leão para viabilizar o transporte do resíduo orgânico da central de resíduos até o seu aterro sanitário municipal (por força de legislação, o caminhão de transporte de resíduos não pode entrar mais de 10 metros dentro de propriedade particular);
- ✓ isolamento da área que passou do status de “lixão” para o de área degradada em recuperação (IMAGEM 5).

⁵³ Lixão: disposição inadequada de resíduos no solo de acordo com (VILHENA, 2010).



IM1 - Antigo Lixão do Campus Capão do Leão Fonte: CGA/UFPel, 2008



IM 2 – Antigo Lixão do Campus Capão do Leão Fonte: CGA/UFPel, 2008



IM 3 – Central de Resíduos - Campus Capão do leão Fonte: CGA/UFPeI, 2009



IM 4 - Central de Resíduos Campus Capão do Leão Fonte: CGA/UFPeI, 2009



IM 5 - Antigo Lixão Campus Capão do Leão - Área em recuperação Fonte: CGA/UFPel, 2009

Concretizado esse projeto, cuja implantação durou quatro meses, surge então uma proposta mais abrangente para a criação de um setor específico direcionado à gestão ambiental na UFPel. Em 2008, portanto, foi instituído o Núcleo de Saneamento Ambiental⁵⁴ ligado à Pró-Reitoria de Infra-Estrutura, com intuito de intensificar o gerenciamento das ações ambientais na Instituição. O Tecnólogo em Controle Ambiental foi lotado no Núcleo e a Tecnóloga em Gestão Ambiental optou por 20 h para o mesmo setor, permanecendo lotada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAURB).

Com a instalação do Núcleo de Saneamento, as atividades se voltaram primeiramente para a minimização dos impactos ambientais gerados ao longo da existência da Instituição. A equipe foi se formando, desde então, buscando sempre promover e apoiar propostas e ações com vistas à qualidade e à sustentabilidade do ambiente em todas as atividades internas e externas vinculadas à UFPel. Na sequência, seguiram-se ações como: a implantação da primeira etapa da coleta seletiva dos resíduos comuns, da coleta dos resíduos infecto - contagiosos e perfuro

⁵⁴ Portaria 1.252/2008 UFPel.

- cortantes (RSS); palestras e participação em eventos relacionados à temática ambiental.

A eficácia das atividades do Núcleo, o conseqüente aumento na demanda e o entendimento de que uma gestão precisa ser sistêmica e horizontal, abrangente e articulada a todas as Pró-Reitorias, unidades e setores da instituição, tornou imprescindível a transformação do Núcleo em Coordenadoria de Gestão Ambiental⁵⁵ (CGA) e sua relocação diretamente ao Gabinete do Reitor. Atualmente, portanto, a CGA tem sede na Reitoria da universidade situada no Campus Porto, atuando principalmente nos eixos da Educação Ambiental e de Gestão de Resíduos.

A partir da implantação da CGA em 2009, algumas ações passaram a fazer parte da rotina deste setor, como a orientação de trabalhos relacionados à área ambiental e a elaboração periódica de informativos para divulgação no jornal e na rádio da UFPel; oferta aos servidores da Instituição, em parceria com o Departamento de Planejamento e Desenvolvimento de Pessoal (PRGRH), de Curso de Aperfeiçoamento sobre Gestão de Resíduos Sólidos de Serviços da Saúde; a participação como consultora de atividades da Pró-Reitoria Administrativa (PRA), como a Comissão Permanente de Licitações na contratação de empresa para a prestação de serviços de limpeza e conservação dos prédios da UFPel; de serviços de coleta, transporte, tratamento e disposição final de resíduos sólidos de serviços de saúde e resíduos químicos de laboratório gerados pela UFPel; oferta de estágios com bolsa - trabalho para alunos dos cursos da UFPel: de Ciência da Computação, Engenharia Sanitária e Ambiental, Bacharelado em Administração e Bacharelado em Química; participação no Programa Vizinhança da UFPel com ações relacionadas à melhoria da qualidade de vida da população vizinha à Universidade – Campus Porto.

Em 2010, a produção e publicação do site institucional do Grupo Gestão Ambiental – UFPel deu mais visibilidade ao setor, assim como o Manual Ambiental para Instituições de Ensino Fundamental e Médio, qualificou as atividades de EA junto às escolas dos projetos de Extensão Universitária. Da mesma forma, o planejamento e organização do *“5th International Symposium on Residue Management in Universities”*, realizado paralelamente com o “Fórum Internacional – A sustentabilidade no Século XXI”, o “Simpósio de Saúde Ambiental do Mercosul” e o “IV Seminário de Direito Ambiental”. A CGA/UFPel também marca presença,

⁵⁵ Portaria 1.632/2009 UFPel.

sempre que se oportuniza em projetos comunitários como a Ronda da Cidadania⁵⁶ com ações de educação ambiental infantil e oficinas de artesanato com materiais reaproveitáveis.

Atualmente (2011/2012), a CGA é composta pelo setor de Educação Ambiental, de Saneamento Ambiental, integrada por servidores técnico-administrativos⁵⁷, terceirizados, professores⁵⁸ e conta com o apoio de bolsistas (remunerados ou não), alunos de diversos cursos da Universidade.

São ações permanentes da CGA e constituem suas metas, a ampliação da coleta dos resíduos químicos; construção de depósitos descentralizados para os resíduos perigosos; implantação do laboratório de tratamento de resíduos químicos; participação de cursos na área ambiental, tanto para o público interno quanto externo incluindo a formação de agentes ambientais, manejo de resíduos químicos na UFPel, Gestão ambiental, Curso de RSS; projetos e ações junto a escolas municipais para a divulgação do Manual Ambiental e promoção da sustentabilidade na região;

Sobre o grupo formador da gestão ambiental na IFES, pode-se dizer que a Comissão de Estudos se extinguiu ao término da pesquisa que lhe deu origem e a efetiva instalação da CGA. Atualmente Pablo Mendes é o coordenador da CGA e Marisa de Moura permanece lotada na FAURB, onde exerce o cargo de secretária do colegiado de curso da unidade. Luciara é docente concursada da UFPel (2011), ligada ao Centro de Engenharias, e ministra disciplinas como educadora ambiental. A gestão ambiental na UFPel, apesar do apoio institucional, trava uma luta diária contra a falta de consciência ecológica dominante e dos entraves limitadores da burocracia estatal, desafios comuns a todas as instituições do mundo globalizado administrado pela lógica do capital.

⁵⁶ Projeto promovido pelo Poder Judiciário em conjunto com a Prefeitura Municipal de Pelotas e outros órgãos públicos.

⁵⁷ Pablo Machado Mendes, Técnico em Química e Graduação em Tecnologia em Controle Ambiental pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas (CEFET/RS) e mestre em Biotecnologia pela Universidade Federal de Pelotas; Franco Goulart Knuth, graduado em Tecnologia em Gestão Ambiental pelo Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFSul – 2008) em Ciências Biológicas (Bacharelado) na UFPel (2010) e Mestrando em Gerenciamento Costeiro (PPGC/FURG); Daniela da Silva Pieper, bacharel em Direito e especialista em Ciência Política pela UFPel, mestranda em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG).

⁵⁸ Luciara Bilhalva Corrêa graduada em Ciências Domésticas pela UFPel, em 1999, atuou como Técnica do Instituto de Saneamento Ambiental da Universidade de Caxias do Sul (2003). Mestre e doutora em Educação Ambiental pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (2005). Érico Kunde Corrêa, Graduado em Engenharia Agrônoma pela UFPel (1995). Mestre em Zootecnia e Doutor em Biotecnologia Agrícola pela UFPel.

3.1.2 Considerações Pertinentes aos Limites e Dificuldades na Prática da Gestão nas IFES

Incluo, neste item, breves considerações e reflexões acerca da realidade de vida e luta da servidora Tecnóloga em Gestão Ambiental (já referida na p.67) e uma das agentes responsáveis pela implantação efetiva da gestão ambiental na UFPel, na busca de sua qualificação profissional. Marisa é servidora pública, com ambição, capacidade e determinação, tendo ingressado no quadro administrativo da UFPel numa categoria que lhe restringe a possibilidade de progressão com incentivos e o que, no seu entendimento, também lhe impossibilitou colaborar mais efetivamente no processo de construção da CGA. Aspectos na sua trajetória acadêmica profissional exemplificam as deficiências com relação ao programa de capacitação, qualificação e, por conseguinte, a gestão de pessoas nas Instituições. Deficiências que impedem e/ou prejudicam o crescimento qualitativo pessoal e profissional de seus agentes, assim como do meio ambiente em que atuam, devido a uma visão reducionista e antiemancipatória acerca das possibilidades de ascensão, mobilidade e das competências dentro do PCCTEA. A burocracia institucional é reforçada pela falta, muitas vezes, de visão ampliada daqueles que elaboram os programas e acarretam consequências que prejudicam seus agentes e, por conseguinte, o seu desempenho profissional, como é o caso do exemplo aqui referido. Visão evidentemente embasada pela formação educacional arcaica, tecnicista ou ainda bancária como diria Freire (2005) que ainda dominam a essência e a prática da educação brasileira.

A servidora ingressou na UFPel em 1997, no cargo de copeira, enquanto, paralelamente, cursou e concluiu a graduação em tecnologia de Gestão Ambiental no IFSUL/Pelotas, em 2008. Na sequência, fez uma especialização em Gestão Ambiental para Municípios na FURG. Entretanto, apesar de todos esses cursos, não tem direito ao incentivo pela pós-graduação. A Classe B (Nível de Apoio), pelo Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação (PCCTAE), somente contempla incentivo até o título de graduação e possibilidades de progressão através de cursos técnicos de educação não formal. Por seu enquadramento, ela está impossibilitada até mesmo de liberação (institucional) para frequentar determinados cursos. A permanência, portanto, em uma unidade que funciona em três turnos lhe proporciona compensar horários e, assim, com o apoio da chefia,

continuar sua caminhada em busca, agora, da tentativa de um mestrado. Atualmente a servidora ocupa um cargo em comissão como secretária de colegiado em uma unidade acadêmica que, por funcionar em três turnos, lhe possibilita dar continuidade a seus estudos, compensando horários e intercalando turnos. Ao desempenhar um cargo comissionado, pelas normas institucionais, o servidor pode atuar numa função diferente sem configurar um desvio de função.

Com base nas considerações acima, é nosso entendimento que os padrões do Plano de Carreira dos servidores das IFES devam ser revistos no que se refere ao incentivo à qualificação das diversas categorias. É aceitável, considerando que pouco ou nada se tinha em termos de incentivo à qualificação do servidor, que, por ocasião da formulação do PCCTAE, tenham ficado lacunas que, a partir de sua aplicação, tornar-se-iam visíveis.

Considerando as novas tendências que direcionam o modelo de gestão na administração pública que visam a qualidade, a valorização das pessoas e um novo perfil para seus agentes, urge a atualização do programa de capacitação quanto a inclusão de mecanismos que garantam uma formação eficaz e permanente do servidor.

Falando sobre educação, nos afirma Brügger:

As formas genuinamente interdisciplinares de produção de conhecimento, calcadas por novos paradigmas, não são interessantes para os governos centralizadores e antidemocráticos ou para grupos econômicos que vêm destruindo as condições de vida no planeta (BRÜGGER 2004, p.13).

A racionalidade tecnocrática que separa a teoria da prática deve ser ultrapassada com vistas ao desenvolvimento de formas pedagógicas que estimulem a criatividade e a formação crítica dos sujeitos. Não obstante, em relação à gestão ambiental, a autora refere que o ponto crucial é encará-la apenas como uma questão técnica e, com isso, “isolada do contexto social, político, cultural, ético ou estético” (idem, p. 24).

Ainda, de acordo com essa autora (2004, p.20), “a educação tem sido, ao longo da história, um esforço de determinados grupos para reforçar ou mudar o que existe”. Nesse sentido, as instituições não podem mais se omitir do seu papel de uma cada vez mais qualificada estratégia de formação de seus agentes e assim

valorizá-los. A simples opção de treinar os servidores para suas tarefas diárias e restritas tem se mostrado inadequada para os desafios das questões geradas pela crise socioambiental em curso, o que caracteriza uma formação essencialmente técnica, fruto de uma visão de mundo cientificista e unidimensional.

A prática nos revela que, considerando o cargo e as tarefas referentes ao mesmo, o servidor deve ter o mínimo de capacitação que preencha os requisitos para exercê-lo. Entretanto, todo conhecimento adquirido a mais somente poderá trazer benefício ao desempenho do indivíduo que se sentirá valorizado pela instituição que representa, assim como em seus direitos/deveres de trabalhador e cidadão e conseqüentemente feliz como pessoa. A valorização pessoal e profissional reforça o sentido de pertencimento tão importante nas relações socioambientais.

3.1.3 Os Sujeitos da Pesquisa

Participam do presente estudo, 32 servidores⁵⁹ (ANEXO 1) inscritos no curso de capacitação em Educação Ambiental, realizado de agosto a novembro de 2010, com 120h/a, promovido pelo DDP/PRGRH em parceria com a CGA, integrando o programa de capacitação para servidores. Não foi considerado o setor de lotação, cargo ou nível de enquadramento para a análise dos dados. A opção por tal forma de avaliação se deu pela pretensão em dar voz ao coletivo servidor técnico administrativo como agente socioambiental em suas atividades profissionais, interagindo em suas relações com o ambiente na comunidade universitária como um todo.

A escolha dos sujeitos do referido curso de capacitação em Educação Ambiental se deu dentro dos seguintes critérios: a) ser um grupo de servidores técnico-administrativos com interesse em ampliar seus conhecimentos na área; b) ser um curso promovido dentro do programa de capacitação para servidores TA do DPDP, com apoio da CGA, integrando, portanto, o processo de Gestão/Educação Ambiental em andamento na instituição; e c) pela escolha do curso em Educação Ambiental, dentre outras opções oferecidas como capacitação/formação. É nosso

⁵⁹ Inscritos originariamente cinquenta e seis (56) servidores técnico-administrativos, este número não se manteve por conta de algumas desistências. A escolha dos 32 sujeitos se deu a partir da legibilidade das respostas escritas nos questionários instrumentos de pesquisa.

entendimento que tal escolha predispõe os servidores inscritos numa posição de potenciais multiplicadores no já referido processo.

3.1.4 O Curso de Educação Ambiental para servidores

Denominado “Potencializando a Formação de Sujeitos Críticos e Comprometidos com a Sustentabilidade e Qualidade de Vida” o curso se desenvolveu de agosto a novembro de 2010, nas terças e quintas-feiras, no turno da manhã.

Como ministrantes foram selecionados dois servidores técnico-administrativos que responderam ao edital para seleção do DPDP/PRGRH: uma servidora com formação em Biologia e mestre em Educação Ambiental, lotada no Instituto de Biologia (IB) e um servidor com formação em Tecnologia em Gestão Ambiental e Biologia, lotado na CGA.

Oportunamente, por indicação desta pesquisadora, foram inseridas no programa do curso duas atividades: uma palestra com o *Rastro Selvagem* (grupo formado por alunos do Curso de Ecologia da Universidade Católica de Pelotas - UCPEL) e uma abordagem por escrito, com uma questão única, denominada “Eu e a UFPel”.

O programa desenvolvido foi elaborado pelos ministrantes com apoio de integrantes da equipe da CGA e constou de diversas atividades como:

- ✓ aulas expositivas, questionários avaliativos, palestras, seminários, áudio visuais, trabalhos em grupo (nos quais se inclui como trabalho final a elaboração de um projeto de EA para os setores a que pertenciam);
- ✓ quatro (4) saídas de campo: ao Núcleo de Reabilitação da Fauna Silvestre⁶⁰ (NURFS); (IMAGEM 6); ao Horto Botânico da Universidade⁶¹(IMAGENS,7 e 8); ao galpão de reciclagem do

⁶⁰<http://www.ufpel.edu.br/ib/nurfs/inst.htm> O Núcleo de Reabilitação da Fauna Silvestre (NURFS) e o Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) foram criados por iniciativa do Instituto de Biologia em associação com a Faculdade de Veterinária para atender a uma demanda regional específica de atenção a Fauna Silvestre Brasileira. Desde 1998, recebem e tratam animais silvestres que são encontrados feridos, órfãos ou apreendidos pelos órgãos de fiscalização ambiental na Região Sul. As atividades são fruto de um Termo de Cooperação firmado pelo IBAMA e UFPel.

⁶¹ <http://ib.ufpel.edu.br/constr.html> (site em construção).

FRAGET⁶² (IMAGENS 9,10 e 11) e a saída de encerramento/confraternização com a visita ao Templo das Águas⁶³(IMAGENS 12,13 e 14).



IM 6 - Saída de Campo NURFS Horto Botânico Fonte: PIEPER, 2010.

⁶². <http://doacoes.portalsocial.org.br/Instituicoes/> Grupo de agentes ambientais vinculados a Associação dos Moradores das Vilas Reunidas: Vila Farroupilha, Vila Real, Vila Aurora, Vila Guabiroba, Vila Esperança e Vila Treptow

⁶³ Propriedade que possui aproximadamente 7 hectares, situada na Colônia Maciel, 8º Distrito de Pelotas.



IM 7 – Saída de Campo NURFS Horto Botânico Fonte: PIEPER, 2010.



IM 8 - Saída de Campo NURFS Horto Botânico Fonte: PIEPER, 2010.



IM 9 - Saída de Campo FRAGET FONTE: PIEPER, 2010.



IM 10 – Saída de Campo FRAGET FONTE: PIEPER, 2010.



IM 11- Saída de Campo FRAGET FONTE: PIEPER, 2010.



IM 12 - Saída de Campo TEMPLO DAS ÁGUAS FONTE: PIEPER, 2010.



IM 13 - Saída de Campo Confraternização TEMPLO DAS ÁGUAS FONTE: PIEPER, 2010.



IM 14 - Saída de Campo TEMPLO DAS ÁGUAS FONTE: PIEPER, 2010.

Na segunda semana de aula, fui apresentada ao grupo quando foi esclarecido que, apesar de integrante da CGA, acompanharia as atividades na condição de ouvinte/colaboradora e pesquisadora, posto ser mestranda em Educação Ambiental no PPGEA/FURG, e que pretendia desenvolver um estudo com base em análise das atividades daquela capacitação para conclusão da pós-graduação, o que resultaria numa dissertação de mestrado. A acolhida foi positiva, tendo os servidores se mostrado de imediato dispostos a colaborar como sujeitos desta pesquisa e assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 2).

3.2 O Método: O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)

O presente estudo foi de natureza qualitativa de caráter descritivo/interpretativo da realidade observada, sendo utilizada a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (LEFÉVRE&LEFÉVRE, 2006), que é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos que têm seus fundamentos e pressupostos sociológicos na teoria da Representação Social, permitindo com significativa qualidade e eficiência revelar, em detalhes, crenças, valores e opiniões a respeito de um tema específico.

No âmbito da investigação qualitativa, é um método que utiliza procedimentos racionais e intuitivos que viabilizam o desvelamento dos fenômenos individuais e/ou coletivos, assim como nos possibilita respostas a questões muito particulares que se referem a realidades que não podem ser quantificadas (MINAYO, 2007).

Não busca a generalização dos resultados, mas tem como preocupação a compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma política ou de uma representação, direcionando para um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

No que tange ao estudo ora apresentado, estão envolvidos fatores subjetivos e objetivos que visam conhecer e compreender as representações do servidor técnico de uma IFES, acerca das questões socioambientais que se estabelecem durante as suas atividades laborais no contexto de um processo de construção de políticas de gestão e educação ambiental já desencadeado na Instituição.

A técnica do DSC busca preservar a discursividade que caracteriza o pensamento coletivo, em todos os momentos do processo de investigação, desde a elaboração das perguntas, passando pela coleta e processamento dos dados até a apresentação dos resultados. Servindo-se de questões abertas, a proposta consiste na organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal (obtidos de depoimentos, artigos de jornal, matérias de revistas, semanais, cartas, papers, revistas especializadas, etc.), extraindo-se as ideias centrais (IC) e/ou ancoragens (AC) e suas correspondentes expressões chaves (EC). A partir dessas figuras metodológicas, compõe-se um ou vários discursos-síntese na primeira pessoa do singular. Dessa forma, nas palavras de Lefevre:

Partindo-se do pressuposto que o pensamento coletivo pode ser visto como um conjunto de discursos sobre um dado tema, o Discurso do Sujeito Coletivo visa dar à luz ao conjunto de individualidades semânticas componentes do imaginário social. (...) é em suma, uma forma ou um expediente destinado a fazer a coletividade falar diretamente (LEFEVRE, 2005, p.16).

A estrutura do DSC se organiza a partir da utilização de figuras metodológicas designadas como: expressões-chave (ECH), ideia central (IC) e/ou ancoragem (AC) e o discurso do sujeito coletivo, propriamente dito. Também consideradas como etapas de um procedimento de análise, tais figuras dão a noção de um processo de apreensão de significados que surgem no conjunto das falas, as quais exibem um pensamento coletivo ou a representação do grupo sobre dado tema ou questão.

Pela leitura das falas, as ECHs representam uma etapa em que se busca o resgate da literalidade do depoimento e são associadas à extração das ideias-centrais de um discurso. Para Lefèvre e Lefèvre (2005, p.17), “são uma espécie de prova discursivo-empírica da verdade das ideias centrais e/ou das ancoragens e vice-versa”. As ICs também derivam da leitura dos depoimentos coletados, podendo ser resgatadas através do exame das descrições diretas do sentido do mesmo, do que ele tem de central, revelando o que foi dito ou através de descrições indiretas ou mediatas sobre o que o sujeito enunciador está falando. Para os autores, a ideia central é um nome ou expressão linguística que revela e descreve, de maneira mais sintética, precisa e fidedigna possível, o sentido de cada um dos discursos analisados. Por sua vez, ancoragem, num sentido muito assemelhado aquele dado

por Moscovi (2000), na TRS, é a manifestação linguística explícita de uma dada teoria, ou ideologia, ou crença que o autor do discurso professa e que, na qualidade de afirmação genérica, está sendo usada pelo enunciador para enquadrar uma situação específica. Normalmente as Ideias Centrais e as Ancoragens têm o mesmo nome, o que facilita o processo.

“A diferença é que a mesma Expressão Chave remete tanto ao seu sentido mais direto, representado pela Ideia Central, quanto à teoria, à ideologia ou a crença subjacente, representada pela ancoragem”, explica Lefèvre (2005, p.52). Importante salientar que nem sempre há a necessidade de identificarem-se as ancoragens, o que depende do pesquisador que está utilizando o método entender como conveniente para a construção do discurso.

A metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo parte do discurso em estado bruto (entendido aqui pela forma como foi respondida a pergunta pelo sujeito). A construção do DSC é o estágio final, ou síntese que deriva das etapas de extração das ideias-centrais e expressões-chaves, representando o conjunto nuclear dos discursos.

Normalmente, cada questão contém mais de uma IC, de acordo com a resposta do(s) sujeito(s), ao que compete um Discurso do Sujeito Coletivo distinto dentro de cada pergunta formulada ao grupo. Nesse caso, os discursos se apresentam diferentes ou antagônicos e complementares de acordo com os resultados que o pesquisador pretende obter em sua investigação. Assim, quando uma resposta apresentar discursos sensivelmente distintos, deverão ser apresentados como ICs separadas. Ex. Ideia Central 1; Ideia Central 2 e assim por diante.

Alguns discursos, entretanto, “a despeito de não serem iguais ou semelhantes, não constituem cadeias argumentativas irreconciliáveis” (LEFÉVRE, 200, p.21) dentro dos objetivos visados pelo estudo. Nesse caso, se entendê-los complementares, o pesquisador pode reuni-los. Os discursos elaborados no DSC, portanto, devem expressar um posicionamento próprio, uma forma original e específica frente ao tema que está sendo estudado.

Para construir o DSC é preciso “discursivar”, segundo o autor (idem, p. 53), utilizando-se todo o material das Expressões-Chaves, eliminar os particularismos (como idade, sexo, eventos específicos) e as repetições de ideias. Deve-se tentar

dar ao discurso uma sequência através das EChs, com começo, meio e fim, de modo que se possa entender o significado da fala dos sujeitos. A ligação entre as EChs deve ser feita através da introdução de conectivos que deem coerência ao discurso como: assim, então, logo, enfim, etc.

É importante considerar, portanto, na elaboração do DSC, o contexto dos resultados que se deseja obter (positivos ou negativos), haja vista que ele é uma reunião, uma agregação de pedaços isolados dos depoimentos, que devem “formar um discurso coerente, em que cada uma das partes se reconheça enquanto constituinte desse todo e o todo constituído pelas partes” (idem, 2005, p.20).

Como nos ensina Lefèvre (2005, p.14) “Quando se diz que uma pessoa ou uma coletividade *tem* um pensamento sobre dado tema, está-se dizendo que ela **professa, ou adota um ou vários discursos sobre o tema**” (grifo do autor). Sobre o “ter” e o “professar”, ainda explica o autor que apesar de serem vistos como sinônimos, em uma discussão metodológico-científica, esses termos referem-se a situações bastante distintas, posto que:

Quando se pesquisa algo que as pessoas efetivamente têm, esse algo já está completamente **dado** antes da pesquisa, enquanto que, quando se trata de pesquisa acerca daquilo que as pessoas professam, a variável existe de modo apenas virtual necessitando ser reconstruída **durante** ou **através** do próprio processo de investigação (idem, p.14).

Nesse sentido, a compreensão das representações que os servidores professam ou adotam em suas práticas servirão como aporte para a construção de discursos que, no seu conjunto podem fazer emergir o sentido de pertencimento e a noção de sustentabilidade do grupo, e como as mesmas influenciam as relações em seu meio ambiente.

3.2.1 Os Instrumentos da Investigação

Os instrumentos de investigação qualitativa devem priorizar uma contribuição para a construção do conhecimento coletivo a partir da perspectiva que se pretende analisar. Dentro dessa linha de pensamento, dentre as atividades desenvolvidas durante o curso de capacitação que serviu de base para o presente estudo, foram selecionados os seguintes instrumentos de coleta de dados:

1) Cinco questões extraídas de uma das avaliações realizadas pelo programa do curso de capacitação (ANEXO 3) e que serão, a partir de agora, chamadas de Instrumentos de Análise de Discurso (IADs), transcritos como segue:

IAD 1 - Como você conceituaria meio ambiente?

IAD 2 - Você acha que é possível colocar em prática o que acha que vai aprender no curso? Como?

IAD 3 - Acha que pode atuar como multiplicador e cobrar de seus colegas outra postura com relação ao meio ambiente? De que forma?

IAD 4 - O que de prático existe em seu setor que pode ser relacionado à questão ambiental?

IAD 5 - Diante dos paradigmas da crise ambiental atual, como a postura do servidor público poderá fazer a diferença?

2) Uma questão de autoria da pesquisadora: IAD 6 “Eu e a UFPel (APÊNDICE 1).

A escolha dos IADs, 1, 2, 3, 4 e 5, se deu após análise de questionários que fizeram parte do programa do curso e por conveniência, dentro da perspectiva de obter as representações de pertencimento e sustentabilidade dos agentes TA da IFES e que qualificam as relações servidor/instituição em seu meio ambiente de trabalho.

A IAD 6, atividade denominada “Eu e a UFPel”, elaborada dentro da mesma perspectiva, antes da escolha dos IADs acima referidos. Assim que houve a apresentação ao grupo, esta atividade foi apresentada aos sujeitos como uma participação de forma livre, que seria respondida e devolvida posteriormente.

3.2.2 Análise dos Dados

O procedimento teve início com a leitura de cada uma das seis (06) questões com todas as suas respostas e delas extraídas as Expressões Chaves (ECHs), com foco no contexto do campo de estudo. A partir das ECHs, obtiveram-se as Ideias Centrais (ICs) presentes nos discursos que pautaram as respostas dos servidores.

Visando o entendimento amplo do estudo realizado, optou-se pela transcrição das etapas desenvolvidas da seguinte forma:

Apresentamos após o enunciado de cada Instrumento de Análise de Discurso (IAD), um quadro com todas as Ideias Centrais (IC) extraídas de cada questão. Em

seguida, outro quadro com as Expressões Chaves (ECs) e Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) de cada IC em sequência. Após, transcrevemos a análise e discussão pertinentes a cada IAD, buscando obter, em cada uma delas, as representações na perspectiva do pertencimento e da sustentabilidade do coletivo, de acordo com os objetivos apontados como questões centrais do estudo. Ao fim e ao cabo, no item posterior, apresentamos as Considerações Finais, a partir da construção do discurso dos sujeitos no sentido do coletivo na relação indivíduo/grupo/meio ambiente de trabalho referente às perspectivas que delimitam o presente estudo.

No quadro referente às EChs/DSCs, de cada IAD, na coluna das EChs, transcrevemos cada resposta por sujeito na íntegra separadas por (...) e grafamos em *itálico e sublinhado* as EChs. Foi considerada a voz do coletivo em cada questão no sentido que nos ensina Jovchelovitch (2000, pg. 78) sobre as representações sociais: “o sujeito humano constrói, em sua relação com o mundo, um novo mundo de significados”. É através da relação sujeito/outro(s) que as representações emergem, portanto, “as representações sociais não podem ser simplesmente equacionadas à atividade representacional individual, já que elas se formam através das relações e práticas do campo social” (idem, pg. 79).

Outro ponto a ser ressaltado é que, das cinco (5) questões escolhidas para análise, algumas não foram respondidas (o espaço para respostas estava em branco, no questionário original realizado no curso), portanto, nem sempre teremos trinta e duas respostas entre (...) na coluna de transcrição das EChs.

No presente texto, portanto, apresentamos o desenvolvimento da análise dos dados com suas questões centrais, expressões chaves, discurso do sujeito coletivo e a discussão de cada IAD. Em Apêndices, serão transcritas todas as respostas de cada IAD.

No que tange ao IAD 6 sobre a questão “Eu e a UFPel, obtivemos dezenove (19) depoimentos que, diferentemente do procedimento utilizado para as questões anteriores, haja vista a extensão dos mesmos, serão transcritos integralmente no Apêndice correspondente. No quadro apresentado na IAD 6, apresentaremos apenas as expressões chaves (EChs6), os discursos (DSCs6) e a respectiva análise e discussão:

Instrumento de Análise de Discurso (IAD) 1: “Como você conceituaria meio ambiente?”

QUADRO Nº 1 – Ideias Centrais do Instrumento de Análise de Discurso1(IAD1)

IC1: Tudo o que circunda a nossa vida, seres vivos, natureza, ambiente construído.	IC2: Nos dá abrigo e sustenta	IC3: Local limpo e puro
---	--------------------------------------	--------------------------------

QUADRO Nº 2 - Expressões Chaves 1/Discurso do Sujeito Coletivo 1 do IAD1

<p>ECh1: (...) É tudo o que faz parte da nossa vida (...) o meio em que vivemos (...) <u>É tudo aquilo que circunda a nossa vida</u>, seja em casa, no trabalho, no lazer, na escola; Falo da natureza, dos prédios, da cidade, dos animais, etc.(...) é o meio onde estamos (...) Ambiente, <u>nossa casa, natureza, o mundo em que habitamos</u> (...) ambiente e o lugar onde se vive. Pode ser um ambiente natural ou forjado (...) tudo que nos rodeia (...) é o <u>lugar onde nós vivemos, no meio ambiente</u> (...) o meio em que estamos inseridos juntamente com a fauna e flora e condições climática (...) local em que estamos inseridos por toda a extensão de nossa vida (...) local onde vivemos <u>ou estamos naquele momento</u>(...) local onde estamos (...) é o local onde vivemos (...)nossa casa, nosso trabalho, o ambiente onde nós estamos diariamente (...) é tudo que está a nossa volta e que de alguma forma interagimos(...) é o sistema que nos cerca, o ar, a terra, o planeta são todos os locais que nos cercam e onde podemos interagir, não só com outras pessoas mas com animais e vegetais (...) sincronismo (...) interação, seres vivos, temporal e espacial (...) é o meio em que vivemos e devemos viver em harmonia (...) tudo o que está relacionado a vida do ecossistema (...) é o meio em que vivemos (...) é o meio em que vivemos e habitamos(...) educação de vida.</p>	<p>DSC1: É tudo o que faz parte da nossa vida, o meio em que vivemos. É tudo aquilo que circunda a nossa vida, seja em casa, no trabalho, no lazer, na escola. Falo da natureza, dos prédios, da cidade, dos animais, etc. Pode ser um ambiente natural ou forjado, o meio em que estamos inseridos juntamente com a fauna e flora e condições climáticas, por toda a extensão de nossa vida, portanto, devemos viver em harmonia O local onde vivemos ou estamos naquele momento e que de alguma forma interagimos. É sincronismo, interação, seres vivos, temporal e espacial.</p>
---	---

QUADRO Nº 3 - Expressões Chaves 2/Discurso do Sujeito Coletivo 2 do IAD1

<p>ECh2: O meio ambiente e seus cuidados é essencial para a preservação do nosso planeta (...) É para manter nos saúde no planeta para viver melhor (...) O ambiente é o mundo em que vivemos. Finalmente o governo assinou um decreto acabando com os lixões o maior poluidor do ambiente (...) espaço em que estamos inseridos, que <u>nos dá abrigo que nos dá o sustento</u> (...) o meio em que vivemos e <u>retiramos nossos alimentos e nossa infraestrutura (conforto)</u> (...)situação muito preocupante. Devido ao despreparo da população em relação a este problema tão serio</p>	<p>DSC2: É o espaço em que estamos inseridos, que nos dá abrigo que nos dá o sustento, onde retiramos nossos alimentos e nossa infraestrutura (conforto).O meio ambiente e seus cuidados é essencial para a preservação do nosso planeta. Para manter nossa saúde no planeta, para viver melhor. Por isso, a situação é muito preocupante, devido ao despreparo da população em relação a este problema tão serio. Finalmente o governo assinou um decreto acabando com os lixões o maior poluidor do ambiente.</p>
---	--

QUADRO Nº 4 - Expressões Chaves 3/Discurso do Sujeito Coletivo 3 do IAD1

ECh3: <u>local limpo e puro</u> (...) Como área onde se convive melhor nosso planeta (...)	DSC3: local limpo e puro. Entendo como área onde se convive melhor nosso planeta.
---	--

Análise e discussão sobre os DSCs da IAD: “Como você conceituaria meio ambiente?”

Na representação deste coletivo aparecem três (3) ideias centrais que conduzem a uma visão ampla de meio ambiente. Na IC1, ele é representado pelo meio natural e o construído, “onde todos os seres vivos”, “toda a vida nos ecossistemas”, estão inseridos numa relação de interação pela convivência e dependência e de educação para a vida.

Destaca-se a representação da importância da harmonia na relação entre o homem e o meio, quando nele se percebe “por toda a extensão de sua vida”. Estas palavras nos levam a uma visão de um meio ambiente inserido todo o tempo, em todas as ocorrências de seu viver.

Enseja, também ao fazer referência à harmonia e interação, ao meio ambiente que pode educar para a vida, induzindo o indivíduo a maneiras harmônicas *como* vivê-la, como viver melhor em qualidade, beleza e plenitude. Como um contraponto ao discurso da IC3, na qual encontramos uma representação apenas contemplativa, podemos interpretar que esta induz ideia de interagir e apreender.

No coletivo de servidores observado, podemos considerar representação semelhante àquelas anteriormente citadas por outros pesquisadores cujos estudos indicaram o “meio ambiente” com uma representação difusa não designando um objeto específico e sim um conjunto de relações envolvendo o objeto de referência e seu contorno (VIEIRA 1998); (REIGOTA, 2007). Assim no discurso fica expresso como: “o local onde vivemos naquele momento e que de alguma forma interagimos”

Na IC2, encontramos uma representação de pertencimento por aquilo que o meio ambiente proporciona, se revelando por uma visão mais reducionista porque utilitarista. Volta-se aqui o coletivo para perceber o meio ambiente como um ente no qual está inserido e que o sustenta, veste, alimenta e acolhe. Por assim o perceber, preocupa-se com as questões ambientais para preservar tudo aquilo que dele pode ser desfrutado.

Essa perspectiva denota o interesse para resoluções para o “problema ambiental” sem pensar nos seus fatos geradores. Reflete desse modo, uma maneira imediatista, assim como a questão ambiental é fartamente tratada pela mídia

formadora de opinião: por exemplo, no geral o grande problema é o lixo e, portanto, a solução seria “acabar com os lixões”.

O desconhecimento de causa assinalado é comum nas comunidades. A capacidade de entendimento do cidadão comum é subestimada, e, portanto, não existe uma abordagem mais aprofundada da questão. Na pior das hipóteses, o que temos é a real intenção de desviar o foco das reais causas da questão ambiental, onde o gerenciamento dos resíduos (apesar da sua importância) é apenas umas das suas consequências.

No mesmo sentido, este coletivo, aborda na IC2 as causas da degradação do meio ambiente num âmbito externo a ele. Ou seja, parece que não se inclui na responsabilidade, por exemplo, “é um problema sério porque as pessoas estão despreparadas” e o governo deve resolver com o fechamento dos “lixões”, como se ele não fosse sujeito potencialmente ativo no processo em questão.

Afinal, o que se percebe nestas duas ideias centrais é uma representação limitada com relação às práticas sustentáveis no meio ambiente de ação. Ao mesmo tempo em que se veem inseridos nele, por uma visão restrita e antropocêntrica ao mesmo, não tem bem definido como fazer ou agir. É nesse sentido a importância dos cursos de formação de pessoal podem contribuir para a ampliação dos parâmetros socioambientais para as práticas dos agentes administrativos.

Na terceira IC encontramos uma noção romântica, ideal de meio ambiente. “Ele deve ser um local limpo e puro”. Nesse discurso a percepção se apresenta externa ao meio ambiente, como se fosse (devesse ser) um lugar ideal, limpo e puro para ser visitado e aproveitado em determinados momentos. Ao refletir sobre este discurso por momentos chega-se a vislumbrar aquelas cenas bucólicas de pinturas (expressões artísticas) da natureza: *A tranquilidade da sombra de uma árvore frondosa, um campo florido, o vento dançando nos trigais*. Mas essa imagem está lá. Linda, perfeita intocável, de certa forma inatingível para o relacionamento com os humanos.

No que tange as representações de sustentabilidade, podemos dizer que o discurso desse coletivo se direciona as formas mais conservacionistas acerca da sustentabilidade. Apesar da disponibilidade para agir em defesa do meio ambiente que o cerca e no qual se percebe inserido, a par das questões ambientais, contata-

se o desconhecimento do caráter político e socioambiental das reais causas que vem mundialmente agredindo o meio natural.

Consideramos que suas práticas tendem a não ultrapassar o básico da preocupação com o descarte dos resíduos. Para tanto há que se buscar, a sensibilização de todos os segmentos da comunidade universitária, voltada ao consumo sustentável como princípio basilar na rede de atividades administrativas, de ensino, pesquisa e extensão, que constituem o dia a dia da instituição. Por meio da Educação Ambiental gestores e agentes administrativos tem a oportunidade de incorporar de princípios, critérios e práticas, cada vez mais sustentáveis como o manejo adequado de equipamentos, licitações “verdes” e a reivindicação da formação continuada conforme prescrito pela A3P e Agenda 21 brasileira como já referido no capítulo 1.3 deste estudo.

Instrumento de Análise de Discurso 2 (IAD): “Você acha que é possível colocar em prática o que acha que vai aprender no curso? Como?”

QUADRO Nº 5 - Ideia Central do Instrumento de Análise de Discurso 2 (IAD2)

<p>IC1: Sim, Fazendo todo o possível: repassando os conhecimentos adquiridos no curso em todos os ambientes.</p>

QUADRO Nº 6 - Expressões Chaves 1/Discurso do Sujeito Coletivo 1 do IAD2

<p>EChs1:(...) Sim, no que diz respeito ao meio ambiente <u>todo esforço é possível</u> para sua proteção. (...) Sim, estou um pouco sem prática pelo tempo que parei de estudar mas vou fazer o possível para ter boa qualificação. (...) Sim, fazendo tudo o que aprendi para melhorar o ambiente pois a natureza é linda (...) Sim, <u>pondo em prática e passando o que aprendi</u> para outras pessoas (...) Sim, imagino que aprenderei muito no curso, portanto colocar em prática creio não ser nenhum problema (...) Sim, tentando repassar o que aprendi (...) Sim passando para as outras pessoas o que aqui eu aprender (...) Sim, reciclando o lixo e por em prática o que irei aprender com o curso (...) Sim, <u>se aprendo posso ensinar posso vivenciar</u> e conseqüentemente colocar em prática. (devo colocar em pratica) (...) Sim, <u>Aplicando tudo o que for ensinado em casa e no ambiente de trabalho</u> e passando adiante para os colegas e família (...) Sim, com mais conhecimentos conseguir ser mais enfática, <u>sensibilizar</u> as outras pessoas sobre as questões ambientais (...) Sim, ainda não sei como praticar na UFPel (...) Sim, esclarecendo algumas dúvidas <u>e aprendendo o correto</u> com quem já sabe (...) Sim, levando a informação a outras pessoas (...) Sim, aplicando os conhecimentos no trabalho e em casa (...) Sim, praticando e passando para outras</p>	<p>DSC1: Sim, no que diz respeito ao meio ambiente todo esforço é possível para sua proteção. Estou um pouco sem prática pelo tempo que parei de estudar mas vou fazer o possível para ter boa qualificação. Imagino que aprenderei muito no curso, portanto colocar em prática creio não ser nenhum problema. Dependendo do que for tratado será muito importante a aprendizagem dentro do curso. Aprendendo e ajudando os outros a proteger seus ambientes, pondo em prática e tentando repassar o que aprendi. Pois se aprendo posso ensinar, posso vivenciar e conseqüentemente colocar em prática (devo colocar em pratica) em casa e no ambiente de trabalho. Com mais conhecimentos, esclarecendo dúvidas e aprendendo o correto, consigo ser mais enfática, sensibilizar as outras pessoas sobre as questões ambientais. Posso colocar em prática, reproduzindo o conhecimento nos ambientes que frequento e questionando os gestores</p>
--	--

<p>peças leigas no assunto (...) Sim, primeiro começa a separação do lixo no local de trabalho onde nada é feito (...) Sim, <u>participando</u> (...) Sim, <u>em conversa no dia a dia e</u> adotando as atitudes e procedimentos sugeridos durante o curso (...) Sim, dependendo do que for tratado será muito importante a aprendizagem dentro do curso (...) Sim, procurando agir certo (...) Sim, reproduzindo o conhecimento nos ambientes que frequento e <u>questionando os gestores</u> responsáveis pelo encaminhamento das <u>boas práticas que podem e devem sair do âmbito individual</u> (...) Sim, aprendendo e ajudando os outros a proteger seus ambientes (...) Sim, mobilizando, orientando colegas, usuários da UFPel e no âmbito pessoal da família e amigos (...) sim, tentando divulgar para as outras pessoas (...) Sim, <u>aprimorando</u> as formas de colaborar para a melhoria do ambiente (...) Sim, atuando sempre nos espaços onde vivo, orientando para reciclagem, depósito adequado de resíduos, bom aproveitamento da energia elétrica e da água potável (...) Sim, <u>atuando isoladamente</u> e influenciando outras pessoas com meus exemplos.</p>	<p>responsáveis pelo encaminhamento das boas práticas que podem e devem sair do âmbito individual. Atuando isoladamente, só para influenciar as pessoas com meus exemplos. Participando, em conversa no dia a dia e adotando as atitudes e procedimentos sugeridos durante o curso. Sim, mobilizando, orientando colegas, usuários da UFPel e no âmbito pessoal da família e amigos. Assim aprimorando as formas de colaborar para a melhoria do ambiente, posso atuar sempre nos espaços onde vivo, (por exemplo) orientando para reciclagem, depósito adequado de resíduos, bom aproveitamento da energia elétrica e da água potável. Ainda não sei como praticar na UFPel, mas fazendo tudo o que aprendi posso melhorar o ambiente pois a natureza é linda. O primeiro começa a separação do lixo.</p>
---	--

Análise e Discussão sobre o DSC da IAD 2: “Você acha que é possível colocar em prática o que acha que vai aprender no curso? Como”?

Nesta questão, no sentido dos objetivos deste estudo, relacionamos uma única ideia central, com base na unânime disponibilidade do discurso coletivo para colocar em prática os conhecimentos adquiridos no curso em todos os outros ambientes em que convivem.

Nas várias formas manifestas como possíveis de prática dos ensinamentos do curso, como: “sensibilizando”, “dialogando”, “tentando repassar”, “atuando isoladamente para dar exemplo”, “mobilizando”, “questionando os gestores”, etc, na perspectiva do questionamento central da investigação acerca das noções de pertencimento e sustentabilidade do coletivo, não encontramos divergências de opiniões.

Desse modo, ressalta-se que o grupo demonstrou expectativas positivas com relação ao programa ministrado, disponibilizando-se, sem medir esforços para repassar os conhecimentos adquiridos, no meio ambiente em que interagem, seja com os colegas ou outras pessoas do seu relacionamento doméstico ou social. Tal receptividade representa uma via estratégica positiva dentro do processo de gestão ambiental que se desenvolve.

Um aspecto importante é o entendimento e a intenção que se depreende do discurso de que, aprimorando os conhecimentos acerca das questões ambientais,

poderão cobrar dos gestores atitudes corretas para a viabilização de práticas sustentáveis.

No discurso: “atuando isoladamente para dar exemplo”, as condutas individuais são valorizadas apenas para servir como exemplo. No sentido geral “as boas práticas ambientais devem sair do âmbito individual”. Essa representação vai de encontro ao que nos retrata Souza (2009), quando observa que o compartilhamento do conhecimento organizacional ainda não se constitui uma cultura na gestão universitária e que as pessoas que deveriam ser mais estimuladas a socializar seus conhecimentos. Por esse entendimento, este coletivo, se manifesta propondo o diálogo em suas relações diárias, durante o trabalho. Através de suas atividades, divulgar e repassar os conhecimentos adquiridos se houver “boa aceitação” por parte dos colegas, acreditando que juntos poderão melhorar cada vez mais o desempenho em suas práticas.

Ressalta-se também a disposição para sensibilizar e conscientizar aqueles com quem se relacionam em todos os ambientes em que transitam: em casa, no trabalho, inclusive repassando aos usuários da instituição, a partir do que apreenderam no curso em questão.

Percebem-se, assim, representações de pertencimento à Instituição no discurso deste coletivo, posto a disponibilidade em entender, aprender, dialogar, tentando repassar e servir de exemplo durante suas relações diárias por compreenderem que essa forma de participação no seu grupo poderá trazer-lhes qualidade de vida.

Essa receptividade demonstra o campo fértil que existe no segmento dos servidores TA para o empreendimento de ações de Educação Ambiental no ambiente institucional da IFES.

Tendo em vista o reconhecimento das dificuldades de operacionalização do processo de gestão/educação ambiental, o fato de encontrarmos a disponibilidade para atuação, por parte do segmento administrativo da Instituição, já denota expectativas positivas. Afinal,

a Educação Ambiental é, ao lado de tudo o que a fundamenta e acompanha um outro ponto de partida. Um outro aprender a saber, a olhar, sentir, viver, interagir entre nós, os seres humanos. Pois somente aprenderemos a preservar ou a tornar sustentável e biodiverso o Meio Ambiente quando aprendermos a criar entre e para

nós, um mundo igualitário, diferenciado e livre. E é o estender deste outro saber a todo o campo de relações entre Nós e a Vida (BRANDÃO, 2005, pg. 07)

E de acordo com o Diegues, (2003) a discussão sobre os desígnios do desenvolvimento sustentável ainda está num “canteiro de obras” em nível mundial, o que se constitui um dos principais desafios para o enfrentamento das questões socioambientais discutidas formalmente desde a Conferência Rio-92, até os nossos dias.

Os grandes responsáveis pelas necessárias e pontuais modificações andam a passos lentos, quando se movimentam, posto o desinteresse por ações mais eficazes por parte das grandes nações poluidoras do meio ambiente. Dentro dessa realidade que se afigura, as ações locais, destinadas a resolver pontualmente questões referentes às demandas do dia a dia de cada grupo social é que poderão efetivamente contribuir para a melhoria da qualidade da vida. Na perspectiva de "comunidades ou sociedades sustentáveis", se pressupõe um indivíduo *agente* e não *objeto* do desenvolvimento, como se refere Diegues (2003).

Instrumento de Análise de Discurso 3 (IAD 3): “Acha que pode atuar como multiplicador e cobrar de seus colegas outra postura com relação ao meio ambiente?” “De que forma?”

QUADRO Nº7 - Ideias Centrais do Instrumento de Análise de Discurso 3 (IAD3)

ICs1: Disponibilidade de ser multiplicador: pelo exemplo e pela prática, repassando os conhecimentos adquiridos no curso, dialogando, conscientizando	IC2: deve ser cobrado	IC3: explicando que é nossa culpa.
--	------------------------------	---

QUADRO Nº8 - Expressões Chaves 1/Discurso do Sujeito Coletivo 1 do IAD3

ECs 1: Sim, <u>dando exemplo e praticando o que aprendi</u> (...) Sim, Passando a eles o que aprendi e me tornando exemplo (...) Sim, <u>repassando o que aprendi</u> no curso (...) Sim, ensinando o que aqui eu aprender (...) Sim, mostrando o que aprendi (...) Sim, repassando o conhecimento do curso (...) Sim, com toda a certeza posso agir como multiplicador, repassando aos meus colegas o que aprendi (...) Sim, <u>conversando e explicando os benefícios</u> de termos um meio ambiente preservado e que estas atitudes dependem de cada um de nós (...) Sim, repassando meus conhecimentos <u>e tentando motivá-los</u>	DSC1: Sim, com toda a certeza posso agir como multiplicador, repassando aos meus colegas o que aprendi e tentando motivá-los, pela conscientização a colaborar para a preservação do ambiente. Dependendo de como as pessoas vão aceitar claro, mas na medida do possível, sim. Conversando e explicando os benefícios de termos um meio ambiente preservado e que estas atitudes dependem de cada um de nós, fazendo com que eles entendam o que é
--	--

<p>(...)Sim, <u>pela conscientização</u> (...) Sim, no incentivo de separação do lixo, plantio de árvores (...) Sim, conversando com os colegas (...) Sim, Fazendo com que eles entendam o que é melhor para nosso planeta atualmente (...) Sim, dizendo como é importante nossa qualidade de vida (...) Sim, atuando no dia a dia de trabalho (...)Sim, fazendo com que ele se conscientize (...) Sim, ajudando a fazer as coisas certo (...) Sim, dando exemplo (...) Sim, explicando as consequências de algumas pessoas com meu exemplo (...) Sim, esclarecendo conceitos de preservação ambiental demonstrando praticamente (...) Sim, colocando em prática o que nos aprendemos (...) Sim, motivando-os a colaborar para a preservação do ambiente (...) Sim, lembramos sempre sobre a classificação do lixo, economizar energia elétrica, não desperdiçar água potável, não poluir (...) <u>depende como as pessoas vão aceitar</u>, mas na medida do possível sim (...)</p>	<p>melhor para nosso planeta atualmente. Como Por exemplo, no incentivo a separação do lixo, plantio de árvores, economizar energia elétrica, assim como a não poluir dizendo como é importante nossa qualidade de vida. Dando exemplo e praticando o que aprendi, atuando no dia a dia de trabalho, ajudando a fazer as coisas certo; esclarecendo conceitos de preservação ambiental.</p>
---	---

QUADRO Nº9 - Expressões Chaves 2/Discurso do Sujeito Coletivo 2 do IAD3

<p>EChs 2: Sim (...) <u>alertando a respeito do quanto nos prejudica o desperdício</u> de água potável (...) tudo que vem prejudicar o meio ambiente <u>deve ser cobrado</u> (...) <u>eu reclamo e chamo a atenção dele.</u></p>	<p>DSC2: <i>Sim, alertando a respeito do quanto nos prejudica o desperdício de água potável. Pois tudo que vem prejudicar o meio ambiente deve ser cobrado. Eu reclamo e chamo a atenção dele.</i></p>
---	---

QUADRO Nº10- Expressões Chaves 3/Discurso do Sujeito Coletivo 3 do IAD3

<p>EChs3 : Sim, <u>explicando que</u> o meio ambiente está cada vez mais poluído, <u>desastres ambientais que estão acontecendo é nossa culpa.</u></p>	<p>DSC3: Sim, explicando que o meio ambiente está cada vez mais poluído, desastres ambientais que estão acontecendo é nossa culpa.</p>
---	---

Análise e Discussão sobre o DSC, referente à IAD 3: “Acha que pode atuar como multiplicador e cobrar de seus colegas outra postura com relação ao meio ambiente”? De que forma?

Esta IAD foi escolhida como ferramenta de investigação porque entendemos que ela interage e complementa o sentido da questão anterior sobre “como colocar em prática os conhecimentos adquiridos no curso”, quando refere que pode “ensinar e passar adiante” os ensinamentos. Entretanto, aqui se levou em conta, para análise, três formas de atuação do “ser multiplicador” reveladas como uma reflexão na perspectiva da Educação Ambiental.

Ressaltamos, portanto, neste discurso, três ideias centrais a partir da disponibilidade em tornar-se um multiplicador dos conhecimentos adquiridos, nas quais, a forma de atuação do “ser multiplicador” aparece diversa. Enquanto um

coletivo entende que deve dialogar, conversar, outro se mostra mais incisivo em fiscalizar e cobrar. Fica a reflexão sobre como conscientizar o outro sem uma base de diálogo, alteridade e consenso em que se discutam todos os lados das questões e haja um entendimento profissional e fraterno entre sujeitos envolvidos. Conforme Brügger (2004, pg.92), no que tange às metas estabelecidas pela Educação Ambiental, a “ênfase fanática” na ação e na mudança de comportamento “perde o sentido se não forem considerados os motivos subjacentes às mudanças de atitude e/ou de comportamento”.

Devemos buscar sempre as formas mais democráticas na resolução de questões que envolvam relações entre as pessoas e seu meio, aliceadas no diálogo, no exemplo, que sensibilize o outro a internalizar e conscientizar-se para as mudanças de hábitos e comportamentos.

Numa terceira ideia, encontramos mais uma vez presente um senso comum de culpa pela degradação ambiental que estaria ocorrendo devido a atitudes irresponsáveis do cidadão comum: *“o meio ambiente está cada vez mais poluído e os desastres ambientais que estão acontecendo é nossa culpa, pois cuidar do ambiente é tarefa de todos”*. Reigota, (2009, p. 11), quando nos fala nas possibilidades de intervenção cidadã, enfatiza que para definir qual educação ambiental queremos fazer, precisamos ter claro que o problema não está na “quantidade de pessoas que habitam o planeta e que necessitam consumir os recursos naturais para alimentar, vestir e morar”. As causas da catástrofe ambiental que assola o mundo estão no “excessivo consumo desses recursos por uma pequena parcela da humanidade e no desperdício e produção de artigos inúteis e nefastos à qualidade de vida”, assim como nos “problemas políticos e sociais que provocam o desaparecimento das espécies” (idem, p. 12). É nesse sentido que este autor ressalta a importância do elemento reflexivo correlatamente aos elementos participativos da educação ambiental que assim a define como educação política, que “estimula a participação comunitária e/ou coletiva para a busca de solução e alternativas aos problemas cotidianos” (idem, p. 14).

Ainda ilustramos essa discussão do “ser multiplicador” a partir da representação da culpa capital do cidadão comum, com as palavras de Jacobi (2003, p. 190) para quem tais noções precisam ser desconstruídas e reformuladas. Deve haver “uma necessária reflexão sobre os desafios para mudar as formas de

pensar e agir em torno da questão ambiental numa perspectiva contemporânea”. Nessa perspectiva, os crescentes e complexos problemas ambientais e suas causas somente serão resolvidos a partir de uma radical mudança nos sistemas de conhecimento, dos valores e dos comportamentos gerados pela dinâmica de racionalidade existente, fundada no aspecto econômico do desenvolvimento (LEFF, 2008).

Entendemos de qualquer forma que as representações socioambientais neste coletivo são positivas na perspectiva da sustentabilidade e pertencimento nas ações que envolvem as relações natureza/indivíduo/grupo de trabalho. A disponibilidade para conhecimento de novas formas de agir que levem à mudança de comportamento está presente, como ponto estratégico do processo de gestão/educação ambiental, apesar de considerar-se um desafio o enfrentamento ao costume e ao senso comum já arraigado nos diversos grupos sociais.

Instrumento de Análise de Discurso (IAD) 4: “O que de prático existe em seu setor que pode ser relacionado à questão ambiental?”

QUADRO Nº11 Ideias Centrais do Instrumento de Análise de Discurso 4 (IAD4)

IC1: Praticamente tudo	IC2: Gerenciamento de resíduos nas atividades	IC3: não existe nada muito pratico educativo, pois nada é muito cobrado
-------------------------------	--	--

QUADRO Nº12 - Expressões Chaves 1/Discurso do Sujeito Coletivo 1 do IAD4

ECh1: <u>o modo de tratar os colegas</u> (...)tudo (...) <u>tudo praticamente</u>	DSC1: Praticamente tudo, até o modo de tratar os colegas
--	---

QUADRO Nº13 - Expressões Chaves 2/Discurso do Sujeito Coletivo 2 do IAD4

EChs2: O <u>cuidado com as atividades</u> , (...) mesmo que de forma incompleta e despreparado: saber os cuidados materiais velhos, os destinos dos mesmos. Cuidado com <u>recolhimento de materiais</u> perfuro /cortantes e contaminados. (...) Dispensação de resíduos na UBS, acomodação adequada até a coleta. (...) A <u>destinação de resíduos</u> de laboratório, agroquímicos – água x destiladores – necessidade de re – uso. (...) reciclagem (...) <u>coleta seletiva</u> de lixo (...) A conservação de materiais, limpeza com frequência (...) reciclagem rigorosa do lixo; a economia de energia (...) somos muito econômicos no gasto de energia. Ao trabalhar com plantas, no laboratório ter cuidado ou lidar com estas questões: drogas	DSC2: O cuidado com as atividades, mesmo que de forma incompleta e despreparado: saber os cuidados materiais velhos, os destinos dos mesmos. O cuidado com recolhimento de materiais perfuro /cortantes e contaminados;a dispensação de resíduos na UBS, acomodação adequada até a coleta; a destinação de resíduos de laboratório, agroquímicos – água x destiladores – necessidade de re – uso. A conservação de materiais e a limpeza com frequência, a economia de energia, somos muito econômicos no gasto de energia. O reaproveitamento de papeis em versão rascunho e a ideia de imprimir apenas se necessário, pois os meios digitais facilitam a menor reutilização de papel A coleta seletiva de
---	--

químicas com ácidos e outros produtos (...) <u>reaproveitamento de papéis</u> em versão rascunho e a ideia de imprimir apenas se necessário, pois os meios digitais facilitam a menor reutilização de papel	lixo e a reciclagem. Ao trabalhar com plantas, no laboratório temos cuidado ou lidar com estas questões: drogas químicas com ácidos e outros produtos.
---	--

QUADRO Nº14 - Expressões Chaves 4/Discurso do Sujeito Coletivo 4 do IAD4

Echs3: <i>No momento não</i> (...) na verdade não existe nada muito pratico educativo, pois nada é muito cobrado, não tem quem exija e cobre dos colegas e onde a gente cobra não se leva a sério (...) Os nossos laboratórios trabalham com fungos e tóxicos e largam na pia e vai pro ambiente	DSC3: No momento não. Na verdade não existe nada muito pratico educativo, pois nada é muito cobrado. Não tem quem exija e cobre dos colegas e onde a gente cobra não se leva a sério. Os nossos laboratórios trabalham com fungos e tóxicos e largam na pia e vai pro ambiente.
---	--

Análise e Discussão sobre o DSC da IAD 4: “O que de prático existe em seu setor que pode ser relacionado à questão ambiental”?

Nos discursos que respondem a essa questão, é apresentada a diversidade de práticas existentes na Universidade com relação às “questões ambientais”, de acordo com o setor e as atividades desenvolvidas pelos sujeitos que compõem este coletivo. Não poderia ser diferente, posto que as questões ambientais ocorram a todo o momento e em todos os ambientes permeando as relações nas quais se comunicam e interagem indivíduo/sociedade/meio ambiente. O que se buscou extrair das respostas deste coletivo foi justamente como e quais as práticas (positivas ou negativas) são percebidas como tal pelos sujeitos.

No todo, percebe-se que o servidor tem um “certo” entendimento, a partir de seus saberes vividos e adquiridos, acerca das questões ambientais ocorrentes em seu cotidiano. Tem, sobretudo, discernimento e consciência sobre a existência de ações ambientalmente corretas e sustentáveis e aqui, mais uma vez, demonstra receptividade para empreendê-las, pelo aprendizado ou atualização de seus conhecimentos.

Neste IAD, portanto, encontramos três (3) ideias centrais que demonstram avanço no conhecimento e nas práticas de alguns coletivos devidos a cursos de formação realizados, em sua área de atuação. Em outros coletivos as práticas são poucas, tímidas, quando não desconhecidas, confirmando a pertinência do processo continuado de gestão/educação ambiental em todos os setores, posta a interação que direta ou indiretamente entre eles se desenvolve por meio das atividades diárias administrativas, de ensino, pesquisa e extensão. Emerge, por conseguinte, a noção

socioambiental no discurso “às relações humanas”, embora não tenha sido especificada, referência sobre a qualidade destas relações. Entretanto, tal noção reveste-se como importante ferramenta no processo de gestão/educação ambiental, por convergirem com as perspectivas do pertencimento e da sustentabilidade.

Percebe-se, pela citação: “Os nossos laboratórios trabalham com fungos e tóxicos e largam na pia e vai pro ambiente”, que o agente sente falta de maior controle com relação ao descarte e destino de resíduos nas práticas em laboratórios. Nota-se também o desejo de que haja certa cobrança para que aconteçam as práticas sustentáveis, reafirmando a vontade de que a gestão ambiental realmente se afirme como uma realidade em todos os setores da Instituição.

O contexto dos DSCs desvelados nesta IAD vai de encontro ao pensamento de autores como Leff, (2010, pg.164), para quem a crise ambiental “trata-se de uma problemática gerada por processos históricos, mobilizados por conflitos sociais”. Desse modo, a construção de uma “racionalidade ambiental”, por este autor, implica na formação de um novo pensamento ético orientando os processos de produção teórica, tecnológica capaz de transformar socioambientalmente as instituições e as comunidades.

Nesse sentido, Leff (idem, 2010) também se refere a uma “epistemologia ambiental”, que ao desconstruir os conhecimentos universais postos, incorpora “saberes sociais” e se mantém receptivo aos “saberes por-vir”. Assim que as políticas de gestão pública não podem ocorrer permeadas pela indiferença, pelo individualismo, longe da realidade das questões que se desenvolvem nas instituições envolvidas. Por esta via, aqueles que agem e interagem no meio administrativo e acadêmico devem ter voz e vez, a partir de sua experiência no processo de construção e implementação da gestão ambiental nas IFES, no que se refere à resolução da problemática em questão em seus setores de atuação.

Instrumento de Análise do Discurso 5 (IAD5): “Diante dos paradigmas da crise ambiental atual, como a postura do servidor público poderá fazer a diferença?”

QUADRO Nº15 - Ideias Centrais do Instrumento de Análise de Discurso 5 (IAD5)

IC1 Ser comprometido com as questões ambientais, dando exemplo, adquirindo conhecimentos e atuando como	IC2: atuar em conjunto com a	IC3: Colocando em prática os conteúdos aprendidos no curso e cobrando para que outras pessoas
--	-------------------------------------	--

multiplicador junto a comunidade	Instituição.	também o façam, inclusive dos gestores.
----------------------------------	--------------	---

QUADRO Nº16 - Expressões Chaves 1/Discurso do Sujeito Coletivo 1 do IAD5

<p>EChs1: Cuidando de seu ambiente no dia a dia (...) <u>adquirindo conhecimentos básicos e fundamentais e colocando-os em prática sempre</u> (...) não desperdiçando tanto material para diminuir o consumo (...) <u>sendo um multiplicador das ideias de proteção</u> ao meio ambiente (...) passando para a população todo o aprendizado que tiver (...) se comprometendo e pondo em prática tudo o que aprendeu no curso (...) Se o servidor público compreende a crise preocupa-se, aprende uma nova postura: pode fazer “a” diferença, pois é servidor “público”, o exemplo (...) Somos pessoas que convivemos em ambiente de ensino, possuímos boa escolaridade, portanto, podemos <u>e devemos servir de exemplo</u> para a comunidade onde estamos inseridos (...) servidores conscientes, informados podem amenizar os efeitos da crise ambiental. Se cada um fizer sua parte, contribuímos para o todo (...) agente multiplicador (...) Participando de cursos como este e somando o que já sabemos para repassar (...) Sendo um exemplo para a sociedade e fator multiplicador de conhecimentos (...) repassando seus conhecimentos a outras pessoas (...) Participando de cursos para nos atualizarmos (...) Considerando que o servidor público está a serviço do Estado e da coletividade entendendo que é o papel do servidor é fundamental enquanto <u>sujeito comprometido com estas questões</u> (...) Colaborar para prevenção (...) Se cada servidor <u>fazer a sua parte</u> já vai ser uma grande diferença (...) Atuação e comportamento mobilizador diante dos critérios e conceitos de EA (...) Começando por ele mesmo ter consciência do meio ambiente (...) Engajando-se, dando exemplos de atitudes preservacionistas (...) Trabalhando em um ambiente de ensino, todo o espaço é pedagógico quero contribuir atuando na multiplicação deste conhecimento em todos os espaços em que eu venha a atuar (...) Cada um deve fazer a sua parte por menor que seja e não esperar pelo outro, se fez certo ou errado, faça você o certo: aprendendo no curso (...)</p>	<p>DSC1: Servidores conscientes, informados podem amenizar os efeitos da crise ambiental. Cuidando de seu ambiente no dia a dia, adquirindo conhecimentos básicos e fundamentais e colocando-os em prática sempre. Sendo um multiplicador das ideias de proteção ao meio ambiente. Se o servidor público compreende a crise preocupa-se, aprende uma nova postura: pode fazer “a” diferença, pois é servidor “público”. Participando de cursos como este e somando o que já sabemos para repassar. Considerando que o servidor público está a serviço do Estado e da coletividade entendendo que é o papel do servidor é fundamental enquanto sujeito comprometido com estas questões. Somos pessoas que convivemos em ambiente de ensino, possuímos boa escolaridade, portanto, podemos e devemos servir de exemplo para a comunidade onde estamos inseridos. Com uma atuação e comportamento mobilizador diante dos critérios e conceitos de EA, começando por ele mesmo ter consciência do meio ambiente. Cada um deve fazer a sua parte por menor que seja e não esperar pelo outro, se fez certo ou errado, faça você o certo. Engajando-se, dando exemplos de atitudes preservacionistas, já vai fazer uma grande diferença O que mudaria a imagem negativa do servidor público perante a sociedade.</p>
---	---

QUADRO Nº17 - Expressões Chaves 2/Discurso do Sujeito Coletivo 2 do IAD5

<p>ECh2: Poderá influenciar de maneira positivo com a <u>união de todos nós (...)</u> <u>Integrado com a Instituição, dando um bom exemplo;</u></p>	<p>DSC2: O servidor poderá influenciar de maneira positivo com a união de todos nós, integrado com a Instituição, dando um bom exemplo;</p>
--	--

QUADRO Nº18 - Expressões Chaves 3/Discurso do Sujeito Coletivo 3 do IAD5

<p>EChs3: <u>Colocando em prática os conteúdos aprendidos no curso e cobrando para que outras pessoas também o façam (...)</u> <u>cobrando dos gestores maior controle e condições de trabalho</u> para que o servidor não polua tanto o meio ambiente. Porque muitas vezes não tem as</p>	<p>DSC3: Colocando em prática os conteúdos aprendidos no curso e cobrando para que outras pessoas também o façam. Cobrando, (por exemplo), dos gestores maior controle e condições de trabalho para que o servidor não polua tanto o meio ambiente. Porque muitas vezes não tem as</p>
---	---

condições adequadas (...) Acredito que devêssemos <u>ser o exemplo, o que mudaria a imagem negativa do servidor</u> público perante a sociedade	condições adequadas. Acredito, também, que devêssemos ser o exemplo, o que mudaria a imagem negativa do servidor público perante a sociedade.
---	---

Análise e Discussão sobre o DSC do IAD 5: “Diante dos paradigmas da crise ambiental atual, como a postura do servidor público poderá fazer a diferença?”

Nesta IAD, na perspectiva dos objetivos deste estudo encontramos três (3) Ideias Centrais.

A tônica deste coletivo ressalta a consciência de sua posição como agente público em servir de exemplo para a comunidade através de suas práticas e a disposição para ser multiplicador. “Se o servidor público compreende a crise, preocupa-se, aprende uma nova postura: pode fazer a diferença, pois é servidor *público*”. Nota-se presente o reconhecimento da função como servidor público na Instituição em que atuam e das limitações da estrutura que têm à disposição para agir de forma comprometida com as questões ambientais. Percebe-se, assim, que realizam suas atividades de forma são mais ou menos sustentáveis na medida em que as condições lhe são oferecidas em seu meio ambiente de trabalho, seja pela estrutura técnica e tecnológica, para o desenvolvimento das tarefas, como pela correlata capacitação para as mesmas.

Na IC1, ressalta-se a importância que é dada à formação/capacitação para atualizar e aprofundar conhecimentos e assim qualificar as suas práticas. Este coletivo considera que, como agente público, a serviço do Estado e da coletividade, possui papel fundamental, devendo estar comprometido com estas questões. No mesmo sentido, também se reconhece como parte de um ambiente de ensino, com potencial para uma boa escolaridade o que o coloca numa posição privilegiada para fazer a diferença com sua postura frente à crise ambiental atual.

Acentuamos a importância da receptividade do coletivo analisado nesta e em todos os IADs, para o aprendizado e construção de novas formas de fazer em suas atividades, o que pode contribuir qualitativamente para o processo de gestão ambiental nas IFES.

Sendo assim, a disposição do grupo para ser um elemento mobilizador, em conformidade com o caráter construtivo, criativo e significativo das representações

sociais, pode favorecer a modificação em suas realidades através da Educação Ambiental, mediante a comunicação que se estabelece entre os seus componentes.

Na segunda Ideia Central, aparece um discurso que propõe ações integradas com a Instituição como postura para fazer a diferença com relação às questões ambientais. As formas de atuação integrada gestores/servidores direcionam para um efetivo desempenho dessas atividades na Instituição na perspectiva de práticas sustentáveis de atuação.

Essa postura de cobrança/reivindicação pelos agentes do processo a partir de sua experiência acerca das questões presentes em seus setores, aliada a um conhecimento técnico adquirido em capacitações, qualifica o desempenho do servidor, incluindo um grau de satisfação em seu meio ambiente de trabalho, por levá-lo a sentir-se parte da construção no processo e não somente um mero executante de tarefas. Outro aspecto a ser ressaltado na IC2 é a consciência sobre a imagem negativa do servidor público e o entendimento de que se for visto como exemplo, tal imagem poderá ser modificada. O desinteresse e a acomodação do servidor público muitas vezes estão diretamente relacionados com a representação que o indivíduo faz do grau de importância que ele tem no lugar que ocupa e da tarefa desempenhada.

Na Ideia Central 3, o coletivo justifica que muitas vezes não depende dele mas sim da estrutura institucional burocrática que dificulta a dinâmica e a qualidade do serviço público disponibilizado à comunidade. Acredita, nesse sentido, que, com mais conhecimento e informação, poderá cobrar, reivindicar aos gestores providências condizentes com as necessidades exigidas por suas atividades.

Ensina-nos Jovchelovitch, (2000, p. 21) que “entender o senso comum é profundamente revelador dos modos de vida da comunidade” (...) “seus limites e possibilidades” (...), posto que a “história jamais é obra de uns poucos sujeitos iluminados, mas se constrói no árduo dia a dia de homens e mulheres comuns”.

É nesse sentido que percebemos em vários momentos tanto nas análises das questões, como na observação nas atividades presenciais que as manifestações dos sujeitos aparecem ressaltando a necessidade de reconhecimento de sua capacidade para contribuir com seus saberes, bem como de sua satisfação pelo aprimoramento de seus conhecimentos que qualifiquem suas práticas profissionais. Da mesma forma, cabe como ilustração, nesta e nas outras análises, o

registro do relato do capítulo 3.1.2, sobre a caminhada da servidora que fez parte da equipe responsável pela criação da CGA na UFPel.

Instrumento de Análise de Discurso (IAD 6): “Eu e a UFPel”

QUADRO Nº19 - Ideias Centrais do Instrumento de Análise de Discurso 6 (IAD6)

IC1: A importância do ambiente favorável ao trabalho	IC2: o desafio da gestão/educação ambiental	IC3: Sentido/afetivo utilitarista com relação ao local de trabalho	IC4: A universidade como entidade pública deveria ser exemplo
---	--	---	--

QUADRO Nº20 Expressões Chaves 1/Discurso do Sujeito Coletivo 1 do IAD6

<p>EChs 1: Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.(...) Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas (...) Acho um dos melhores lugares pra trabalhar; um ambiente favorável é de suprema importância para a saúde (...) possibilidade de expandir sua capacidade e desenvolverem sua autoconfiança (...) bom relacionamento com todos, companheirismo e respeito; liberdade de ação respeitando a hierarquia (...) cada um com seu jeito de ser e suas ocupações (...) faço o que gosto e me qualifiquei para isto; faço com dedicação e empenho (...) procuro fazer o melhor para o público atendido (...) não tenho frustrações no meu ambiente de trabalho, lidar com pessoas no início da carreira é propício para aumentar o conhecimento junto; já aprendi muito com meus colegas de serviço e também já ensinei os outros, quando há situações que desagradam algumas pessoas paramos e tentamos resolver esta situação desagradável (...) o espaço vem melhorando em vários aspectos, mas tenho a expectativa de presenciar um dia, ações que alterem o hábito inadequados tanto por usuários, quanto pelos colaboradores (...) falta de coleguismo de alguns, no cumprimento de carga horária, o que desqualifica atendimento (...)desconforto pelas más condições de trabalho.</p>	<p>DSC1: Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina. Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas. Desse modo, não tenho frustrações no meu ambiente de trabalho. Acho que um ambiente favorável é de suprema importância para a saúde, porque gera a possibilidade de expandir a capacidade e desenvolver a autoconfiança. Tenho um bom relacionamento com todos, companheirismo e respeito. Existe liberdade de ação, respeitando a hierarquia e as respeita as diferenças individuais. Adoro fazer parte dos técnicos – administrativos. Cada um com seu jeito de ser e suas ocupações, acho um dos melhores lugares pra trabalhar. Faço o que gosto e me qualifiquei para isto. Faço com dedicação e empenho e procuro fazer o melhor para o público atendido. Com satisfação profissional, podemos ajudar as necessidades dos clientes. A vantagem de trabalhar (nesse setor) é o aprendizado. Lidar com pessoas no início da carreira é propício para aumentar o conhecimento junto. Já aprendi muito com meus colegas de serviço e também já ensinei os outros. E quando há situações que desagradam algumas pessoas paramos e tentamos resolver esta situação desagradável com conversa e respeito, apesar de nem sempre agradar a todos. Acho que o espaço vem melhorando em vários aspectos, mas tenho a expectativa de presenciar um dia, ações que alterem o hábito inadequado tanto por usuários, quanto pelos colaboradores. Entretanto, a falta de coleguismo de alguns, no cumprimento de carga horária e o desconforto pelas más condições de trabalho, pode desqualificar o atendimento.</p>
---	--

QUADRO Nº21 - Expressões Chaves 2/Discurso do Sujeito Coletivo 2 do IAD6

EChs 2: Trata-se de um desafio capacitar pessoas para realizarem condutas	DSC 2: Tenho a esperança que um dia teremos uma reitoria que tenha interesse pela qualidade nas
--	--

<p>ecologicamente corretas, uma vez que o desenvolvimento se encontra continuamente estimulado, muitas vezes deixando a sustentabilidade à margem (...) As práticas educativas devem ter a dinâmica e metodologia que favoreça o trabalho em equipe e a formação de condutas conscientes, relacionadas a valores pessoais, solidariedade, cidadania (...) Acredito que um dia teremos uma reitoria que tenha um interesse pela qualidade das relações de servidor e instituição (...) conscientizar por meio de palestras que é possível produzir menos lixo (...) ainda não vivemos um “dia a dia” sob educação ambiental, por ausência de planejamento, desconhecimento e cultural (...) excesso de “criatividade prática” (autoconfiança) X desconhecimento teórico (...) falta de recursos na hora certa (...)tenho ainda a expectativa de um dia presenciar essa prática no ambiente de trabalho, com ações que alterem hábitos que os considero inadequados por colaboradores e por usuários do setor (...)falta de recursos de certos materiais nos procedimentos (...) dificuldades na assistência ao cliente, devido à burocracia muitas vezes impedindo a resolução de problemas (...) ainda falta ser estabelecidas diretrizes mínimas, mais eficientes para que as atividades de trabalho sejam estabelecidas e realizadas a curto e longo prazo.</p>	<p>relações de servidor e instituição; não tratando de expandir a universidade a qualquer custo, não prezando nem um pouco por qualidade. Me frustra um pouco certas atitudes de colegas que não se dedicam como deveriam e algumas ações precipitadas da administração como mudar alguns setores para este campus, em pleno ritmo acelerado de obras. Portanto, ainda não vivemos um “dia a dia” sob a educação ambiental, por ausência de planejamento, desconhecimento e cultura. Há excesso de “criatividade prática” (autoconfiança) X desconhecimento teórico. Ainda falta ser estabelecidas diretrizes mínimas, mais eficientes para que as atividades de trabalho sejam estabelecidas e realizadas a curto e longo prazo. A falta de recursos materiais na hora, de certos materiais específicos, devido a burocracia muitas vezes impedindo a resolução de problemas, gera dificuldades na assistência ao cliente. Por isso, acho que trata-se de um desafio capacitar as pessoas, para realizarem condutas ecologicamente corretas, uma vez que o desenvolvimento encontra-se continuamente estimulado, muitas vezes deixando a sustentabilidade à margem. As práticas educativas devem ter a dinâmica e metodologia que favoreça o trabalho em equipe e a formação de condutas conscientes, relacionados a valores pessoais, solidariedade e cidadania. Sugiro conscientizar por meio de palestras que é possível produzir menos lixo.</p>
---	---

QUADRO Nº22- Expressões Chaves 3/Discurso do Sujeito Coletivo 3 do IAD6

<p>EChs3: me sinto em casa (...) minha segunda casa, acho até que é a primeira, pois a maior parte do dia, passo lá, e estou aqui há (muitos) anos (...)pois é dela que tiro o meu sustento e de minha família e cumpro meu dever na melhor condição (...) <i>A Universidade é a luz no fim do túnel</i> .É preciso seguir em frente, pois a cada passo dado, estamos a menos um passo do fim.</p>	<p>DSC3: Me sinto em casa; na minha segunda casa, (acho até que é a primeira, pois a maior parte do dia, passo lá, e estou aqui há (muitos) anos. Eu me sinto muito bem, pois é dela que tiro o meu sustento e de minha família e por isso cumpro meu dever na melhor condição. Para mim, a Universidade é a luz no fim do túnel. O túnel é longo, pedregoso e - por vezes, perigoso! Mas, vendo a luz lá no fim, não há como voltar atrás. É preciso seguir em frente, pois a cada passo dado estamos a menos um passo do fim.</p>
---	--

QUADRO Nº23 - Expressões Chaves 4/Discurso do Sujeito Coletivo 4 do IAD6

<p>EChs 4: tenho esperança que sejamos exemplos de gestão, crescimento humano e instituição educacional, pois os cidadãos é que mantém essa estrutura (...) Vejo a UFPel sobretudo como um espaço público, ou seja, de propriedade de toda a população brasileira(...)Cabe à Universidade, então, tomar a frente das ações de defesa, estudo (...) no que diz respeito à sustentabilidade e defesa do mundo em que vivemos.</p>	<p>DSC4: Vejo a UFPel sobretudo como um espaço público, ou seja, de propriedade de toda a população brasileira. A questão ambiental, de tremendo interesse da sociedade, deve, portanto, ter atenção específica da Universidade. Ela deve exercer um papel de liderança, vanguarda e exemplo na sociedade em muitos pontos para a comunidade em geral, pois os cidadãos é que mantém essa estrutura. Temos disponível todas as áreas de conhecimento para transformarmos-nos um exemplo de gestão, crescimento humano e instituição educacional. Formada por todos seus alunos, professores, servidores técnicos e administração, cabe a todos estes atores o desempenho do papel referido.</p>
--	--

Análise e Discussão sobre o DSC da IAD 6 “Eu e a UFPel”

Ao idealizar a presente questão, objetivamos dar voz aos sujeitos mediante uma forma de livre expressão, que oportunizasse num primeiro momento desvelar as representações de pertencimento do coletivo analisado. Como ainda não havíamos escolhido especificamente os instrumentos de investigação, pareceu oportuno dar vazão ao desejo de participar ativamente da construção desse processo. Por ocasião da qualificação, houve até mesmo sugestão por parte da banca que esta fosse a única questão analisada. Entretanto, ao fazer uma leitura atenta de todas as questões submetidas aos sujeitos, consideramos que, se optássemos pelas cinco questões já referidas somadas a presente, teríamos uma oportunidade de comparar e confirmar (ou não) os discursos do coletivo analisado num universo representacional mais amplo, posto que a atividade seria realizada em momento diverso dos outros instrumentos.

Assim, ao examinar todas as respostas e proceder às etapas para a construção do discurso coletivo de conformidade com a metodologia escolhida, foram encontradas quatro (4) ideias centrais que entendemos estão de acordo, assim como complementam o sentido das anteriores:

Consideramos primeiramente, como já havíamos percebido pelas análises dos IADs precedentes, que as representações de pertencimento e sustentabilidade aparecem intimamente relacionadas entre si, posto envolverem os movimentos de participação para a formação, o desenvolvimento e fortalecimento do indivíduo como cidadão.

Em relação à IC1: “*a importância do ambiente favorável ao trabalho*”, há indicação no coletivo analisado de uma preocupação quanto ao bom relacionamento com os colegas e seus superiores no ambiente de trabalho como um direcionador positivo das ações e das condutas. Assim, o equilíbrio nas relações é indutor da qualidade do espaço, produzindo condições favoráveis ao bom desempenho do serviço executado/prestado aos usuários, no caso a comunidade universitária em geral. Também aponta para uma representação de liberdade de ação quanto às suas práticas alicerçadas pelo diálogo, mesmo que existam diferenças que gerem tensões: (...) quando há situações que desagradam (...) tentamos resolver (...) apesar de nem sempre agradar a todos (...).

O coletivo também considera: (...) o ambiente de trabalho é extremamente favorável à saúde (...) e, por essa afirmação, podemos perceber como o respeito, a tolerância e a liberdade tornam um ambiente saudável interferindo positivamente no andamento das atividades, proporcionando, inclusive, a resolução dos problemas comuns, inerentes ao dia a dia. Demonstra, da mesma forma, consciência do seu conhecimento e experiência adquirida através da prática nas atividades-fim da instituição para o funcionamento da engrenagem que envolve e movimenta a gestão universitária. Nesse sentido, ratifica seu desejo em ser participante dos processos desencadeados pelas atividades ensino/pesquisa/extensão na IFES, ao afirmar: “faço o que gosto e me qualifiquei para isto” (...) faço com dedicação e procuro fazer o melhor (...).

Ao sentir-se participante, colaborador, corresponsável pelos direcionamentos do seu meio ambiente de trabalho, sua autoestima e, conseqüentemente, o sentido do pertencimento se concretiza e se eleva. Movidos por essa representação, os servidores em vários momentos se posicionaram de forma crítica na luta pela valorização do segmento técnico administrativo, o que os levou a institucionalização e legalização de suas oportunidades de capacitação e qualificação profissional, concretizadas pela implantação da Lei nº 11.091/2005 – PCCTAE.

Na segunda IC, “*o desafio da gestão/educação ambiental*”, o coletivo considera a importância do processo de gestão/educação ambiental como contribuição ao desempenho profissional e ao bem estar no ambiente de trabalho, assim como também as dificuldades existentes para sua implementação. Por exemplo, no discurso: (...) *ainda não vivemos um “dia a dia” sob educação ambiental, por ausência de planejamento (?), desconhecimento e cultura. Ainda falta serem estabelecidas diretrizes mínimas, mais eficientes para que as atividades de trabalho sejam estabelecidas e realizadas em curto prazo (...)*, temos a representação da carência de profissionalismo ao gerenciamento das atividades em determinados setores.

Em suas representações emergem as deficiências presentes no seu meio ambiente de trabalho demonstrando que o servidor não está alheio às demandas das questões ambientais e sente a necessidade de ações efetivas de formação técnica que os qualifiquem.

Ratificamos aqui, mais uma vez a crença na Educação Ambiental crítica, direcionada como um ato político como nos ensina Reigota (2004), embasada no potencial criativo do indivíduo, capaz de sensibilizar e transformar comportamentos sociais como principal instrumento para o enfrentamento do desafio da sustentabilidade imposto pelo atual modelo econômico de desenvolvimento.

Outro aspecto a ressaltar nesse discurso é a preocupação com a orientação ao usuário que frequenta o espaço público e da importância que atribui à inserção de práticas educativas voltadas para a cidadania. Aqui transparece a noção de sustentabilidade no coletivo ao referir-se às dificuldades na formação de pessoas, para mudança de comportamento com relação às condutas ecologicamente corretas, por conta do estímulo à produção e ao consumo no atual modelo de desenvolvimento. Emerge igualmente o reconhecimento acerca das dificuldades nas condições de trabalho pela realidade do serviço público. Consciência que lhe impõe o sentido da necessidade de participação nas decisões administrativas em seu meio, para a prevenção de que não lhe faltem os instrumentos de trabalho ou ainda formas alternativas legais e seguras para suprir as deficiências. Desse modo, demonstra também o sentido de pertencimento em relação ao seu meio ambiente de trabalho, na medida em que considera a importância da sua qualidade.

Na terceira Ideia Central emerge um discurso de relação afetiva com a Instituição que condiciona o bem estar ao sentimento de estar em casa. O sentimento de pertencimento direciona-se para um gostar do local de trabalho porque lhe parece familiar, porque está lá há muitos anos e é onde passa a maior parte do tempo durante o dia. À primeira vista, pode não parecer muito profissional, mas esse sentimento se bem direcionado num ambiente de trabalho também é propício para o desenvolvimento das atividades laborais.

Estamos levando em conta, na análise desta IC, o sentido e o olhar, para aquilo que o indivíduo conhece, ama e percebe como seu.

Nota-se, por exemplo, que é comum na maioria dos setores, uma “decoreção” com acessórios que buscam ‘ambientar’ o ‘seu’ local de trabalho. A mesa, a sala e seu entorno são ocupados por vasinhos com flores, pequenos enfeites e instrumentos de cozinha que incrementam um bom café ou uma boa refeição. Muitos passam o dia na sua unidade, portanto, o fato de quererem se sentir ‘em casa’ parece não interferir negativamente na atuação profissional do servidor. Muito

pelo contrário, deixa o agente mais à vontade, mais tranquilo e mais concentrado em suas atividades. É sabido que, atualmente, cada vez mais as instituições estão investindo na qualidade do ambiente de trabalho, com espaços para descanso, ginástica laboral, entre outras formas de proporcionar maior satisfação aos seus colaboradores.

Outro aspecto abordado pelo sujeito coletivo, nesta IC, é uma representação da relação afetiva com seu ambiente de trabalho, porque “se sente em casa e cumpre seus deveres da melhor forma” e, em contrapartida, recebe para o sustento de sua família. Nessa mesma representação também podemos incluir aqueles que por algum motivo ali estão apenas pelo que recebem, porque entendem que lhes faltou outras oportunidades ou pela segurança que o emprego público lhes assegura.

Assim, o sujeito gosta do seu local de trabalho também pelo reconhecimento dos frutos colhidos e por isso procura desempenhar-se o melhor possível profissionalmente. E essa “melhor forma” inclui o cuidado na relação com esse ambiente onde se inclui também as pessoas que o compõem.

Na IC 4, encontramos, mais uma vez, a consciência do servidor de seu papel de agente público e da importância da Universidade em seu contexto. Denota, dessa forma, o pertencimento a um ambiente que é de todos e que, como o servidor público, está investido do potencial para cumprir seu papel na construção do conhecimento e das sociedades sustentáveis.

As representações nos discursos deste coletivo assinalam a presença de uma visão socioambiental, posto que apresentem, em suas falas, receptividade para envolverem-se na amplitude desafiadora do processo de gestão ambiental em questão, seja pelo aprendizado nos mais diversos espaços de formação/capacitação ou pela troca de experiências com novos colegas em suas relações no cotidiano de trabalho.

A atual gestão de pessoas se direciona cada vez mais para valorizar a importância da formação/capacitação dos técnicos, abandonando a visão de que sua função ultrapassa digitar documentos, arquivá-los, atender telefones, agendar atividades, abrir e fechar portas e janelas, apagar luzes, preparar laboratórios, varrer, lavar, etc. Mesmo estes atos que parecem banais, precisam ser executados com técnica e competência, sob pena de desqualificar o funcionamento das

atividades-fins de qualquer ambiente de trabalho. Nesse sentido, a Educação Ambiental ocupa importância primordial alicerçada pelo seu caráter participativo, transformador, permanente e abrangente que possibilita aos indivíduos e a comunidade a tomada de consciência do seu meio ambiente e a aquisição de conhecimento, valores, habilidades, experiência e a determinação que os torna aptos a agir - individual e coletivamente - e resolver demandas socioambientais.

Por essa linha de pensamento, quando executamos qualquer tarefa, temos que saber o porquê dela ser executada, pra que serve e como ela pode e deve ser executada. Não fazemos coisas mecanicamente. Daí a importância da formação e não do treinamento. Pelo treinamento as pessoas são levadas a repetir coisas como se fossem máquinas, sem pensar no que estão fazendo, apenas a serviço dos resultados que normalmente visam o lucro desmedido. Essa é a visão do modo de produção hegemônico atual, que não se direciona para a qualidade das relações indivíduo/meio ambiente. A formação trabalha o aprender a desenvolver o raciocínio, o sentir, o pensar e o entender.

O *aprender* não se restringe à educação como tal, porque inclui o que acontece nos sistemas educacionais, assim como o que ocorre na vida cotidiana, posto que importantes aspectos da aprendizagem aconteçam nos contextos sociais, domésticos e profissionais. Nesse sentido, uma educação para o desenvolvimento sustentável, conforme o preconizado pelo PNUMA deve “suscitar valores sólidos e positivos no indivíduo – sobre eles mesmos, sobre o mundo à sua volta e sobre o seu papel neste mundo” (UNESCO, 2005, p.45), visando sua transformação como uma pessoa plena, consciente de seu potencial pelo aprendizado para o resto da vida. Valores que conduzam os seres humanos a uma participação ativa na construção e aplicação de novos padrões de organização social e de mecanismos socioambientais que reflitam uma visão voltada a um novo relacionamento com o meio ambiente em que está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a realizar um estudo a respeito das representações socioambientais dos servidores técnico-administrativos da Universidade Federal de Pelotas a partir de atividades integrantes do programa de um curso de capacitação em Educação Ambiental, ocorrido no segundo semestre de 2010.

Considerando o momento em que ambas as áreas envolvidas, Capacitação de Servidores e Gestão Ambiental, se encontram em evidência na Instituição, entendeu-se como oportuno, relevante e significativo reuni-las em uma investigação qualitativa, que buscou desvelar os modos de sentir e fazer dos agentes administrativos da IFES durante suas práticas em seu meio ambiente de trabalho, na perspectiva do pertencimento e da sustentabilidade.

A escolha desta temática também levou em conta o cenário nacional no que tange tanto à nova visão na gestão de pessoas nas IFES, o desenvolvimento do PCCTAE, o incentivo a implantação do processo de gestão ambiental nas Instituições Públicas, bem como a sinalização da dimensão ambiental em todas as formas de educação como instrumento para mudança de paradigma frente à atual situação de crise socioambiental que emergiu a partir da segunda metade do século XX, em nível mundial.

As diferentes atividades desenvolvidas nas IFES são permeadas por relações socioambientais entre a comunidade universitária e em geral, resultando na mais variada produção de resíduos que, gerenciados de forma inadequada, constituem uma problemática que implica seriamente a saúde daquele ambiente. Urge, por conseguinte, a necessidade de potencializar o envolvimento e a participação dessa comunidade envolvida na construção e implantação de políticas para uma gestão adequada dos seus resíduos, visando contribuir de forma efetiva e comprometida com a sustentabilidade e qualidade do ambiente.

Considerando neste contexto, a estrutura universitária, suas atividades-fim de ensino, pesquisa e extensão e os segmentos formadores dessa comunidade: técnicos, docentes e discentes, inseridos no recente processo de implantação de políticas de gestão ambiental na instituição, optamos por realizar o presente estudo com aqueles agentes que têm como função movimentar a infraestrutura necessária

dando suporte técnico e administrativo à construção do processo do conhecimento científico.

Presentes e indispensáveis nas tarefas mais simples ou mais complexas, os técnicos administrativos, passam, às vezes, despercebidos no seu papel fundamental dentro desse processo, apesar de conhecerem pela prática do dia a dia todos os meandros do funcionamento da Universidade. Carecem, nesse sentido, de maior reconhecimento e valorização, pelos gestores e demais integrantes dos outros segmentos que compõem a Instituição, em suas demandas de qualificação e capacitação para um melhor e mais eficaz desempenho em suas atividades. Os estudos acadêmicos encontrados sobre a temática envolvem apenas docentes e discentes e não trabalhos especificamente dirigidos aos agentes administrativos em educação das Universidades.

É sabido que durante sua trajetória profissional nas IFES, uma grande parcela dos técnicos tem a oportunidade de desenvolver atividades em diversos setores, relacionando-se intensamente com professores, alunos e comunidade em geral. Esta realidade lhes proporciona uma vivência muito rica no que tange a todas as práticas necessárias ao funcionamento pleno de uma instituição pública, incluindo os entraves burocráticos que, na maioria das vezes, impedem a fluidez dos direcionamentos e resulta numa imagem negativa instituição. Essa burocracia, o clientelismo e a falta de formação/capacitação crítica, transformadora e cidadã aos servidores, induz, muitas vezes, ao descaso ou acomodação de alguns com relação às atividades, resultando na ineficiência dos resultados-fins de uma IFES.

O objetivo deste estudo, portanto, foi desvelar e compreender sob a ótica da Educação Ambiental, que representações socioambientais permeiam, influenciam e/ou determinam as práticas laborais do servidor técnico administrativo de uma IFES, através da perspectiva do pertencimento e das noções de sustentabilidade nas relações na Instituição. A Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2009), serviu como aporte teórico da investigação.

Por ocasião do início da pesquisa, realizava-se na Universidade um curso de capacitação em Educação Ambiental para servidores TA, pelo setor de desenvolvimento de pessoal, com apoio da CGA. A par disso, entendeu-se como oportuno, pelas condições contextuais propiciadoras desenvolver a investigação, com base em atividades relacionadas no curso, mais precisamente, seis (6)

questões respondidas pelos servidores/alunos. O Discurso do Sujeito Coletivo (LEFEVRE&LEFEVRE,2005), foi utilizado como metodologia e a escolha dos instrumentos de coleta de dados feita por conveniência de sua relevância para os objetivos da investigação, durante a observação participativa como ouvinte e colaboradora no curso de extensão.

Desse modo, a primeira IAD, sobre as noções de meio ambiente dos sujeitos foi incluída seguindo os referenciais teóricos de pesquisadores que nos precederam, referidos no capítulo 2.2.1, uma vez que nosso estudo está inserido num processo de Educação Ambiental de uma IFES. Outras quatro (4) indagaram sobre questões ambientais no ambiente profissional; a possibilidade de serem colocados em prática os conhecimentos recebidos, o tornar-se multiplicador e sobre a postura do servidor público. Por fim, uma última questão buscou manifestações a cerca do pertencimento dos sujeitos em relação à instituição.

Diante da análise dos dados extraídos, os discursos do coletivo através das falas dos sujeitos e também do referencial teórico elaborado, fundamentado no pensamento de autores que tratam da temática, desvelaram-se as seguintes representações:

Os discursos analisados estão permeados pelo sentido do pertencimento e da sustentabilidade numa perspectiva socioambiental, na qual estas duas noções se relacionam interativamente. No mesmo sentido, a cada questionamento respondido o senso comum do coletivo foi se confirmando como um discurso de entendimento da profundidade da crise ambiental instaurada e do compromisso de cada um e de todos no seu enfrentamento. Por outro lado, também emerge a consciência da falta de conhecimentos e de infraestrutura oferecida pela instituição, devido ao recente processo de gestão que se instaura nas diferentes dimensões administrativas, sejam públicas ou privadas.

A compreensão do conceito de meio ambiente manifesta-se nos técnicos por um entendimento bem amplo e difuso da expressão, tal qual é o consenso de outras investigações no meio acadêmico, envolvendo o meio ambiente natural e construído, permeando o desenvolvimento de suas relações. Ao mesmo tempo, incluem, nas suas representações, valores como o desejo de harmonia, sincronismo, interação que podem ser traduzidos num sentido de pertencimento em caráter de laços afetivos, domésticos, profissionais, bem como utilitários, sem desvincular-se de uma

visão romântica e idealizada deste espaço. Nesse sentido, o coletivo de servidores analisado, ao mesmo tempo em que problematiza alguns aspectos econômicos, políticos, históricos e sociais, vivencia o seu contexto profissional numa perspectiva voltada ao conservacionismo tradicional de preservação do meio natural.

É notória a consciência de seu compromisso com a Instituição e a responsabilidade que lhe cabe, na mesma medida da necessidade de reconhecimento de sua competência e posição como profissional, cidadão, a partir da vivência como servidor público.

Nas falas dos sujeitos, encontramos sempre a reafirmação de uma disponibilidade para colocar em prática o aprendizado adquirido ou atualizado e repassá-los, atuando como multiplicadores em todas as suas relações, seja pelo exemplo, cobrando e/ou dialogando com seus pares, com todos com quem convive e interage, sejam colegas, o público atendido ou ainda estendendo isso ao seu relacionamento doméstico e social, visando a mudança de comportamentos, para novas formas de agir e se relacionar socioambientalmente.

As representações de sustentabilidade são permeadas do sentido de pertencimento ao meio ambiente institucional onde convivem e desenvolvem relações socioambientais devido ao desempenho de suas funções. Notou-se claramente, no conjunto das respostas deste coletivo, a vontade de saber como fazer melhor, como agir da maneira correta, ao mesmo tempo em que ocorre certa frustração pela falta de infraestrutura adequada ou a parceria de seus pares e/ou superiores para o desenvolvimento das ações sustentavelmente adequadas.

As práticas do coletivo investigado, sempre que possível pelas condições técnicas e tecnológicas oferecidas institucionalmente, incluem ações valorizadas na dimensão política e ética na gestão de recursos e resíduos naturais.

Os discursos analisados na perspectiva do pertencimento e da sustentabilidade, que emergiram na pesquisa, desvelaram receptividade por parte dos sujeitos para programas de formação continuada enquanto metodologia que aposta na aprendizagem a partir da valorização da reflexão e do diálogo entre a ciência e os saberes adquiridos pela prática do dia a dia. Ratificam, pois, a necessidade de persistir e intensificar as ações na dimensão de gestão/educação ambiental numa perspectiva socioambiental e política que envolva todos os segmentos.

Consideramos, entretanto, que tais aspectos precisam ser problematizados de forma crítica no que tange às reais causas atribuídas às questões ambientais que se desenvolvem em sua área de atuação. Portanto, devem ser compreendidos, na dimensão das relações de produção e consumo, a partir de uma reflexão teórica crítica capaz de potencializar a atuação profissional dos servidores em seu meio ambiente de trabalho, bem como a construção de um novo modelo de sociedade, com a formação de atores socioambientais críticos e engajados politicamente.

Sugere-se o desenvolvimento de políticas de gestão/educação ambiental a partir da compreensão dos desafios existentes no meio ambiente institucional, como aspectos que estruturam internamente o espaço público, interferindo, limitando e, muitas vezes, obstruindo a fluidez dos processos. Dessa forma (des) construindo a imagem da IFES perante a sociedade que a sustenta e para a qual suas atividades-fim se dirigem.

Urge em nível mundial a construção de um paradigma capaz de posicionar-se contra as formas tradicionais de treinamento que embasam as teorias instrucionais valorizando e reconhecendo a inter-relação existente entre a diversidade que compõe a realidade como uma compreensão fundamental para a sobrevivência do planeta.

Ao dar voz ao coletivo dos servidores da UFPel, percebeu-se presente o entendimento de que a troca de experiências é facilitadora num processo de aprendizagem coletiva de construção do conhecimento.

Considera-se fundamental o desenvolvimento de práticas educativas que potencializem de forma permanente a comunidade universitária, mediante envolvimento e participação responsável e ética nas decisões e escolhas de ações e estratégias para a melhoria constante de um ambiente saudável e sustentável, com qualidade de vida para atuais e futuras gerações.

Concluindo, compreendemos, ao longo desse estudo, que é fundamental uma dimensão educativa que possibilite o fortalecimento dos laços de interação entre os segmentos que compõem o meio ambiente universitário, começando pelo reconhecimento do potencial dos servidores TA em educação das IFES.

Para a emergência de uma comunidade universitária cidadã, consciente e comprometida socioambientalmente na construção da sustentabilidade como um todo é fundamental uma estratégia institucional que articule o conhecimento da

prática e os conhecimentos científicos para uma contextualização permanente das questões ambientais. Somente com o fortalecimento de atividades que estimulem a participação de todos os envolvidos nas práticas pedagógicas haverá a viabilização das transformações no pensamento/comportamento da comunidade como um todo. O processo educativo, neste contexto, é uma proposta possível, entretanto desafiadora, sobretudo porque provoca uma (des) construção de visões de mundo há muito arraigadas pela cultura ou pelo conforto de muitos dos sujeitos envolvidos.

Precisamos desenvolver sensibilidades que nos internalizem o sentido de que “somos seres aprendentes”, pelas palavras de Brandão (2004), e que devemos permanecer partilhando o aprendizado da vida, já que ao longo de nossas existência, nos vemos às voltas com o ensinar e o aprender, desconstruindo, (re) construindo significados, saberes, técnicas e valores diversos. Tudo isso pela posteridade de todas as espécies do meio natural do qual fazemos parte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A.M.de O. Abordagem societal das representações sociais. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 24, n. 3, p. 713-737, set./dez. 2009.

ALVÂNTARA, A. M.; VESCE, G. E. P. **As representações sociais no discurso do sujeito coletivo no ambiente da pesquisa qualitativa**. Related: www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/724_599.pdf.

ANGELONI, M. T. (org.). **Organizações do conhecimento: infra-estrutura, pessoas e tecnologias**. São Paulo: Saraiva. 2003.

ARRUDA, A. **Teoria das representações sociais e teorias de gênero**. Cadernos de pesquisa. UFRJ. n.117. nov. 2002.

ARRUDA, A. Ecologia e desenvolvimento: representações de especialistas em formação. . IN: SPINK, M.J. (org.). **O conhecimento no cotidiano: As Representações sociais na perspectiva da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1995. P. 235-265.

BOFF, L. **Ecologia, Grito da Terra, Grito dos pobres**. São Paulo, Ática, 1996.

BRASIL. Agenda ambiental na administração pública. Brasília: MMA/SAIC/DCRS/Comissão Gestora da A3P. 2007. 100p. 4ªed.

BRASIL. PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. Brasília: edições MMA, 2005.

BRANDÃO, C.R. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável**. 2.ed. – Brasília: MMA, Programa Nacional de Educação Ambiental. 2005. 181p.

_____. Prefácio. **Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Orgs.Luiz Antonio Ferraro Junior . Departamento de Educação Ambiental Vol.2.Brasilia: Ministério do Meio Ambiente, 2007. 352p.

BRÜGER, P. **Educação ou Adestramento Ambiental?** 3º ed. rev. ampl. - Chapecó: Argos. Florianópolis: Letras Contemporâneas. 2004.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Trad. Alvaro Cabral. São Paulo: Cultrix. 1982.

CARVALHO, I.C.M. Educação Ambiental Crítica: Nomes e Endereçamentos da Educação. *In: Identidades da Educação Ambiental Brasileira*/Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Phillipe Pomier Layrargues (coord). – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.156 p.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gerenciando Pessoas. Gestão de Pessoas**. 3ª ed. Rio de Janeiro. Elsevier. 2010.

CORREA, L. B. **Construção de políticas para a gestão dos resíduos em uma instituição de ensino superior na perspectiva da educação ambiental**. Luciana Bilhalva Correa. PGEA/FURG. Rio Grande. 2009. [Tese de Doutorado].

DIAS, E. A.; SOLER, A.C. P. Flexibilização da tutela jurídica das áreas de preservação permanente e direito à moradia nas cidades sustentáveis: convergência ou incompatibilidade? *In*: SOLER Antonio Carlos Porciúncula,(org) et al. **A cidade sustentável e o desenvolvimento humano na America Latina: temas e pesquisas**. Rio Grande: FURG. 2009.

DIAS, G. **Educação Ambiental: Princípios e Práticas** 9º ed – São Paulo: Gaia, 2004.

DIEGUES, A. C. **Sociedade e Comunidades Sustentáveis**. Diretor Científico do NUPAUB-USP. 2003, SP. Disponível em: <http://www.usp.br/nupaub/artigos.html>; acessado em 13 de setembro de 2011.

DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social**, São Paulo. Abril Cultural, Coleção "Os Pensadores", 1978.

DUTRA, J. C. **Gestão de Pessoas. Modelo, Processos, Tendências e Perspectivas**. 1ª Ed. São Paulo. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 48º ed. Reimpressão, 2009. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FIGURELLI, A.H. **O turismo na velhice praticado na cidade de Rio Grande e suas aproximações com os princípios da educação ambiental**. PGEA/FURG, 2009 [Dissertação de Mestrado]. Disponível em: <http://www.educacaoambiental.furg.br/>

FOUTO, A. R. F. **O papel das universidades rumo ao desenvolvimento sustentável: das relações internacionais às práticas locais**. FCT/UNL, 2002 [Dissertação de Mestrado]. Disponível em: http://campus.fct.unl.pt/campusverde/W_RIA_ARFF.doc Acesso em: 08 dez. 2005.

GADOTTI, M. **Cidadania Planetária: Pontos para Reflexão**. Texto apresentado na Conferência Continental das Américas para a Carta da Terra (Cuiabá, Mato Grosso, 30 de novembro a 3 de dezembro de 1998).

GILLY, M. As representações sociais no campo da educação. *In*: JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 2001. p. 321-341.

GONÇALVES, C.W.P. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

GRÜN, M. **A importância dos lugares na educação ambiental**. REMEA - Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. v. especial, dezembro de 2008.

GUARESHI, P. (org.). **Os construtores da informação**; meios de comunicação, ideologia e ética. Petrópolis. Vozes, 2000.

JACOBI, P. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, nº 89.p. 189-205, março/ 2003.

JODELET, D. Representações sociais; um domínio em expansão. In: _____. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001, p. 17-44.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública**; a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. **Texto em Representações Sociais**. Pedrinho A. Guareschi. Sandra Jovchelovitch (orgs.) .12 ed-Petrópolis,RJ. Vozes. p.53-72, 2011.

KRAEMER, M. E. P. **Gestão Ambiental: Um Enfoque no Desenvolvimento Sustentável**, 2004. Disponível em <http://www.gestaoambiental.com.br/kraemer.php>: Acesso em 28 de novembro de 2005.

LAYRARGUES, P.P. A resolução de problemas ambientais locais deve ser um tema-gerador ou uma atividade-fim da educação ambiental. In: **Verde Cotidiano: o meio ambiente em discussão**. REIGOTA. M. (org). 3ª ed. Petrópolis. Dp. *Et Alii*. 2008. p. 112-127.

LEFÈVRE, F., LEFÈVRE, A.M.C., **Discurso do Sujeito Coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. Coleção Diálogos. 2.ed. Caxias do Sul.RS: Educs. 2005. 256p.

LEFEVRE, A. M. C.; CRESTANA, M. F.; CORNETTA,V.K. **A utilização da metodologia do discurso do sujeito coletivo na avaliação qualitativa dos cursos de especialização “Capacitação e Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde-CADRHU”**, São Paulo – 2002. Saúde e Sociedade v.12, n.2, p.68-75, jul-dez 2003.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C.; **O sujeito coletivo que fala**. Interface comunicação, saúde, educação, v. 10, n.20, jul/dez, 2006. p.517-524.

LEFEVRE, F; MARQUES, M C. da C; LEFEVRE, A. M. C.(et.al.). **Representação social da Vigilância Sanitária pela população do município de Águas de Lindóia: Análise da percepção de alguns riscos relevantes**. Revisa, v. 1, n. 1, 2005. p. 22-30.

LEFF H. Educação ambiental e desenvolvimento sustentável. In: **Verde Cotidiano: o meio ambiente em discussão**. REIGOTA. M. (org). 3ª ed.Petrópolis. 2008. p.97-111.

LOVELOCK, J. **Gaia: um novo olhar sobre a vida na Terra**. Lisboa, Edições 70, 1987.

MAYOR, F. Preparar um futuro viável: ensino superior e desenvolvimento sustentável. In: **Conferência mundial sobre o ensino superior. Tendências de educação superior para o século XXI**. Anais. Paris: 1998.

MINAYO, M. C. S. *O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. Texto em Representações Sociais*. Pedrinho A. Guareschi. Sandra Jovchelovitch(orgs.). 12^o ed-Petrópolis,RJ. Vozes.p.73-92, 2011.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais – investigações em psicologia social**. 6^oed. Petrópolis,TJ:Vozes.2009.

PALMONARI, A.; ZANI, B. As representações sociais no campo dos psicólogos. In: JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001, p. 261-280.

PAULINO, L. F. **Representações sociais de velhice, cegueira e direitos sociais em instituições especializadas em deficiência visual** / Luciana Fernandes Paulino. Rio de Janeiro: UFRJ/CHCH/ESS/PPGSS, 2007. 268 p.[Dissertação de Mestrado].

PRADO, D. P. **A figueira e o machado raízes da educação ambiental no sul do brasil: práticas educativas e militância ambiental na perspectiva do cronista Henrique Luiz Roessler**. / Daniel da Porciuncula Prado. PPGEA/FURG. Rio Grande.2008. [Tese de Doutorado].

PQGF. Prêmio Qualidade do Governo Federal. Disponível em <http://www.mct.gov.br/Temas/info/Dsi/qualidad/pqgf.htm>. Acesso em nov. 2002.

PQSP. Programa da Qualidade no Serviço Público. Disponível em: <http://pqsp.planejamento.gov.br>. Acesso em abril 2004.

PROGRAMA da Qualidade e Participação na Administração Pública. Cadernos MARE, Brasília. 1998. Disponível em <http://www.servidor.gov.br>. Acesso em jan de 2003.

QUEIROZ, DT; VALL J, SOUZA AMA; VIEIRA, NFCR. **Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde**. Revista de Enfermagem. UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83.

REIGOTA, M. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. 2ed.São Paulo. Ed. Cortez, 2002.

_____. **O que é educação ambiental**. Coleção Primeiros Passos nº 292.São Paulo: Brasiliense, 2009 .

_____. **Meio ambiente e representação social**. Coleção Questões da Nossa Época.v.41.7 Ed.São Paulo.Cortez,2007.

SÁ, Celso Pereira; ARRUDA, Angela. O estudo das representações sociais no Brasil. **Revista de Ciências Humanas**, Série Especial Temática, Florianópolis, p. 11-32, 2000.

SÁ, L. M. *Pertencimento. Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 2005. 358p.

SALES, F.; SOUZA, F. C.; JOHN, V. M. O Emprego da Abordagem Dsc (Discurso do Sujeito Coletivo) na Pesquisa em Educação. **LINHAS**, Florianópolis, v. 8, n. 1, jan. / jun. 2007.

SANTOS, T. F. dos. **O patrimônio como estruturante das práticas pedagógicas: a(s) metodologia(s) da educação patrimonial em perspectiva desde a ótica da educação ambiental**. Tiago Fonseca dos Santos. PGEA/FURG.2012. Rio Grande, 2012. [Dissertação de Mestrado].

SEIFFERT, Mari Elizabete B. **Gestão Ambiental: instrumentos, esferas de ação e educação ambiental**. São Paulo: Atlas, 2007.

SIQUEIRA, E. F. de. **Um instrumento de gestão de pessoas: análise da carreira técnica universitária das instituições estaduais de ensino superior do estado do Paraná – IEES/PR**. Curso de Especialização em Gestão Pública. Instituto Superior de Educação do Paraná. Monografia. Maringá. 2008. Disponível em: http://www.seplag.rs.gov.br/upload/Painel_43_Ely_Siqueira_formatado.pdf. Acesso em 15 de janeiro 2012.

SOUZA, I. M. de; KOBAYAMA A. R. C. E.- **Políticas de gestão de pessoas para as universidades federais** – X Colóquio Internacional sobre Gestion Universitária em America Del Sur. Balance Y Prospectiva de La Educación Superior em El marco de los bicentenarios de America Del Sur. Mar Del Plata. 8,910 dec,2010. Disponível em http://www.inpeau.ufsc.br/wp/wp-content/BD_documentos/.../201.pdf. Acesso em janeiro, 2012.

SOUZA, Irineu Manoel de. **Gestão das Universidades Brasileiras: uma abordagem fundamentada na Gestão do Conhecimento**. 2009. 01 v. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia do Conhecimento, Departamento de Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SOUZA, C. **Políticas Públicas: uma revisão da literatura**. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 20-45;

SPINK, M. J. O estudo empírico das representações sociais. In: SPINK, M. J. (Org.) **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 85-107.

_____ Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. **Texto em Representações Sociais**. Pedrinho A. Guareschi.Sandra Jovchelovitch (orgs.).12^o ed-Petrópolis,RJ. Vozes, p.95-118, 2011.

TAUCHEN, J.; BRANDLI, L. L. A gestão ambiental em instituições de ensino superior: modelo para implantação em campus universitário. **Gestão e Produção**, v. 13, n. 3, p. 503-515, set./dez. 2006.

TAUCHEN et. at. Gestão Ambiental: Um modelo da Faculdade Horizontina. **IN: XII SIMPEP**. Baurú.SP.2005. Disponível em <http://simpep.feb.unesp.br>. Acesso em 02 dezembro 2011.

TOMANIK,E.A. Ocupação do espaço, condições de vida e representações sociais. **Rev.Ciências Humanas: Série Especial: Representações Sociais: Questões Metodológicas**.EDUFSC.2002. p.225-234.

TREVISOL, J.V. Os Professores e a Educação Ambiental: um estudo de representações sociais em docentes das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. **Papers II Encontro do ANPPAS**. São Paulo. maio/2004.GT10; 20p.

TREVISOL, J.V. & SOCOLOVSKI, M. Meio Ambiente e Educação Ambiental: um estudo de representações sociais em professores da rede municipal de ensino de Campos Novos-SC. **Revista Roteiro**. v.xxiv, n.44.Joaçaba.jul./dez.2000. 27-56p.

VIEIRA, P.F. Meio ambiente, desenvolvimento e planejamento. In: vários autores. **Meio Ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez. Florianópolis: EDUFSC. 1998.p.45-98.

VILHENA,A. Lixo Municipal: Manual de gerenciamento integrado. 3ed. São Paulo:IPT/CEMPRE, 2010. 370p.

UNESCO, **La Educacion Ambiental: las grandes orientaciones de La Conferencia de Tbilisi**. París: ONU.1980.

UICN/PNUMA/WWF. **Estratégia Mundial para a Conservação**, CESP - S.Paulo, 1980.

VERAS NETO; F.Q; BORINELLI, B. Conscientização ambiental e legitimidade da política ambiental, in Soler A.C.P,(org) et al. **A cidade sustentável e o desenvolvimento humano na America Latina: temas e pesquisas**. Rio Grande.FURG.2009.222p.

ZANELLA, A. (orgs.) **Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência**. Florianópolis: NUP/CED, UFSC, 2006 (p. 85-94).

LEGISLAÇÃO:

BRASIL. Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

BRASIL. LEI Nº 11.091, DE 12 DE JANEIRO DE 2005 - Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação, e dá outras providências.

BRASIL. **LEI Nº 8.112, DE 11 DE DEZEMBRO DE 1990** - Dispõe sobre o regime jurídico único dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais.

BRASILIA. Grupo Assessor Nomeado Por Portaria do Ministério da Educação. Presidência da República. Reestruturação e expansão das Universidades Brasileiras: Diretrizes Gerais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>. Acesso em: 11out. 2010.

BRASILIA. Subchefia Para Assuntos Jurídicos. Presidência da República. DECRETO Nº 6.096, DE 24 DE ABRIL DE 2007. Disponível em: http://www.unifesp.br/propgp/bolsas/reuni/arquivos/REUNI_decretoLei_6096.pdf. Acesso em: 06 nov. 2010.

Páginas eletrônicas:

<http://www.asufpel.blogspot.com/> , acessado em 10 de agosto 2011.

<http://www.ufpel.edu.br/gestaoambiental/>, acessado em 08 de setembro 2011.

<http://www.ufpel.edu.br/prgrh>, acessado em 08 de setembro de 2011.

http://ccs.ufpel.edu.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/jornal-ufpel_agosto-de-2011_ed-022.pdf, acessado em setembro/2011.

<http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=18>

(Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental.MMA. Agenda 21 Brasileira). Acessado em 07.11.2011.

ANEXOS

ANEXO 1 - SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO

Sujeito	Setor	Ano	Escolaridade
Tec. Lab.	FVet.	1991	2ºg
Assist.Adm..	FAEM	1992	1ºg
Eng. Agrn.	FAEM	1994	3ºg
Tec.Lab.	FAEM	1979	2ºg
M.Edif.	FAEM	1976	2ºg
Continuo	FAEM	1977	1ºg
Op. Maq.	FAEM	1974	1ºg
Vig	PRIE	1998	2ºg
Serv	PRIE	1994	2ºg
Pedreiro	PRIE	1981	1ºg
Vig	PRIE	1993	3ºg
Assist Adm	PRIE	1992	3ºg
Serv	PRIE	1993	2ºg
ContraMeOf	PRIE	1980	1ºg
BombHid	PRIE	1975	1º'
FEO	FEO	1994	2º
FEO	FEO	2006	3º
Aux Enf	HE	1994	2º
AuxEnf	HE	1994	3º
Aux Enf	HE	2004	2º
Tec.Enf	HE	2003	3º
Aux Enf	HE	1994	2ºg
Aux.Enf	FM	1994	2ºg
AuxEnf	FM	1994	2ºg
AuxEnf	FM	1994	2ºg
AuxEnf	FM	1994	3ºg
Jorn	CCS	1989	3º
Jorn	CCS	1980	3ºg
AssistAdm	PRGRH	1993	3ºg
Assist.Adm	PRPD	2004	3ºg
Copeira	PRPPG	1993	1º
Tec Adm	Centro	1979	2º

ANEXO 2 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: _____

Pesquisador Responsável: _____

Telefone para contato do pesquisador(a): _____

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa (*informar o problema específico da pesquisa*) é (*descreva de forma breve os motivos e a importância, etc.*) _____.

A pesquisa se justifica (*justifique de forma breve a justificativa da pesquisa*). O objetivo desse projeto é (*coloque o seu principal objetivo*) _____.

O(s) procedimento(s) de coleta de dados será/serão da seguinte forma: (*explicitar como serão coletados os dados: entrevistas, questionários, etc., e a frequência que o(s) participante(s) será/serão requisitados*).

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)

PARTICIPANTE:

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo _____. Fui informado(a) pelo(a) pesquisador(a) _____

dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo () Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.

Local e data: _____/_____/_____.

Nome: _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

ANEXO 3 QUESTIONÁRIO 02 DE AGOSTO DE 2010 (DE ONDE FORAM EXTRAÍDAS OS 5 IADS)*

1. ACHA IMPORTANTE PARTICIPAR DE CURSOS DE CAPACITAÇÃO NA ÁREA DE MEIOAMBIENTE?
() SIM () NÃO

2. COMO VOCÊ CONCEITUARIA “MEIO AMBIENTE”?

3. VOCÊ É PREOCUPADO COM AS QUESTÕES AMBIENTAIS EM SUA CASA? () SIM () NÃO E NO AMBIENTE DE TRABALHO () SIM () NÃO)

QUAIS SUAS ATITUDES QUE DEMONSTRAM ESSA PREOCUPAÇÃO?

4. VOCÊ ACHA POSSÍVEL COLOCAR EM PRÁTICA O QUE ACHA QUE VAI APRENDER NO CURSO?

() SIM () NÃO DE QUE FORMA?

5. ACHA QUE PODE ATUAR COMO MULTIPLICADOR E COBRAR DE SEUS COLEGAS OUTRA POSTURA COM RELAÇÃO AO MEIO AMBIENTE? () SIM () NÃO

COMO?

6. PARA VOCÊ O QUE É GESTÃO AMBIENTAL?

7. QUAIS OS TEMAS DE MEIO AMBIENTE QUE TE INTERESSAM CONHECER MAIS? E QUAIS OS QUE VOCÊ JÁ TEM CONHECIMENTO?

8. PARA VOCÊ, O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL?

9. O QUE DE PRÁTICO EXISTE EM SEU SETOR QUE PODE SER RELACIONADO À QUESTÃO AMBIENTAL?

10. DIANTE DOS GRANDES PARADIGMAS DA CRISE AMBIENTAL ATUAL, COMO A POSTURA DO SERVIDOR PÚBLICO PODERÁ FAZER A DIFERENÇA?

- As questões em grifadas em negrito foram as escolhidas para anise dos dados.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: Atividade “EU E A UFPel”



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AMBIENTAL-PPGEA
MESTRADO



Identificação

Nome: (opcional)

Unidade:

Função:

“É por intermédio das interações intersubjetivas e comunicativas entre pessoas com diferentes concepções de mundo e de relações cotidianas com o meio natural e construído; características de vida social e afetiva; acesso a diferentes produtos culturais; formas de manifestar as suas idéias; conhecimento e cultura; dimensões de tempo e expectativas de vida; níveis de consumo e de participação política, que poderemos estabelecer diretrizes mínimas para a solução dos problemas ambientais que preocupam a todos” (REIGOTA, 2007).

EU E A UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPel

Descreva como você percebe e sente o espaço que o cerca no seu cotidiano de trabalho. Pessoas, atividades, o local em si. Sentimentos em relação a esse ambiente que você ocupa para desenvolver suas atividades de trabalho, seus colegas. Suas expectativas e/ou frustrações.

Você pode manifestar-se de forma livre e criativa com uma frase, um texto, versos e/ou até mesmo através de uma imagem, um desenho...

Mestranda Daniela da Silva Pieper. e-mail: danypieper@gmail.com

Você pode enviar para este email, ou entregar diretamente no próximo encontro.

APÊNDICE 2: Instrumento de Análise de Discurso (IAD)1:

“Como você conceituaria meio ambiente?”

Todas as respostas do IAD1

(...) O meio ambiente e seus cuidados é essencial para a preservação do nosso planeta

(...) É tudo o que faz parte da nossa vida

(...) O espaço onde ocorrem as inter-relações complexas nas dimensões físicas, químicas, biológicas, sociais e políticas

(...) Como área onde se convive melhor nosso planeta

(...) o meio em que vivemos

(...) É tudo aquilo que circunda a nossa vida, seja em casa, no trabalho, no lazer, na escola; Falo da natureza, dos prédios, da cidade, dos animais, etc..

(...) é o meio onde estamos

(...) Ambiente, nossa casa, natureza, o mundo em que habitamos

(...) É para manter nos saúde no planeta para viver melhor

(...) O ambiente é o mundo em que vivemos. Finalmente o governo assinou um decreto acabando com os lixões o maior poluidor do ambiente

(...) espaço em que estamos inseridos, que nos dá abrigo que nos dá o sustento

(...) é o sistema que nos cerca, o ar, a terra, o planeta

(...) educação de vida

(...) são todos os locais que nos cercam e onde podemos interagir, não só com outras pessoas mas com animais e vegetais

(...) sincronismo; interação, seres vivos, temporal e espacial

(...) é o meio em que vivemos e devemos viver em harmonia

(...) tudo o que está relacionado a vida do ecossistema

(...) é o meio em que vivemos

(...) é o meio em que vivemos e habitamos

(...) o meio em que vivemos e retiramos nossos alimentos e nossa infraestrutura –conforto-

(...) nossa casa, nosso trabalho, o ambiente onde nós estamos diariamente

(...) é tudo que está a nossa volta e que de alguma forma interagimos

(...) situação muito preocupante. Devido ao despreparo da população em relação a este problema tão sério

(...) ambiente e o lugar onde se vive. Pode ser um ambiente natural ou forjado

(...) tudo que nos rodeia

(...) local limpo e puro

(...) é o lugar onde nós vivemos, no meio ambiente

(...) o meio em que estamos inseridos juntamente com a fauna e flora e condições climática

(...) local em que estamos inseridos por toda a extensão de nossa vida

(...) local onde vivemos ou estamos naquele momento

(...) é o espaço que nos cerca, consideradas as condições físicas, biológicas, etc..

(...) local onde estamos

(...) é o local onde vivemos

(...) educação de vida

**Quadros descritivos do Instrumento de Análise de Discurso 1(IAD1):
“Como você conceituaria meio ambiente?”**

Idéias Centrais (ICHs)

IC1: Tudo o que circunda a nossa vida, seres vivos, natureza, ambiente construído	IC2: Nos dá abrigo e sustenta	IC3: local limpo e puro
--	--------------------------------------	--------------------------------

Expressões Chaves 1 (EChs)

Discurso do Sujeito Coletivo 1 (DSC)

<p>ECh1: (...) É tudo o que faz parte da nossa vida (...) o meio em que vivemos (...) <u>É tudo aquilo que circunda a nossa vida</u>, seja em casa, no trabalho, no lazer, na escola; Falo da natureza, dos prédios, da cidade, dos animais, etc.(...) é o meio onde estamos (...) Ambiente, <u>nossa casa, natureza, o mundo em que habitamos</u> (...) ambiente e o lugar onde se vive. Pode ser um ambiente natural ou forjado (...) tudo que nos rodeia (...) é <u>o lugar onde nós vivemos, no meio ambiente</u> (...) o meio em que estamos inseridos juntamente com a fauna e flora e condições climática (...) local em que estamos inseridos por toda a extensão de nossa vida (...) local onde vivemos <u>ou estamos naquele momento</u>(...) local onde estamos (...) é o local onde vivemos (...)<u>nossa casa, nosso trabalho, o ambiente onde nós estamos diariamente</u> (...) é tudo que está a nossa volta e que de alguma forma interagimos(...) é o sistema que nos cerca, o ar, a terra, o planeta são todos os locais que nos cercam e onde podemos interagir, não só com outras pessoas mas com animais e vegetais (...) sincronismo (...) interação, seres vivos, temporal e espacial (...) é o meio em que vivemos e devemos viver em harmonia (...) tudo o que está relacionado a vida do ecossistema (...) é o meio em que vivemos (...) é o meio em que vivemos e habitamos(...) educação de vida.</p>	<p>DSC1: É tudo o que faz parte da nossa vida, o meio em que vivemos. É tudo aquilo que circunda a nossa vida, seja em casa, no trabalho, no lazer, na escola. Falo da natureza, dos prédios, da cidade, dos animais, etc. Pode ser um ambiente natural ou forjado, o meio em que estamos inseridos juntamente com a fauna e flora e condições climáticas, por toda a extensão de nossa vida, portanto, devemos viver em harmonia O local onde vivemos ou estamos naquele momento e que de alguma forma interagimos. É sincronismo, interação, seres vivos, temporal e espacial.</p>
--	---

Expressão Chave 2 (ECh)

Discurso do Sujeito Coletivo 2

<p>ECh2: O meio ambiente e seus cuidados é essencial para a preservação do nosso planeta (...) É para manter nos saúde no planeta para viver melhor (...) O ambiente é o mundo em que vivemos. Finalmente o governo assinou um decreto acabando com os lixões o maior poluidor do ambiente (...) espaço em que estamos inseridos, que <u>nos dá abrigo que nos dá o sustento</u> (...) o meio em que vivemos e <u>retiramos nossos alimentos e nossa infraestrutura (conforto)</u> (...)situação muito preocupante. Devido ao despreparo da população em relação a este problema tão serio</p>	<p>DSC2: É o espaço em que estamos inseridos, que nos dá abrigo que nos dá o sustento, onde retiramos nossos alimentos e nossa infraestrutura (conforto).O meio ambiente e seus cuidados é essencial para a preservação do nosso planeta. Para manter nossa saúde no planeta, para viver melhor. Por isso, a situação é muito preocupante, devido ao despreparo da população em relação a este problema tão serio. Finalmente o governo assinou um decreto acabando com os lixões o maior poluidor do ambiente.</p>
---	--

Expressões Chave 3 (EChs)

Discurso do Sujeito Coletivo 3 (DSC)

ECh3: local limpo e puro (...) Como área onde se convive melhor nosso planeta (...)	DSC3: local limpo e puro. Entendo como área onde se convive melhor nosso planeta.
--	--

APÊNDICE 3: Instrumento de Análise de Discurso 2(IAD2):

“Você acha que é possível colocar em prática o que acha que vai aprender no curso? Como?”

Todas as respostas do IAD2:

- (...) Sim, no que diz respeito ao meio ambiente todo esforço é possível para sua proteção;
- (...) Sim, estou um pouco sem prática pelo tempo que parei de estudar mas vou fazer o possível para ter boa qualificação.
- (...) Sim, fazendo tudo o que aprendi para melhorar o ambiente pois a natureza é linda;
- (...) Sim, pondo em prática e passando o que aprendi para outras pessoas;
- (...) Sim, imagino que aprenderei muito no curso, portanto colocar em prática creio não ser nenhum problema; Sim, tentando repassar o que aprendi;
- (...) Sim passando para as outras pessoas o que aqui eu aprender;
- (...) Sim, reciclando o lixo e por em prática o que irei aprender com o curso;
- (...) Sim, se aprendo posso ensinar posso vivenciar e conseqüentemente colocar em prática. (devo colocar em pratica)
- (...) Sim, Aplicando tudo o que for ensinado em casa e no ambiente de trabalho e passando adiante para os colegas e família;
- (...) Sim, com mais conhecimentos conseguir ser mais enfática, sensibilizar as outras pessoas sobre as questões ambientais;
- (...) Sim, ainda não sei como praticar na UFPel;
- (...) Sim, esclarecendo algumas dúvidas e aprendendo o correto com quem já sabe;
- (...) Sim, levando a informação a outras pessoas;
- (...) Sim, aplicando os conhecimentos no trabalho e em casa.
- (...) Sim, praticando e passando para outras pessoas leigas no assunto;
- (...) Sim, primeiro começa a separação do lixo no local de trabalho onde nada é feito;
- (...) Sim, participando;
- (...) Sim, em conversa no dia a dia e adotando as atitudes e procedimentos sugeridos durante o curso;
- (...) Sim, dependendo do que for tratado será muito importante a aprendizagem dentro do curso;
- (...) Sim, procurando agir certo;
- (...) Sim, reproduzindo o conhecimento nos ambientes que freqüento e questionando os gestores responsáveis pelo encaminhamento das boas práticas que podem e devem sair do âmbito individual;
- (...) Sim, aprendendo e ajudando os outros a proteger seus ambientes;
- (...) Sim, mobilizando, orientando colegas, usuários da UFPel e no âmbito pessoal da família e amigos;
- (...) Sim, tentando divulgar para as outras pessoas;
- (...) Sim, aprimorando as formas de colaborar para a melhoria do ambiente;
- (...) Sim, atuando sempre nos espaços onde vivo, orientando para reciclagem, depósito adequado de resíduos, bom aproveitamento da energia elétrica e da água potável;

(...)Sim, atuando isoladamente e influenciando outras pessoas com meus exemplos.

**Quadros Descritivos do Instrumento de Análise de Discurso 2 (IAD2):
“Você acha que é possível colocar em prática o que acha que vai aprender no curso? Como?”**

Ideia Central (ICHs)

IC1: Sim, Fazendo todo o possível: repassando os conhecimentos adquiridos no curso em todos os ambientes.

Expressões Chaves (ECHs)

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)

EChs1:(...) Sim, no que diz respeito ao meio ambiente todo esforço é possível para sua proteção. (...) Sim, estou um pouco sem prática pelo tempo que parei de estudar mas vou fazer o possível para ter boa qualificação. (...) Sim, fazendo tudo o que aprendi para melhorar o ambiente pois a natureza é linda (...) Sim, pondo em prática e passando o que aprendi para outras pessoas (...) Sim, imagino que aprenderei muito no curso, portanto colocar em prática creio não ser nenhum problema (...) Sim, tentando repassar o que aprendi (...) Sim passando para as outras pessoas o que aqui eu aprender (...)Sim, reciclando o lixo e por em prática o que irei aprender com o curso (...) Sim, se aprendo posso ensinar posso vivenciar e conseqüentemente colocar em prática. (devo colocar em pratica) (...) Sim, Aplicando tudo o que for ensinado em casa e no ambiente de trabalho e passando adiante para os colegas e família (...)Sim, com mais conhecimentos conseguir ser mais enfática, sensibilizar as outras pessoas sobre as questões ambientais (...) Sim, ainda não sei como praticar na UFPel (...)Sim, esclarecendo algumas dúvidas e aprendendo o correto com quem já sabe (...) Sim, levando a informação a outras pessoas (...) Sim, aplicando os conhecimentos no trabalho e em casa (...) Sim, praticando e passando para outras pessoas leigas no assunto (...) Sim, primeiro começa a separação do lixo no local de trabalho onde nada é feito (...) Sim, participando (...) Sim, em conversa no dia a dia e adotando as atitudes e procedimentos sugeridos durante o curso (...) Sim, dependendo do que for tratado será muito importante a aprendizagem dentro do curso (...) Sim, procurando agir certo (...) Sim, reproduzindo o conhecimento nos ambientes que frequento e questionando os gestores responsáveis pelo encaminhamento das boas práticas que podem e devem sair do âmbito individual (...) Sim, aprendendo e ajudando os outros a proteger seus ambientes (...)Sim, mobilizando, orientando colegas, usuários da UFPel e no âmbito pessoal da família e amigos (...) sim, tentando divulgar para as outras pessoas (...) Sim, aprimorando as formas de colaborar para a melhoria do ambiente (...) Sim, atuando sempre nos espaços onde vivo, orientando para reciclagem, depósito adequado de resíduos, bom aproveitamento da energia elétrica e da água potável (...)Sim, atuando isoladamente e influenciando outras pessoas com meus exemplos.

DSC1: Sim, no que diz respeito ao meio ambiente todo esforço é possível para sua proteção. Estou um pouco sem prática pelo tempo que parei de estudar mas vou fazer o possível para ter boa qualificação. Imagino que aprenderei muito no curso, portanto colocar em prática creio não ser nenhum problema. Dependendo do que for tratado será muito importante a aprendizagem dentro do curso. Aprendendo e ajudando os outros a proteger seus ambientes, pondo em prática e tentando repassar o que aprendi. Pois se aprendo posso ensinar, posso vivenciar e conseqüentemente colocar em prática (devo colocar em pratica) em casa e no ambiente de trabalho. Com mais conhecimentos, esclarecendo dúvidas e aprendendo o correto, consigo ser mais enfática, sensibilizar as outras pessoas sobre as questões ambientais. Posso colocar em prática, reproduzindo o conhecimento nos ambientes que frequento e questionando os gestores responsáveis pelo encaminhamento das boas práticas que podem e devem sair do âmbito individual. Atuando isoladamente, só para influenciar as pessoas com meus exemplos. Participando, em conversa no dia a dia e adotando as atitudes e procedimentos sugeridos durante o curso. Sim, mobilizando, orientando colegas, usuários da UFPel e no âmbito pessoal da família e amigos. Assim aprimorando as formas de colaborar para a melhoria do ambiente, posso atuar sempre nos espaços onde vivo, (por exemplo) orientando para reciclagem, depósito adequado de resíduos, bom aproveitamento da energia elétrica e da água potável. Ainda não sei como praticar na UFPel, mas fazendo tudo o que aprendi posso melhorar o ambiente pois a natureza é linda. O primeiro começa a separação do lixo.

APÊNDICE 4: Instrumento de Análise de Discurso 3 (IAD3):

“Acha que pode atuar como multiplicador e cobrar de seus colegas outra postura com relação ao meio ambiente? De que forma?”

Todas as respostas do IAD 3:

(...) Sim, no que diz respeito ao meio ambiente todo esforço é possível para sua proteção;

(...) Sim, estou um pouco sem prática pelo tempo que parei de estudar mas vou fazer o possível para ter boa qualificação.

(...) Sim, fazendo tudo o que aprendi para melhorar o ambiente pois a natureza é linda;

(...) Sim, pondo em prática e passando o que aprendi para outras pessoas;

(...) Sim, imagino que aprenderei muito no curso, portanto colocar em prática creio não ser nenhum problema; Sim, tentando repassar o que aprendi;

(...) Sim passando para as outras pessoas o que aqui eu aprender;

(...) Sim, reciclando o lixo e por em prática o que irei aprender com o curso;

(...) Sim, se aprendo posso ensinar posso vivenciar e conseqüentemente colocar em prática. (devo colocar em pratica)

(...) Sim, Aplicando tudo o que for ensinado em casa e no ambiente de trabalho e passando adiante para os colegas e família;

(...) Sim, com mais conhecimentos conseguir ser mais enfática, sensibilizar as outras pessoas sobre as questões ambientais;

(...) Sim, ainda não sei como praticar na UFPel;

(...) Sim, esclarecendo algumas dúvidas e aprendendo o correto com quem já sabe;

(...) Sim, levando a informação a outras pessoas;

(...) Sim, aplicando os conhecimentos no trabalho e em casa.

(...) Sim, praticando e passando para outras pessoas leigas no assunto;

(...) Sim, primeiro começa a separação do lixo no local de trabalho onde nada é feito;

(...) Sim, participando;

(...) Sim, em conversa no dia a dia e adotando as atitudes e procedimentos sugeridos durante o curso;

(...) Sim, dependendo do que for tratado será muito importante a aprendizagem dentro do curso;

(...) Sim, procurando agir certo;

(...) Sim, reproduzindo o conhecimento nos ambientes que frequento e questionando os gestores responsáveis pelo encaminhamento das boas práticas que podem e devem sair do âmbito individual;

(...) Sim, aprendendo e ajudando os outros a proteger seus ambientes;

(...) Sim, mobilizando, orientando colegas, usuários da UFPel e no âmbito pessoal da família e amigos;

(...) Sim, tentando divulgar para as outras pessoas;

(...) Sim, aprimorando as formas de colaborar para a melhoria do ambiente;

(...) Sim, atuando sempre nos espaços onde vivo, orientando para reciclagem, depósito adequado de resíduos, bom aproveitamento da energia elétrica e da água potável;

(...) Sim, atuando isoladamente e influenciando outras pessoas com meus exemplos.

**Quadros Descritivos do Instrumento de Análise de Discurso 3 (IAD):
“Acha que pode atuar como multiplicador e cobrar de seus colegas outra postura com relação ao meio ambiente? De que forma?”**

Ideias Centrais

IC1: Disponibilidade de ser multiplicador: pelo exemplo e pela prática, repassando os conhecimentos adquiridos no curso, dialogando, conscientizando	IC2: deve ser cobrado	IC3: explicando que é nossa culpa.
---	------------------------------	---

Expressões Chaves (EChs)

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)

EChs 1: Sim, <u>dando exemplo e praticando o que aprendi</u> (...) Sim, Passando a eles o que aprendi e me tornando exemplo (...) Sim, <u>repassando o que aprendi</u> no curso (...) Sim, ensinando o que aqui eu aprender (...) Sim, mostrando o que aprendi (...) Sim, repassando o conhecimento do curso (...) Sim, com toda a certeza posso agir como multiplicador, repassando aos meus colegas o que aprendi (...) Sim, <u>conversando e explicando os benefícios</u> de termos um meio ambiente preservado e que estas atitudes dependem de cada um de nós (...) Sim, repassando meus conhecimentos e <u>tentando motivá-los</u> (...) Sim, <u>pela conscientização</u> (...) Sim, no incentivo de separação do lixo, plantio de árvores (...) Sim, conversando com os colegas (...) Sim, Fazendo com que eles entendam o que é melhor para nosso planeta atualmente (...) Sim, dizendo como é importante nossa qualidade de vida (...) Sim, atuando no dia a dia de trabalho (...) Sim, fazendo com que ele se conscientize (...) Sim, ajudando a fazer as coisas certo (...) Sim, dando exemplo (...) Sim, explicando as consequências de algumas pessoas com meu exemplo (...) Sim, esclarecendo conceitos de preservação ambiental demonstrando praticamente (...) Sim, colocando em prática o que nos aprendemos (...) Sim, motivando-os a colaborar para a preservação do ambiente (...) Sim, lembramos sempre sobre a classificação do lixo, economizar energia elétrica, não desperdiçar água potável, não poluir (...) <u>depende como as pessoas vão aceitar</u> , mas na medida do possível sim (...)	DSC1: Sim, com toda a certeza posso agir como multiplicador, repassando aos meus colegas o que aprendi e tentando motivá-los, pela conscientização a colaborar para a preservação do ambiente. Dependendo de como as pessoas vão aceitar claro, mas na medida do possível, sim. Conversando e explicando os benefícios de termos um meio ambiente preservado e que estas atitudes dependem de cada um de nós, fazendo com que eles entendam o que é melhor para nosso planeta atualmente. Como Por exemplo, no incentivo a separação do lixo, plantio de árvores, economizar energia elétrica, assim como a não poluir dizendo como é importante nossa qualidade de vida. Dando exemplo e praticando o que aprendi, atuando no dia a dia de trabalho, ajudando a fazer as coisas certo; esclarecendo conceitos de preservação ambiental.
---	---

Expressões Chaves 2 (EChs2)

Discurso do Sujeito Coletivo 2 (DSC2)

EChs 2: Sim (...) <u>alertando a respeito do quanto nos prejudica o desperdício</u> de água potável (...) tudo que vem prejudicar o meio ambiente <u>deve ser cobrado</u> (...) <u>eu reclamo e chamo a atenção dele.</u>	DSC2: <i>Sim, alertando a respeito do quanto nos prejudica o desperdício de água potável. Pois tudo que vem prejudicar o meio ambiente deve ser cobrado. Eu reclamo e chamo a atenção dele.</i>
--	--

Expressões Chaves 2 (EChs2)

Discurso do Sujeito Coletivo 2 (DSC2)

EChs3 : Sim, <u>explicando que</u> o meio ambiente está cada vez mais poluído, <u>desastres ambientais que estão acontecendo é nossa culpa.</u>	DSC3: Sim, explicando que o meio ambiente está cada vez mais poluído, desastres ambientais que estão acontecendo é nossa culpa.
--	--

APÊNDICE 5: Instrumento de Análise de Discurso 4 (IAD):

“O que de prático existe em seu setor que pode ser relacionado à questão ambiental?”

Todas as respostas da IAD 4:

- (...) Seleta de lixo, conservação de materiais, limpeza com frequência
- (...) na verdade não existe nada muito pratico educativo, pois nada é muito cobrado, não tem quem exija e cobre dos colegas e onde a gente cobra não se leva a sério
- (...) reciclagem rigorosa do lixo
- (...) somos muito econômicos no gasto de energia elétrica e no uso do ar condicionado
- (...) o modo de tratar os colegas
- (...) nada, porque os nossos laboratórios trabalham com fungos e tóxicos e largam na pia e vai pro ambiente
- (...) tudo praticamente (restos da materiais diversos: obras, graxas, óleos, lâmpadas queimadas, etc), pois trabalho na Pró-Reitoria de Gestão e Infra estrutura. Obs. Não podemos deixar de lembrar do assunto da poda de árvores sem a devida licença ambiental
- (...) Ao trabalhar com plantas, no laboratório ter cuidado ou lidar com estas questões
- (...) reciclagem e economia de energia
- (...) Destinação de resíduos, agroquímicos – água x destiladores – necessidade de re – uso
- (...) reciclagem
- (...) coleta seletiva de lixo
- (...) drogas químicas com ácidos e outros produtos
- (...) Nada
- (...) Laboratórios de Sementes
- (...) A separação do lixo
- (...) A coleta de lixo e cuidado com reagentes mesmo que de forma incompleta e despreparado
- (...) Saber os cuidados materiais velhos, os destinos dos mesmos
- (...) Cuidado com recolhimento de materiais perfuro /cortantes e contaminados
- (...) separação e coleta de resíduos de laboratório
- (...) ambiente, lixos, descarte, área da saúde
- (...) A separação do lixo do laboratório e um projeto da pós graduação sobre plantas medicinais
- (...) A reutilização de folhas no verso em versão rascunho e a ideia de imprimir apenas se necessário, pois os meios digitais facilitam a menor utilização de papel
- (...) o setor de vigilância universitária atua em todas as instâncias ligadas ao uso do bem público
- (...) Tudo
- (...) Reaproveitamento de papeis, conservação, redução do consumo de energia, etc...
- (...) No momento não
- (...) Dispensação de resíduos na UBS, acomodação adequada até a coleta.

Quadros Descritivos do Instrumento de Análise de Discurso do IAD 4: O que de prático existe em seu setor que pode ser relacionado à questão ambiental?

Ideias Centrais

IC1: tudo	IC2: Gerenciamento de resíduos nas atividades	IC3: não existe nada muito pratico educativo, pois nada é muito cobrado
------------------	--	--

Expressões Chaves 1 (EChs)

Discurso do Sujeito Coletivo1 (DSC)

ECh1: <u>o modo de tratar os colegas (...)</u> <u>tudo praticamente</u>	DSC1: Tudo, praticamente, até o modo de tratar os colegas
--	--

Expressões Chaves 2 (EChs)

Discurso do Sujeito Coletivo2 (DSC)

EChs2: O <u>cuidado com as atividades</u> , (...) mesmo que de forma incompleta e despreparado: saber os cuidados materiais velhos, os destinos dos mesmos. Cuidado com <u>recolhimento de materiais</u> perfuro /cortantes e contaminados. (...) Dispensação de resíduos na UBS, acomodação adequada até a coleta. (...) A <u>destinação de resíduos</u> de laboratório, agroquímicos – água x destiladores – necessidade de re – uso. (...) reciclagem (...) <u>coleta seletiva</u> de lixo (...) A conservação de materiais, limpeza com frequência (...) reciclagem rigorosa do lixo; a economia de energia (...) somos muito econômicos no gasto de energia. Ao trabalhar com plantas, no laboratório ter cuidado ou lidar com estas questões: drogas químicas com ácidos e outros produtos (...) <u>reaproveitamento de papeis</u> em versão rascunho e a ideia de imprimir apenas se necessário, pois os meios digitais facilitam a menor reutilização de papel	DSC2: O cuidado com as atividades, mesmo que de forma incompleta e despreparado: saber os cuidados materiais velhos, os destinos dos mesmos. O cuidado com recolhimento de materiais perfuro /cortantes e contaminados;a dispensação de resíduos na UBS, acomodação adequada até a coleta; a destinação de resíduos de laboratório, agroquímicos – água x destiladores – necessidade de re – uso. A conservação de materiais e a limpeza com frequência, a economia de energia, somos muito econômicos no gasto de energia. O reaproveitamento de papeis em versão rascunho e a ideia de imprimir apenas se necessário, pois os meios digitais facilitam a menor reutilização de papel A coleta seletiva de lixo e a reciclagem. Ao trabalhar com plantas, no laboratório temos cuidado ou lidar com estas questões: drogas químicas com ácidos e outros produtos.
---	---

Expressões Chaves 3 (EChs)

Discurso do Sujeito Coletivo 3 (DSC)

Echs3 <u>No momento não</u> (...) na verdade não existe nada muito pratico educativo, pois nada é muito cobrado, não tem quem exija e cobre dos colegas e onde a gente cobra não se leva a sério (...) Os nossos laboratórios trabalham com fungos e tóxicos e largam na pia e vai pro ambiente	DSC3: No momento não. Na verdade não existe nada muito pratico educativo, pois nada é muito cobrado. Não tem quem exija e cobre dos colegas e onde a gente cobra não se leva a sério. Os nossos laboratórios trabalham com fungos e tóxicos e largam na pia e vai pro ambiente.
--	--

APÊNDICE 6: Instrumento de Análise do Discurso 5 (IAD5):

“Diante dos paradigmas da crise ambiental atual, como a postura do servidor público poderá fazer a diferença?”

Todas as respostas do IAD 5

- (...) Cuidando de seu ambiente no dia a dia;
- (...) adquirindo conhecimentos básicos e fundamentais e colocando-os em prática sempre;
- (...) não desperdiçando tanto material para diminuir o consumo;
- (...) sendo um multiplicador das idéias de proteção ao meio ambiente;
- (...) passando para a população todo o aprendizado que tiver;
- (...) se comprometendo e pondo em pratica tudo o que aprendeu no curso;
- (...) Se o servidor público compreende a crise preocupa-se, aprende uma nova postura: pode fazer “a” diferença, pois é servidor “público”, o exemplo;
- (...)Somos pessoas que convivemos em ambiente de ensino, possuímos boa escolaridade, portanto, podemos e devemos servir de exemplo para a comunidade onde estamos inseridos;
- (...)servidores conscientes, informados podem amenizar os efeitos da crise ambiental. Se cada um fizer sua parte, contribuimos para o todo;
- (...) agente multiplicador;
- (...) Participando de cursos como este e somando o que já sabemos para repassar;
- (...) Sendo um exemplo para a sociedade e fator multiplicador de conhecimentos;
- (...) repassando seus conhecimentos a outras pessoas;
- (...) Participando de cursos para nos atualizarmos;
- (...) Considerando que o servidor público está a serviço do Estado e da coletividade entendendo que é o papel do servidor é fundamental enquanto sujeito comprometido com estas questões;
- (...)olaborar para prevenção;
- (...)Se cada servidor fazer a sua parte já vai ser uma grande diferença;
- (...) Acredito que devêssemos ser o exemplo, o que mudaria a imagem negativa do servidor público perante a sociedade;
- (...) Atuação e comportamento mobilizador diante dos critérios e conceitos de EA;
- (...) Começando por ele mesmo ter consciência do meio ambiente;
- (...) Engajando-se, dando exemplos de atitudes preservacionistas;
- (...) Trabalhando em um ambiente de ensino, todo o espaço é pedagógico quero contribuir atuando na multiplicação deste conhecimento em todos os espaços em que eu venha a atuar;
- (...) Cada um deve fazer a sua parte por menor que seja e não esperar pelo outro, se fez certo ou errado, faça você o certo:
- (...)- aprendendo no curso
- (...) Cuidando de seu ambiente no dia a dia;
- (...) adquirindo conhecimentos básicos e fundamentais e colocando-os em prática sempre;
- (...)- não desperdiçando tanto material para diminuir o consumo;

- (...) Poderá influenciar de maneira positivo com a união de todos nós;
- (...) Integrado com a Instituição, dando um bom exemplo;
- (...) Colocando em prática os conteúdos aprendidos no curso e cobrando para que outras pessoas também o façam;
- (...) cobrando dos gestores maior controle e condições de trabalho para que o servidor não polua tanto o meio ambiente. Porque muitas vezes não tem as condições adequadas;

**Quadros Descritivos do Instrumento de Análise de Discurso 5(IAD 5):
“Diante dos paradigmas da crise ambiental atual, como a postura do servidor público poderá fazer a diferença?”**

Idéias Centrais (ICs)

<p>IC1 Ser comprometido com as questões ambientais, dando exemplo, adquirindo conhecimentos e atuando como multiplicador junto a comunidade</p>	<p>IC2: atuar em conjunto com a Instituição.</p>	<p>IC3: Colocando em prática os conteúdos aprendidos no curso e cobrando para que outras pessoas também o façam, inclusive dos gestores.</p>
--	---	---

Expressões Chaves 1 (EChs)

Discurso do Sujeito Coletivo 1 (DSC)

<p>EChs1: Cuidando de seu ambiente no dia a dia (...) <u>adquirindo conhecimentos básicos e fundamentais e colocando-os em prática sempre</u> (...) não desperdiçando tanto material para diminuir o consumo (...) <u>sendo um multiplicador das ideias de proteção</u> ao meio ambiente (...) passando para a população todo o aprendizado que tiver (...) se comprometendo e pondo em pratica tudo o que aprendeu no curso (...) Se o servidor público compreende a crise preocupa-se, aprende uma nova postura: pode fazer “a” diferença, pois é servidor “público”, o exemplo (...) Somos pessoas que convivemos em ambiente de ensino, possuímos boa escolaridade, portanto, podemos e <u>devemos servir de exemplo</u> para a comunidade onde estamos inseridos (...) servidores conscientes, informados podem amenizar os efeitos da crise ambiental. Se cada um fizer sua parte, contribuímos para o todo (...) agente multiplicador (...) Participando de cursos como este e somando o que já sabemos para repassar (...) Sendo um exemplo para a sociedade e fator multiplicador de conhecimentos (...) repassando seus conhecimentos a outras pessoas (...) Participando de cursos para nos atualizarmos (...) Considerando que o servidor público está a serviço do Estado e da coletividade entendendo que é o papel do servidor é fundamental enquanto <u>sujeito comprometido com estas questões</u> (...) Colaborar para prevenção (...) Se cada servidor <u>fazer a sua parte</u> já vai ser uma grande diferença (...) Atuação e comportamento mobilizador diante dos critérios e conceitos de EA (...) Começando por ele mesmo ter consciência do meio ambiente (...) Engajando-se, dando exemplos de atitudes preservacionistas (...) Trabalhando em um ambiente de ensino, todo o espaço é pedagógico quero contribuir atuando na multiplicação deste conhecimento em todos os espaços em que eu venha a atuar (...) Cada um deve fazer a sua parte por menor que seja e não esperar pelo outro, se fez certo ou errado, faça você o certo: aprendendo no curso (...)</p>	<p>DSC1: Servidores conscientes, informados podem amenizar os efeitos da crise ambiental. Cuidando de seu ambiente no dia a dia, adquirindo conhecimentos básicos e fundamentais e colocando-os em prática sempre. Sendo um multiplicador das ideias de proteção ao meio ambiente. Se o servidor público compreende a crise preocupa-se, aprende uma nova postura: pode fazer “a” diferença, pois é servidor “público”. Participando de cursos como este e somando o que já sabemos para repassar. Considerando que o servidor público está a serviço do Estado e da coletividade entendendo que é o papel do servidor é fundamental enquanto sujeito comprometido com estas questões. Somos pessoas que convivemos em ambiente de ensino, possuímos boa escolaridade, portanto, podemos e devemos servir de exemplo para a comunidade onde estamos inseridos. Com uma atuação e comportamento mobilizador diante dos critérios e conceitos de EA, começando por ele mesmo ter consciência do meio ambiente. Cada um deve fazer a sua parte por menor que seja e não esperar pelo outro, se fez certo ou errado, faça você o certo. Engajando-se, dando exemplos de atitudes preservacionistas, já vai fazer uma grande diferença O que mudaria a imagem negativa do servidor público perante a sociedade.</p>
---	---

Expressões Chaves 2 (EChs)

ECh2: Poderá influenciar de maneira positivo com a união de todos nós (...) Integrado com a Instituição, dando um bom exemplo;

Discurso do Sujeito Coletivo 2 (EChs)

DSC2: O servidor poderá influenciar de maneira positivo com a união de todos nós, integrado com a Instituição, dando um bom exemplo;

Expressões Chaves 3 (EChs)

EChs3:Colocando em prática os conteúdos aprendidos no curso e cobrando para que outras pessoas também o façam (...) cobrando dos gestores maior controle e condições de trabalho para que o servidor não polua tanto o meio ambiente. Porque muitas vezes não tem as condições adequadas (...). Acredito que devêssemos ser o exemplo, o que mudaria a imagem negativa do servidor público perante a sociedade

Discurso do Sujeito Coletivo 3 (EChs)

DSC3: Colocando em prática os conteúdos aprendidos no curso e cobrando para que outras pessoas também o façam. Cobrando, (por exemplo), dos gestores maior controle e condições de trabalho para que o servidor não polua tanto o meio ambiente. Porque muitas vezes não tem as condições adequadas. Acredito, também, que devêssemos ser o exemplo, o que mudaria a imagem negativa do servidor público perante a sociedade.

APÊNDICE 6: Instrumento de Análise de Discurso (IAD)6:

“EU E A UFPel”

Todas as respostas do IAD 6:

(...) “Dani é mais ou menos assim que eu vejo a nossa universidade:

A Universidade é a luz no fim do túnel

O túnel é longo, pedregoso e - por vezes, perigoso!

Mas, vendo a luz lá no fim, não há como voltar atrás

É preciso seguir em frente, pois a cada passo dado

Estamos a menos um passo do fim” **Sujeito Jornalista**

(...) “Gostaria de traduzir o que sinto, principalmente por atuar na área de recursos humanos, através do poema de Cora Coralina:

“Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar. “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”. Sujeito Assistente em Administração

(...) “Nossa sala é de bom tamanho, porém é muito fria no inverno e extremamente quente no verão. Agora, após a instalação de split e de cortinas, o ambiente tornou-se agradável, porém foram quase dois anos de verdadeiro sofrimento. Durante o verão, não adiantava ligar o ventilador e no inverno a estufa só era desligada na hora de sairmos. Este fato provoca um consumo muito alto de energia elétrica, sem contar com o desconforto causado.

Percebo que em plena luz do dia, as luzes se mantêm acesas por todo o prédio e que o desperdício é muito grande, sem contar que o que mais me choca é o mau uso do papel. Por isso, nosso grupo de estudos em educação ambiental

fez um projeto para aproveitarmos melhor o papel, economizando recursos e ajudando cooperativas.

- desconforto pelas más condições de trabalho". **Sujeito Assistente em Administração**

(...) "Eu me sinto muito bem no meu local de trabalho, realizo as minhas atividades da minha maneira como eu acho melhor, com muita tranquilidade e harmonia, convivo muito bem com os professores colegas e alunos". **Sujeito Auxiliar de Enfermagem**

(...) "Meu ambiente de trabalho é ótimo, trabalhamos com bom humor e otimismo e quando há situações que desagradam algumas pessoas paramos e tentamos resolver esta situação desagradável com conversa e respeito, nem sempre agradam a todos. Acho pontos negativos como a inveja de algumas pessoas e isso me deixa muito aborrecida, sem saber o que fazer". **Sujeito Assistente em Administração**

(...) "Ingressei na UFPel em 1995 no cargo de Auxiliar em Administração em um concurso realizado para o HE. Nesses quinze anos de trabalho, passei por diferentes setores do hospital e hoje desempenho minhas atividades no setor de rh. Durante esse período, posso afirmar que o espaço de trabalho vem melhorando em vários aspectos. Por se tratar de um ambiente que produz resíduos especiais, ou seja, que merecem maiores cuidados no seu manejo, algumas ações foram desenvolvidas com o intuito de que esses resíduos fossem manipulados de forma a garantir maior segurança ao ambiente de trabalho, e também por exigências legais que os geradores de RSSS (resíduos sólidos de serviços de saúde) devem responder. Por esse motivo, o treinamento é realizado. Mesmo com as orientações, cursos e palestras desenvolvidas sobre as questões ambientais realizadas no hospital, as ações nesse sentido ainda são modestas e poderiam ser melhoradas. Exemplo disso, é a inexistência de um trabalho voltado para o usuário do hospital, os quais são também geradores de resíduos comuns e poderiam ser aproveitados em projetos de reciclagem. Diante disso, tenho ainda a expectativa de um dia presenciar essa prática no ambiente de trabalho, com ações que alterem

hábitos que os considero inadequados por colaboradores e por usuários do hospital, como por exemplo fazer compreenderem que desligar a luz ao deixar o ambiente de trabalho é uma prática possível, simples e inteligente sob vários aspectos, mas que precisa despertar em cada um essa consciência, assim também como não esquecer a chaleira no fogão até que toda a água evapore, consumindo energia desnecessária, prática muito comum por aqui, o que me provoca muita inquietação. Acho que não tenho frustrações no ambiente de trabalho, e sim desafios possíveis de serem enfrentados e desejo de enfrentá-los”. **Sujeito Auxiliar de Enfermagem**

(...) “Vejo a UFPel sobretudo como um espaço público, ou seja, de propriedade de toda a população brasileira e, portanto, devendo ter suas ações e focos voltados para os interesses e necessidades de TODO O PÚBLICO, entendido este como toda a população nacional, sobretudo os menos favorecidos ou excluídos dos processos econômico, social e cultural. Assim, insere-se neste contexto a questão ambiental, de tremendo interesse da sociedade, que deve, portanto, ter atenção específica da Universidade enquanto instituição proponente e promotora de ações de defesa do ambiente. Cabe à Universidade, então, tomar a frente das ações de defesa, estudo (pesquisa científica) e desenvolvimento (tecnologia) no que diz respeito à sustentabilidade e defesa do mundo em que vivemos, tão explorado (às vezes muito mal) e em certos pontos quase já esgotado. Esta é a visão que tenho do papel da Universidade neste contexto, de exercer papel de liderança, vanguarda e exemplo na sociedade, enquanto instituição pública, nas questões relativas ao ambiente. E como a Universidade é formada por todos seus alunos, professores, servidores técnicos e administração, cabe a todos estes atores o desempenho do papel referido”. **Sujeito Jornalista**

(...) “Pontos positivos no ambiente de trabalho: A vantagem de trabalhar num Hospital universitário é o aprendizado da equipe que nós acabamos participando. Lidar com pessoas no início de carreira é propício para acumular conhecimento junto.

Pontos negativos: A falta de recursos de certos materiais nos procedimentos e até nas medicações” **Sujeito Técnico Enfermagem**

(...) “Em particular nosso setor conta com uma equipe unida, tolerante, que respeita as diferenças individuais, O ambiente do qual fazemos parte é favorável ao exercício o qual estamos capacitados.

Um ambiente favorável ao exercício é de suprema importância para a saúde. Ambiente e saúde são interdependentes e inseparáveis Este ambiente favorável, gera a possibilidade de expandirem sua capacidade e desenvolverem sua autoconfiança.

Educação Ambiental e educação e saúde precisam andar lado a lado, uma depende da outra, sem ambiente não existe saúde e sem hábitos saudáveis o ambiente passa a ser mero coadjuvante.

As práticas educativas devem ter a dinâmica e metodologia que favoreça o trabalho em equipe e a formação de condutas conscientes, relacionadas a valores pessoais, solidariedade, cidadania. Trata-se, contudo, do desafio de capacitar pessoas para realizarem condutas ecologicamente corretas, uma vez que o desenvolvimento se encontra continuamente estimulado, muitas vezes deixando a sustentabilidade à margem”. **Sujeito Técnico Enfermagem**

(...) “Em relação ao que faço, faço o que gosto e me qualifiquei para isto e procuro fazer o melhor sempre na direção do público atendido. Tenho bom relacionamento com todos companheirismo e respeito.

Me sinto bem fazendo as minhas atividades no HE. Acho um dos melhores lugares para trabalhar”. **Sujeito Técnico em Enfermagem**

(...) “Acredito que um dia teremos uma reitoria que tenha um interesse pela qualidade das relações de servidor e instituição, não tratando somente de expandir a universidade a qualquer custo, não prezando nem um pouco por qualidade”. **Sujeito Pró Reitoria de Infra Estrutura/PRIE**

(...) “Conscientizar, por meio de pequenas palestras que é possível produzir menos lixo utilizando a lista de “meia dúzia de ações para o futuro”.

Na realização do trabalho diário usar menos papel de embalagem”. **Sujeito Pró Reitoria de Infra Estrutura/PRIE**

(...) Desempenho Profissional

Pontos positivos: qualidade profissional da equipe; ambiente favorável de trabalho; satisfação profissional, onde podemos ajudar as necessidades dos clientes; liberdade de ação, nas atividades, com profissionalismo, respeitando a hierarquia profissional

Pontos Negativos: Dificuldades na assistência ao cliente, devido a burocracia, muitas vezes impedindo a resolução dos problemas; falta de coleguismo da equipe, principalmente quanto ao cumprimento de carga horária por alguns profissionais, diminuindo a qualidade da assistência prestada ao cliente.

Sujeito Técnico Enfermagem

(...) “Venho por meio desta para fim de falar sobre a Universidade Federal de Pelotas e sobre mim. Eu sou funcionário desde 1980. Já aprendi muito com os colegas de serviço e também ensinei os outros. E sobre o ambiente de trabalho eu me sinto muito bem. Pois é dela que eu me sustento e a minha família e cumpro com meu dever da melhor condição.” PRIE

(...) Nós estamos em fase de adaptação como o novo prédio, mas está ótimo. Tudo novo e amplo, cada vez melhorando mais e mais”. **Sujeito Assistente em Administração**

- “Trabalho na FAEM desde 1979, no dep. de ...Tenho um ambiente muito bom, colegas excelentes, me sinto em casa. Gosto do que faço, porque faço com dedicação e empenho”. **Sujeito Técnico em Laboratório**

- “Observo que no âmbito universitário ainda não vivemos um “dia a dia” sob educação ambiental, por ausência de um planejamento (?), desconhecimento e cultural; ainda faltam ser estabelecidas diretrizes mínimas mais eficientes para que as atividades de trabalho sejam estabelecidas e realizadas a curto e longo prazo. São exemplos, observados diariamente, de ações antrópicas:

- preocupação com o descarte de resíduos; re - uso da água dos destiladores; pesquisa (pós-graduação X retorno de informações (?); excesso de “criatividade prática”(AUTOCONFIANÇA) x desconhecimento teórico”.

Sujeito Engenheiro Agrônomo

(...) O meu ambiente de trabalho em relação:

Às pessoas: ambiente tranquilo na abordagem das relações humanas, pois somos poucos e não existem divergências significativas em relação as questões de trabalho. Existe amizade e companheirismo

Às atividades: as atividades são de caráter administrativo, ou seja, bem específico, sendo que excetuando algumas, as outras se repetem periodicamente. Acredito que no ambiente institucional várias ações ambientais, como a destinação correta do lixo para reciclagem, recolhimento de baterias para evitar descarte impróprio, uso otimizado da luz natural e da água (como reutilização para limpeza).

Ao local em si: minha sala em particular, como o prédio é antigo não tem boa utilização da luz do sol, o que acarreta que passamos quase o dia todo com luzes artificiais. Igualmente como conforto térmico, pois utilizamos muito os condicionadores de ar. Mas está melhorando, pois agora temos água potável sempre, o que antes não ocorria.

Como ainda existem obras e reformas prediais, encontramos presença constante do barulho e poeira, o que no início era quase insuportável, acarretando, alergias, problemas respiratórios e dores de cabeça, pois passávamos 8 horas neste ambiente.

Como nosso ambiente é público e ainda ambiente de educação superior, tenho esperança que sejamos exemplo em muitos pontos para a comunidade em geral, pois são estes cidadãos que mantêm nossa estrutura. Como universidade, temos disponíveis todas as áreas do conhecimento para nos transformarmos em exemplo de gestão, crescimento humano e instituição educacional. Frustra-me um pouco algumas atitudes de colegas, que não se dedicam tanto as suas atividades como poderiam e algumas ações precipitadas da gestão, como mudar alguns setores para este campus novo, em pleno ritmo acelerado de obras como já citei acima. **Sujeito Assistente Administrativo**

(...) “Em relação e função em que trabalho, gosto muito do que faço e tenho respeito dos meus superiores. Em relação aos meus colegas considero uma

família, pois estou aqui a mais de 40 anos com um convívio agradável, tornando meu ambiente de trabalho muito bom.

A minha expectativa é de que melhore mais para que eu possa chamar de ótimo.

A minha frustração é que ao me aposentar teria grandes perdas financeiras na minha remuneração o que impede de me aposentar mesmo tendo tempo necessário”. **Sujeito Operador de Máquinas**

(...) Que seria das estrelas se não fosse a noite escura, que seria de mim sem a Universidade. Adoro fazer parte das turmas de técnico administrativos e de um cargo simples, pois sou copeira, mas nem por isso sou tratada ou trato meus colegas com indiferença. Amo todos e sei que eles gostam de mim, cada um com seu jeito de ser e suas ocupações, mas a todos dou a mesma atenção, não tenho frustrações no meu ambiente de trabalho sou lotada na PRPPG à 17 anos e quero de Deus quizer continuar lá até me aposentar.

Neste setor encontrei pessoas que adoro amigos que quando estou precisando me estendem a mão e eu a eles.

Adoro “Minha Universidade”. É minha segunda casa, acho até que é a primeira, pois o maior tempo dos dias passo lá, e se Não estivesse na UFPel, estaria onde? Fiz concurso e hoje estou aqui na UFPel.

Universidade Querida

Fico muito feliz

Por estar junto a ti

Espero ti ver todos os dias

Linda e sorrindo pra mim.

- Sujeito Copeira

Quadros descritivos do Instrumento de Análise de Discurso (IAD): “Eu e a UFPel”⁶⁴

Idéias Centrais (ICs):

IC1: A importância do ambiente favorável ao trabalho	IC2: o desafio da gestão/educação ambiental	IC3: Sentido/afetivo utilitarista com relação ao local de trabalho	IC4: A universidade como entidade pública deveria ser exemplo
---	--	---	--

Expressões Chaves 1 (EChs1)

Discurso do Sujeito Coletivo 1 (DSC1)

<p>EChs 1: Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.(...) Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas (...) Acho um dos melhores lugares pra trabalhar; um ambiente favorável é de suprema importância para a saúde (...) possibilidade de expandir sua capacidade e desenvolverem sua autoconfiança (...) bom relacionamento com todos, companheirismo e respeito; liberdade de ação respeitando a hierarquia (...) cada um com seu jeito de ser e suas ocupações (...) faço o que gosto e me qualifiquei para isto; faço com dedicação e empenho (...) procuro fazer o melhor para o público atendido (...) não tenho frustrações no meu ambiente de trabalho, lidar com pessoas no início da carreira é propício para aumentar o conhecimento junto; já aprendi muito com meus colegas de serviço e também já ensinei os outros, quando há situações que desagradam algumas pessoas paramos e tentamos resolver esta situação desagradável (...) o espaço vem melhorando em vários aspectos, mas tenho a expectativa de presenciar um dia, ações que alterem o hábito inadequados tanto por usuários, quanto pelos colaboradores (...) falta de coleguismo de alguns, no cumprimento de carga horária, o que desqualifica atendimento (...)desconforto pelas más condições de trabalho.</p>	<p>DSC1: Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina. Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas. Desse modo, não tenho frustrações no meu ambiente de trabalho. Acho que um ambiente favorável é de suprema importância para a saúde, porque gera a possibilidade de expandir a capacidade e desenvolver a autoconfiança. Tenho um bom relacionamento com todos, companheirismo e respeito. Existe liberdade de ação, respeitando a hierarquia e as respeita as diferenças individuais. Adoro fazer parte dos técnicos – administrativos. Cada um com seu jeito de ser e suas ocupações, acho um dos melhores lugares pra trabalhar. Faço o que gosto e me qualifiquei para isto. Faço com dedicação e empenho e procuro fazer o melhor para o público atendido. Com satisfação profissional, podemos ajudar as necessidades dos clientes. A vantagem de trabalhar (nesse setor) é o aprendizado. Lidar com pessoas no início da carreira é propício para aumentar o conhecimento junto. Já aprendi muito com meus colegas de serviço e também já ensinei os outros. E quando há situações que desagradam algumas pessoas paramos e tentamos resolver esta situação desagradável com conversa e respeito, apesar de nem sempre agradar a todos. Acho que o espaço vem melhorando em vários aspectos, mas tenho a expectativa de presenciar um dia, ações que alterem o hábito inadequado tanto por usuários, quanto pelos colaboradores. Entretanto, a falta de coleguismo de alguns, no cumprimento de carga horária e o desconforto pelas más condições de trabalho, pode desqualificar o atendimento.</p>
---	--

Expressões Chave 2 (EChs 2)

Discurso do Sujeito Coletivo 2 (DSC2)

<p>EChs 2: Trata-se de um desafio capacitar pessoas para realizarem condutas ecologicamente corretas, uma vez que o desenvolvimento se encontra continuamente estimulado, muitas vezes deixando a sustentabilidade à margem (...) As práticas educativas devem ter a dinâmica e metodologia</p>	<p>DSC 2: Tenho a esperança que um dia teremos uma reitoria que tenha interesse pela qualidade nas relações de servidor e instituição; não tratando de expandir a universidade a qualquer custo, não prezando nem um pouco por qualidade. Me frustra um pouco certas atitudes de colegas que não se dedicam como deveriam e algumas ações</p>
--	--

⁶⁴ Neste Instrumento de Análise de Discurso (IAD), não transcreveremos todas as respostas com as Expressões Chaves (EChs) grafadas em *Itálico*, posto serem respostas muito longas. Este processo será devidamente mostrado no APÊNDICE 6, referente a transcrição total do DSC da questão EU e a UFPel, pgs.

<p>que favoreça o trabalho em equipe e a formação de condutas conscientes, relacionadas a valores pessoais, solidariedade, cidadania (...)Acredito que um dia teremos uma reitoria que tenha um interesse pela qualidade das relações de servidor e instituição (...) conscientizar por meio de palestras que é possível produzir menos lixo (...) ainda não vivemos um “dia a dia” sob educação ambiental, por ausência de planejamento, desconhecimento e cultural (...) excesso de “criatividade prática” (autoconfiança) X desconhecimento teórico (...) falta de recursos na hora certa (...)tenho ainda a expectativa de um dia presenciar essa prática no ambiente de trabalho, com ações que alterem hábitos que os considero inadequados por colaboradores e por usuários do setor (...)falta de recursos de certos materiais nos procedimentos (...) dificuldades na assistência ao cliente, devido à burocracia muitas vezes impedindo a resolução de problemas (...) ainda falta ser estabelecidas diretrizes mínimas, mais eficientes para que as atividades de trabalho sejam estabelecidas e realizadas a curto e longo prazo.</p>	<p>precipitadas da administração como mudar alguns setores para este campus, em pleno ritmo acelerado de obras. Portanto, ainda não vivemos um “dia a dia” sob a educação ambiental, por ausência de planejamento, desconhecimento e cultura. Há excesso de “criatividade prática” (autoconfiança) X desconhecimento teórico. Ainda falta ser estabelecidas diretrizes mínimas, mais eficientes para que as atividades de trabalho sejam estabelecidas e realizadas a curto e longo prazo. A falta de recursos materiais na hora, de certos materiais específicos, devido a burocracia muitas vezes impedindo a resolução de problemas, gera dificuldades na assistência ao cliente. Por isso, acho que trata-se de um desafio capacitar as pessoas, para realizarem condutas ecologicamente corretas, uma vez que o desenvolvimento encontra-se continuamente estimulado, muitas vezes deixando a sustentabilidade à margem. As práticas educativas devem ter a dinâmica e metodologia que favoreça o trabalho em equipe e a formação de condutas conscientes, relacionados a valores pessoais, solidariedade e cidadania. Sugiro conscientizar por meio de palestras que é possível produzir menos lixo.</p>
---	--

Expressões Chave 3 (EChs 3)

Discurso do Sujeito Coletivo 3 (DSC3)

<p>EChs3: me sinto em casa (...) minha segunda casa, acho até que é a primeira, pois a maior parte do dia, passo lá, e estou aqui há (muitos) anos (...)pois é dela que tiro o meu sustento e de minha família e cumpro meu dever na melhor condição (...) <i>A Universidade é a luz no fim do túnel</i>. É preciso seguir em frente, pois a cada passo dado, estamos a menos um passo do fim.</p>	<p>DSC3: Me sinto em casa; na minha segunda casa, (acho até que é a primeira, pois a maior parte do dia, passo lá, e estou aqui há (muitos) anos. Eu me sinto muito bem, pois é dela que tiro o meu sustento e de minha família e por isso cumpro meu dever na melhor condição. Para mim, a Universidade é a luz no fim do túnel. O túnel é longo, pedregoso e - por vezes, perigoso! Mas, vendo a luz lá no fim, não há como voltar atrás. É preciso seguir em frente, pois a cada passo dado estamos a menos um passo do fim.</p>
---	--

Expressões Chaves4 (EChs4)

Discurso do Sujeito Coletivo 4 (DSC4)

<p>EChs 4: tenho esperança que sejamos exemplos de gestão, crescimento humano e instituição educacional, pois os cidadãos é que mantém essa estrutura (...) Vejo a UFPel sobretudo como um espaço público, ou seja, de propriedade de toda a população brasileira(...)Cabe à Universidade, então, tomar a frente das ações de defesa, estudo (...) no que diz respeito à sustentabilidade e defesa do mundo em que vivemos.</p>	<p>DSC4: Vejo a UFPel sobretudo como um espaço público, ou seja, de propriedade de toda a população brasileira. A questão ambiental, de tremendo interesse da sociedade, deve, portanto, ter atenção específica da Universidade. Ela deve exercer um papel de liderança, vanguarda e exemplo na sociedade em muitos pontos para a comunidade em geral, pois os cidadãos é que mantém essa estrutura. Temos disponível todas as áreas de conhecimento para transformarmos-nos um exemplo de gestão, crescimento humano e instituição educacional. Formada por todos seus alunos, professores, servidores técnicos e administração, cabe a todos este atores o desempenho do papel referido.</p>
--	---